EÇA DE QUEIROZ

PROSAS BÁRBARAS

COM UMA INTRODUÇÃO

POR

JAIME BATALHA REIS

LELLO & IRMÃO — EDITORES
PORTO

PROSAS BÁRBARAS

A propriedade literária e artística está garantida em todos os países que aderiram à Convenção de Berna. Em Portugal, pela Lei de 18 de Março de 1911. No Brasil, pela Lei n.º 2 577 de 17 de Janeiro de 1912.

ARTES GRÁFICAS — PORTO

EÇA DE QUEIROZ

Fotografia Guedes — Porto

EÇA DE QUEIROZ

PROSAS BÁRBARAS

COM UMA INTRODUÇÃO

POR

JAIME BATALHA REIS

LELLO & IRMÃO—EDITORES
144, Rua das Carmelitas—PORTO

UMA EDIÇÃO MONUMENTAL

A EDIÇÃO COMEMORATIVA DO PRIMEIRO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DO GENIAL ROMANCISTA

EÇA DE QUEIROZ

Uma edição que não voltará a ser reimpressa. Uma edição para os bibliógrafos e para os apaixonados pelo bom livro. Uma jóia preciosa para a sua estante.

SUMÁRIO DOS 15 VOLUMES QUE CONSTITUEM A EDIÇÃO

I — O CRIME DO PADRE AMARO.
II — O PRIMO BASÍLIO.
III — A CIDADE E AS SERRAS — O MANDARIM.
IV — OS MAIAS (I VOLUME).
V — OS MAIAS (II VOLUME).
VI — A RELÍQUIA—A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES.
VII — A ILUSTRE CASA DE RAMIRES.
VIII — PROSAS BÁRBARAS — CONTOS.
IX — CARTAS DE INGLATERRA — ECOS DE PARIS — CARTAS FAMILIARES E BILHETES POSTAIS DE PARIS.
X — NOTAS CONTEMPORÂNEAS.
XI — ÚLTIMAS PÁGINAS — AS MINAS DE SALOMÃO.
XII — A CAPITAL.
XIII — O CONDE DE ABRANHOS — ALVES & C.ª — CORRESPONDÊNCIA.
XIV — O EGIPTO—CARTAS INÉDITAS DE FRADIQUE MENDES E MAIS PÁGINAS ESQUECIDAS.
XV — UMA CAMPANHA ALEGRE — (Os 2 volumes num só).

EDIÇÕES ILUSTRADAS

O CRIME DO PADRE AMARO (1 VOLUME).
O PRIMO BASÍLIO (1 VOLUME).
O MANDARIM (1 VOLUME).
OS MAIAS (2 VOLUMES).

INTRODUÇÃO

NA PRIMEIRA FASE DA VIDA LITERARIA DE EÇA DE QUEIROZ.

I

JULGARAM os Editores deste livro ser necessário explicar como ele se escreveu e denominou.

Fui talvez a testemunha mais próxima da redacção dos escritos agora reunidos em volume, e, por esse tempo, o mais inseparável companheiro do autor. Esta Introdução é, pois, uma página da sua biografia. Tento esboçar nela a figura do homem e a do escritor, — tais como as conheci, ao formarem-se as criações deste livro, — as circunstâncias e os espíritos que influenciaram a aliás extraordinária originalidade do génio de Eça de Queiroz.

Quando nos encontrámos, já estavam publicados alguns dos seus FOLHETINS na «Gazeta de Portugal», que fora fundada por António Augusto Teixeira de Vasconcelos (em Novembro de 1862),

UMass Dartmouth

4 anos antes da aparição do primeiro deles, e terminou (Janeiro de 1868), pouco mais dum ano depois da publicação do último, sendo,—em rivalidade com a «Revolução de Setembro», dirigida por Rodrigues Sampaio, — o mais brilhante periódico do tempo. A «Gazeta de Portugal» publicava, além das do seu fundador, frequentes produções de António Feliciano de Castilho, José Castilho, Mendes Leal, Rebelo da Silva, Camilo Castelo Branco, Júlio César Machado, Tomás Ribeiro, Zacarias d'Aça, Graça Barreto, Silveira da Mota, Cunha Rivara, — quase todos os consagrados de então. Os «Novos» que aí escreviam, ficavam, por este facto, para logo consagrados também. Aí primeiro apareceram no «Folhetim», triunfantemente, Mateus de Magalhães, Pinheiro Chagas, Osório de Vasconcelos e Xavier da Cunha («Olímpio de Freitas»). Todos estes escritores se continuavam uns aos outros, sem contrastes nem revoluções, apenas levemente desenvolvendo fórmulas aceites e classificadas pelos aplausos dum público hereditàriamente satisfeito.

Em 1866 a «Gazeta de Portugal» entrara, porém, em decadência; começava a viver de expedientes. Desde Dezembro de 1865 diminuiu o formato. A 14 de Julho de 1866, José da Silva Mendes Leal, poeta, dramaturgo, romancista, historiador, estadista, orador, diplomata,—para muitos, «mestre», legítimo sucessor de Almeida Garrett, — despedira-se da direcção literária que até então, pelo menos nominalmente, exercera. Os colaboradores literários mais assíduos, mais genuìnamente representantes do gosto geral, eram já então, no «Folhetim» da «Gazeta de Portugal»,

Santos Nazaré e Luís Quirino Chaves. Por essa época, Teixeira de Vasconcelos publicou aí o seu romance A ERMIDA DE CASTROMINO, *seguido, porém, desde os primeiros dias de 1866, por O* DIAMANTE DO COMENDADOR—*do visconde Ponson du Terrail...*

Repentinamente, (em Março de 1866), começaram a aparecer uns FOLHETINS *assinados «Eça de Queiroz».*

Ninguém conhecia a pessoa designada por estes apelidos que, por algum tempo, se supôs serem um pseudónimo.

Os FOLHETINS *de Eça de Queiroz foram, todavia, notados; — mas como novidade extravagante e burlesca. Geral hilaridade os acolheu desde a própria Redacção da «Gazeta de Portugal», até aos centros intelectuais reconhecidos do país, e até à parte mais grave, culta e influente do público. Para este, uma ou outra frase os arrumou logo no que então se chamava «a Escola Coimbrã», — centro literário e filosófico que se supunha dedicado a escrever de modo sistemàticamente ininteligível. Citavam-se, como modelos de cómico inconsciente, as cenas, as imagens, os epítetos desses* FOLHETINS, *lidos entre gargalhadas no Café Martinho, nas livrarias Silva, Rodrigues e Bertrand, no Grémio literário, em alguns Salões poéticos e políticos e noutros centros representativos do tempo. O Severo, — o Severo dos Anjos, — principal e célebre Noticiarista da «Gazeta de Portugal», entalando o monóculo ao canto do olho direito, inventava quotidianamente, sobre o Eça de Queiroz e os seus* FOLHETINS, *epigramas em geral adoptados; e o Teixeira de Vasconcelos, exa-*

gerando, com intenção cómica, o seu natural gaguejar, concluía:

— Tem muito talento este rapaz; mas é pena que estudasse em Coimbra, que haja nos seus CONTOS, *sempre, dois cadáveres amando-se num banco do Rossio, e que só escre...va...va...va em francês.* [1]

Pouco tempo depois de publicado o último desses FOLHETINS, *— em Dezembro de 1867, — já ninguém pensava no autor deles. Que importava ao Café Martinho, ao Grémio «suposto» literário, e aos círculos políticos, a aparição dum novo escritor com um novo estilo? Era ministro... não sei quem; discutia-se no Parlamento... não sei quê; os negócios iam andando; os namoricos e a maledicência seguiam o seu curso; a arte, serena e comedida, não sacudia os que dormitavam... e nada mais era de interesse, em Portugal, para as classes cultas.*

---

[1] *Quando, em 1875, começou na «Revista Ocidental» a publicação d'O* CRIME DO PADRE AMARO, *Teixeira de Vasconcelos escreveu: «Nasceu na «Gazeta de Portugal» Eça de Queiroz e assustou por diferentes vezes os espíritos serenos dos pacíficos leitores dela. Não passaram sem observações nossas alguns dos seus «realismos» exagerados...» «Jornal da Noite», 20 de Fevereiro, 1875, Lisboa.*

II

Eu era, por 1866, estudante em Lisboa e muito novo. Circunstâncias que é inútil mencionar me faziam frequentar a Redacção da «Gazeta de Portugal», no n.º 26 da Travessa da Parreirinha, perto do Teatro de S. Carlos.

Uma noite, junto da mesa onde escrevia o Severo, vi uma figura muito magra, muito esguia, muito encurvada, de pescoço muito alto, cabeça pequena e aguda que se me mostrava inteiramente desenhada a preto intenso e amarelo desmaiado.

Cobria-a uma sobrecasaca preta abotoada até à barba, uma gravata alta e preta, umas calças pretas. Tinha as faces lívidas e magríssimas, o cabelo corredio muito preto, do qual se destacava uma madeixa triangular, ondulante, na testa pálida que parecia estreita, sobre olhos cobertos por lunetas fumadas, de aros muito grossos e muito negros. Um bigode farto, e também muito preto, caía aos lados da boca grande e entreaberta, onde brilhavam dentes brancos. As mãos longas, de dedos finíssimos e cor de marfim velho, na extremidade de dois magros e longuíssimos braços, faziam gestos desusados com uma «badine» muito delgada e um chapéu de copa alta e cónica, mas de feltro baço, como os chapéus do século XVI nos retratos do Duque de Alba, de Filipe II de Espanha, ou de Henrique III de França.

Era o Eça de Queiroz.

Contava o quer que fosse a um tempo trágico e cómico, nervosamente, dando a espaços gargalhadas — «ricanements», como se diria em francês, — curtas e sinistras.

O Severo, de monóculo fincado no olho direito, a larga máscara gorda, amarela, irónica, dilatada, escutava-o, rindo em notas agudas.

Saí do Escritório da «Gazeta de Portugal» com o Eça de Queiroz, jantámos, passámos toda a noite juntos, e desde então, por anos, não nos separámos quase.

O Eça de Queiroz terminara em 1866 o curso de Direito na Universidade de Coimbra, e viera para Lisboa onde seu pai era magistrado. Por tradições de família, e como consequência natural dos seus estudos, deveria seguir, ele também, a magistratura oficial, ou, pelo menos, fazer-se advogado. Suponho que neste intuito frequentou algum tempo um Escritório em Lisboa.

Mas a Arte tomava-o já a esse tempo fundamente, e ia-se-lhe o tempo a ler, a cismar, a idear, a cogitar os aspectos subtis das coisas.

Eça de Queiroz morava em casa da família, ao Rossio, no 4.º andar do prédio n.º 26. O seu quarto — pequeno, com uma mesa ao centro e uma estante de poucos livros, — dava para a Rua do Príncipe. Aí foram, em parte, escritos os FOLHETINS *das* PROSAS BÁRBARAS.

III

HAVÍAMO-NOS criado um mundo como que à parte da realidade.

Quando por algum tempo nos separávamos durante o dia, reuniamo-nos logo, às horas de jantar, ou depois, num qualquer Restaurante pouco frequentado, cerca da rua larga de S. Roque ou do Chiado.

À sobremesa, o café abria-nos as regiões visionárias por onde viajávamos: O Eça de Queiroz bebia-o com atenção concentrada e reverente, curvado de alto sobre a chávena, para onde cada feição, principalmente o nariz comprido e adunco, como que se prolongava aguçada. A uma primeira chávena seguia-se uma segunda e uma terceira; e íamos exaltados para minha casa continuar a beber café, às vezes até madrugada.

Nestas circunstâncias foram criados, por Eça de Queiroz, muitos dos CONTOS agora reunidos em volume.

Eu morava no primeiro andar da casa n.º 19 da então Travessa do Guarda-Mor,[1] *em pleno Bairro Alto.*

No meu quarto de estudante[2] *havia um grande*

---

[1] *Hoje, Rua do Guarda-Mor.*

[2] *Veja-se Antero de Quental, «In memoriam». Eça de Queiroz, «Um génio que era um Santo», pgs. 499-502; J. Batalha Reis, «Anos de Lisboa». Idem, 442-445. Porto, 1896.*

armário de livros, cavado na espessura da parede, uma mesa central sobre que se escrevia, e uma secretária de feitio estranho, dada a meu pai por Almeida Garrett, usada por este para escrever de pé, que sugeriu a Eça de Queiroz a forma da mesa onde, anos depois, em Paris, quase sempre trabalhava. Uma larga janela de sacada abria para a Rua dos Calafates [1] *em frente a prédios baixos que, por isso, não impediam o acesso do ar, da luz, e a vista dum espaço aberto que dava uma impressão de vila de província. No mais próximo desses prédios moravam duas raparigas, muito novas e bonitas, a cantar, entre craveiros e manjericões, costurando activamente o dia inteiro, e por vezes, para o Eça de Queiroz e outros líricos fantasistas que me visitavam, pontos de partida de longas variações, em verso e prosa, sobre o que o mesmo Queiroz, corrigindo Gœthe, chamava o «Efémero feminino».* [2]

Certas noites, entrava o Eça de Queiroz já tarde, no meu quarto, com um rolo de papel na mão, dizendo:

— Sou eu, sim, amigo.

E aludindo aos corvos, milhafres, gaviões que, com tanta frequência, fantàsticamente, apareciam nos seus CONTOS, *acrescentava:*

— Sou eu e os meus abutres: Vimos criar, devorando cadáveres!

Muitas coisas preocupavam o Eça de Queiroz, quando trabalhava:

---

[1] *Hoje, Rua do Diário de Notícias.*

[2] *A* CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES, *pg. 395 da Edição do Centenário.*

Durante tempos só pôde escrever em certo almaço, que ele próprio ia comprar a uma pequena loja de chá e papel selado, no n.º 41 da rua larga de S. Roque.

Havia de sempre entrar no meu quarto com o pé direito, suspendendo-se, por isso, no último momento, recuando o agourento pé esquerdo, quando já este inoportunamente se adiantasse e fazendo hesitante e confuso, ao passar enfim a porta, um ruído de inexplicável trepidação. Tinha o terror das correntes de ar, e andava contìnuamente a fechar a janela, ou as portas, a mudar a posição da cadeira onde se sentava, murmurando em voz cava:

— É a pneumonia, a congestão pulmonar fulminante, — a morte, menino!

A luz do candeeiro de petróleo que eu usava, feria-lhe a vista; de modo que, a fim de concentrar a claridade sobre o papel em que escrevia, ou sobre o livro em leitura, prolongava, do seu lado, o «abat-jour», com longas tiras de papel. Não podia suportar poeira nas mãos e erguia-se amiúde da mesa para ir, cuidadosamente, — interrompendo a composição, mas recitando em voz alta as frases já escritas, — lavar as pontas dos dedos. Fumava constantemente cigarros, enquanto trabalhava, inclinado sobre o papel que olhava muito de perto. E, uma vez embebido nas suas criações, não falava, não escutava, não atendia a coisa alguma, — embrulhando o cigarro, indo lavar as mãos ou fechar a porta, passeando pela casa, sempre muito curvo, dando passadas altas e largas, fazendo gestos de dialogar com alguém invisível, resfolegando ruidosamente, abrindo muito

os olhos, elevando e baixando nervosamente as sobrancelhas, as pálpebras, e as rugas horizontais da testa, onde ondulava, convulsa, a sua madeixa corredia, negra e triangular.

Escrevia com extrema facilidade e, nesta época, emendava muito pouco: As imagens, os epítetos ocorriam-lhe abundantes, tumultuosamente, e ele redigia rápido, insensível a repetições de palavras e rimas ou a desequilíbrio de períodos sem exigéncias críticas de forma, aceitando, comovido, o que tão espontâneamente, tão sinceramente lhe ocorria.

Quando, nessas noites, ele me lia alguns dos seus CONTOS, *a figura e a voz completavam-lhe as fantásticas criações: Erguia-se quase nos bicos dos pés, de uma magreza esquelética, lívido — na penumbra das projecções do candeeiro, — os olhos esburacados por sombras ao fundo das órbitas, sob as lunetas de aro preto, o pescoço inverosìmilmente prolongado, as faces cavadas, o nariz afilado, os braços lineares, intermináveis. Então, com gestos de aparição e espanto, a voz lúgubre, sentimental, — enfàticamente patética, ou gargalhando sinistramente, — declamava.*

Às vezes, alta noite, quando a excitação do trabalho e do café nos havia quase alucinado, saíamos pelas ruas desertas do Bairro Alto, — ou estendíamos as nossas explorações à Mouraria, à Alfama, em volta da Sé e pelas encostas mouriscas e fadistas do Castelo de São Jorge, a examinar a fisionomia fantástica, e quase humana, das casas antigas, algumas ainda então, nesses bairros, mais ou menos medievais.

«As casas, sem luz,—escreveu Eça de Queiroz então, [1] *— têm o aspecto calmo e sinistro dos rostos idiotas.»*

Duma vez, quase de madrugada, seguindo no Bairro Alto a Rua de São Boaventura, divisámos ao longe, junto ao Pátio do Conde de Soure, uma fila de homens agigantados, segurando como que longas e grossas lanças, cujos ferros se perdiam talvez na atmosfera mal-alumiada e cujos contos se esfumavam na massa confusa do que parecia ser nuvens rasteiras... Estes homens apareciam-nos apenas esboçados por grandes massas de sombra e luz... De alguns saíam barbas hirsutas... Estavam imóveis... Tivemos a impressão dum quadro sobrenatural... Aproximámo-nos... Eram varredores municipais que esperavam, encostados às vassouras, a hora de se dispersarem pela cidade.

Nas noites mais serenas, — nas noites de luar, — saíamos da cidade e íamos pelos campos e pelos montes, ou ao longo das margens do Tejo, conversando, improvisando, até nascer o Sol.

De ordinário, nas noites de composição e conversa mais absorventes, ou em seguida às nossas divagações paripatéticas, o Eça de Queiroz dormia em minha casa. E havia, para ele, ritos determinados no modo de dispor a roupa que despia, antes de se deitar, colocando os punhos sobre uma mesa pela ordem porque os tinha usado, no braço direito e esquerdo respectivamente, e dispondo as botas à porta; — para que o meu criado as limpasse, de manhã, sem nos acordar, —

---

[1] *Pg. 161 do presente volume.*

também, pelo mesmo método, ordenadamente emparelhadas.

E ao meter-se na cama, para explicar os seus movimentos supersticiosos, murmurava persignando-se:

— É preciso obedecer com fé e sem exame às leis subtis das coisas. Ninguém sabe exactamente, menino, de que possa depender o curso dos acontecimentos, e o mistério complicado dos Fados.

Na época em que se publicaram os FOLHETINS *da «Gazeta de Portugal», eram poucos os amigos que frequentavam a minha casa. O mais assíduo era, por esse tempo, — além de Eça de Queiroz, — o Salomão Saraga que, quando aparecia, nos explicava com veemência, prolixamente, simultâneamente, a construção de carruagens, o livro do Profeta Isaías, a fabricação de tecidos com desperdícios de lã, os Historiadores de Israel e das origens do Cristianismo.*

De tempos a tempos, o Eça de Queiroz dizia-me:

— Estamo-nos tornando impressos. Basta de ler e imaginar. Precisamos dum banho de vida prática. É-nos indispensável o acto humano, — inverosímil, se for possível, — a aventura, a lenda em acção, o herói palpável: Vamos pois cear com o capitão João de Sá, — o João de Sá Nogueira, — d'Artagnan de África em Lisboa com licença registada.

E íamos, com efeito, encontrar este nosso amigo, oficial do Ultramar, que à ceia nos contava, — durante o bacalhau com batatas, o meio bife, e o Colares, — as pitorescas aventuras das suas viagens pelos sertões de Angola.

IV

HAVENDO eu pertencido à primeira geração afectada pelos escritos de Eça de Queiroz, as recordações do meu sentir de então possuem talvez algum valor histórico.

Os anos de 1866 e 1867 são datas capitais na história da educação do meu espírito. A predominante paixão pela música ligara-me a Augusto Machado, que estudava então piano e harmonia com dois dos melhores mestres da especialidade em Lisboa.

Nesta cidade floresciam, por esse tempo, o «Pot-pourri» e as «Variações». A sensibilidade pública alimentava-se de inumeráveis «Réveries» musicais. O grau supremo do patético geralmente conhecido ao piano atingia-se com os «Nocturnos» de Ravina e Döhler. Os arranjos operáticos de Thalberg e Liszt eram o ideal raras vezes realizado. Nas salas cantavam-se romanzas de Campana e árias teatrais. A suprema forma de arte era, para Lisboa, a ópera italiana. Meyerbeer, — autor de óperas italianas, — passava por ser o mais genial representante da profunda e obscura arte alemã.

Ora em 1867 Augusto Machado, ao voltar de Paris, onde cursara piano, harmonia e composição com Alberto de Lavignac e outros, trazia, como repertório de estudo, os «Prelúdios» e «Fugas» de Bach; as «Sonatas» de Mozart e Beethoven, as obras de Mendelssohn, Schumann e Chopin.

Os FOLHETINS *de Eça de Queiroz fizeram-me uma impressão só comparável, em profundidade e consequências subjectivas, à que, justamente pela mesma época, me fazia a descoberta das obras dos grandes criadores da música moderna.*

Esses FOLHETINS *foram-me uma revelação, — não tanto nos assuntos e na intenção, como no poder de realização artística: enfim encontravam formas e cores intensas de expressão, factos, antes, na Literatura portuguesa, muito insuficientìssimamente revelados.*

Pelos pontos de vista, pelo estilo, esses FOLHETINS *eram, ainda no ano de 1866, uma quase inteira novidade para os Leitores da língua portuguesa; — como haviam sido, para todo o sul da Europa, à aparição do «Romantismo» francês nos primeiros anos do século* XIX, *as mesmas ideias e estilos semelhantes.*

Nesses primeiros escritos Eça de Queiroz era, na verdade, o que geralmente se denomina um «Romântico». Ele próprio dizia da época imediatamente anterior:

«Naqueles tempos o «Romantismo» estava nas nossas almas. Fazíamos devotamente oração diante do busto de Shakespeare.» [1]

E, então mesmo, achava ser preferível, «à saúde vulgar e inútil que se goza no clima tépido que habitam Racine e Scribe... a doença magnífica» que leva ao «hospital romântico...» [2]

---

[1] *Veja-se pg. 185 do presente volume.*

[2] *3 de Novembro de 1867, pg. 194 do presente volume. Veja-se também a «Carta a Carlos Mayer», pgs. 185-197.*

Com efeito, por uns dois séculos, pareceu gozar-se nas regiões mais evidentes da Literatura, uma inalterável saúde. Só certos factos do espírito perfeitamente determinados, — só as ideias e os sentimentos susceptíveis de clara determinação, — eram nessa Literatura expressos. Os meios de expressão usados, os vocábulos e os seus grupamentos, os géneros literários, — tudo parecia claramente, definitivamente assente, segundo normas antigas e, por isso, venerandas, num sistema de simetria, de equilíbrio, de ordem, aplicável sem hesitações, com o mínimo esforço, na mais segura tranquilidade. Assim viveu na Europa, em geral, a gente culta, do século XVI ao século XVIII.

Começaram pelos meados deste, a mostrar-se nos espíritos sinais inquietadores: Além das ideias completamente compreensíveis e dos sentimentos inteiramente claros, outras ideias e outros sentimentos se impuseram à expressão dos Literatos. Entre as grandes formas dos afectos, como entre as cores mais vivas, distinguiram-se transições e meias-tintas. Os homens não pareceram estar sempre, ou exuberantemente alegres, ou definitivamente tristes. Havia comoções de sentimentos intermediários ao amor e ao ódio. Entre o preto e o branco descobriram-se gradações infinitas.

Cada ideia classificada, cada sentimento catalogado antes, começou então, pouco a pouco, a mostrar-se centro de grandes grupos psicológicos, de factos espirituais diversamente complexos, susceptíveis de definições variáveis, expressas por séries simbólicas de clareza decrescente: uns que podiam ser nìtidamente, — como que linearmente,

— desenhados, inteiramente descritos, completamente iluminados; outros que só podiam indeterminadamente sugerir-se, sumàriamente indicar-se por vagas massas de cor, de sombra e de luz; uns que são as ideias e os sentimentos que todos os homens conscientemente reconhecem como a matéria superficial da existência; outros mais ou menos inconscientemente dominantes, sem nome ou descrição que os esgote, prolongando-se pelas profundidades insondáveis e inexpressíveis das almas.

Do conhecimento destes estados mais subtis e raros do espírito, resultou, inevitàvelmente, a sua cultura intencional; os sistemas nervosos pareceram desenvolver-se em direcções anormais; e imprevistas, ou mais conscientes vibrações vieram impor-se, criar ou tornar complexas e mais conscientes as nevroses.

Novas formas de expressão foram necessárias, não só para os novos estados da consciência, mas porque cada espírito começou a sentir e a pensar independentemente, reconhecendo dever procurar por si,—por isso, quanto possível fora de fórmulas e regras já feitas, — os termos que mais exactamente lhe simbolizassem as concepções pessoais.

Toda esta revelação espiritual, — toda esta descoberta de regiões ignoradas ou indolentes dos espíritos, toda esta aparição de aspirações, de incertezas, de incoerências novas, toda esta quebra de moldes, todo este desequilibrar de forças e simetrias, inúmeras afirmações de personalidades — pareceu às gentes cultas, serenas e clàssicamente imitativas, um grande achaque mental, ou variadas doenças nervosas que atacassem a humanidade.

A este estado dos espíritos e da consequente Literatura deu-se, como é sabido, o nome de «Romantismo», — facto estético, ainda hoje em busca de suficiente definição, mas que, pelo que deixo explicado, me parece poder essencialmente definir-se a «procura directa» de «formas de expressão», para todos os sentimentos e todas as ideias, por isso, para as «mais íntimas ideias» e os «mais vagos sentimentos» do ser humano.

Muitos pretendem que essa doença moral foi apenas, nos fins do século XVIII, a reincidência da epidemia que devastara a Europa durante o período secular desdenhosamente denominado, por os saudáveis neo-greco-romanos, a «Idade Média», escura, a época de transição, que em História há a considerar entre os dois períodos clássicos de suposto equilíbrio e saúde normal.

O «Romantismo» pareceu ser, geralmente, a ressurreição idealizada dessa história mórbida «Idade Média».

É que, durante esta, gradualmente se formaram as nações modernas da Europa, na sua íntima complexidade sentimental. Nelas as forças humanas, — com o integral resultado de forças naturais que são, — deram forma aos mais íntimos sentimentos do espírito. Os povos haviam vivido tradicionalmente mergulhados nas criações completas das suas artes e das suas religiões: haviam amado, adorado, temido, trabalhado, lutado, cantado, dançado, cercados por todas as vibrações inconscientes das suas fantasias; haviam formado com a interpretação dos aspectos naturais, com os génios, e as fadas de mil religiões evolutivas, os novos santos milagrosos e cristãos; haviam sentido em

cada ser, orgânico ou mineral, real ou fantasiado, propício ou hostil, influências humanas, e haviam-se suposto indissolùvelmente solidários com uma natureza sempre animada, por onde os próprios cadáveres evolutivos se dispersavam em pulverizações de espíritos e actividades.

Estas manifestações da vida espontânea dos povos durante a Idade Média, sem dúvida solicitaram a interpretação dos «Românticos», cuja razão de ser, cuja missão era também, como já mostrei, expressar completamente, até aos mais profundos e subtis, todos os factos espirituais.

Mas o chamado «Romantismo» deu-se na Europa dos fins do século XVIII aos anos de 1830 ou 1850, modificando, durante esse tempo, a Literatura do remoto Portugal. Que novidades podia pois ainda apresentar o «romântico» Eça de Queiroz, aos «românticos» portugueses de 1866?

É o que vou explicar:

O Romantismo tomou, primeiro, corpo saliente, ao Norte da Europa, e só depois se estendeu ao Sul. Veio dos países de luz atenuada e névoas visionárias, indeterminadoras de formas e de cores, para as terras do sol brilhante, atmosfera límpida, formas vincadas e cores elementares.[1]

Nesta descida através das latitudes, as ideias foram ganhando nitidez, definição, brilho, — e correlativamente perdendo meias-tintas, claro-escuro, indeterminação. Os sentimentos, trans-

---

[1] *«Na Europa o Sul representa... a maneira de ser exterior, como o Norte representa o vago sentimento íntimo...» Eça de Queiroz, «Da Pintura em Portugal», «Gazeta de Portugal», 10 de Novembro de 1867.*

portados com simplificações lúcidas à superfície dos espíritos, pelos artistas das terras do Sul, perderam muitos dos nimbos esfumados, muitas das atmosferas de atenuada iluminação, que os rodeiam nas regiões profundas onde eles nascem completos. Enquanto o Norte expressava tudo o que nas ideias é quase apenas sugerível, o Sul tão sòmente aproveitou o que pode nìtidamente descrever-se. Os «Românticos» das raças do Sul da Europa começaram a fazer assim, mais uma vez, por uma fatalidade atávica e climatérica, o que os antepassados cultos de muitos deles completamente consumaram, muitos séculos antes, na construção equilibrada e nítida do Classicismo greco-romano, sobre a atrofia estética e religiosa de exuberantes regiões da alma humana, pela redução das misteriosas formações místicas do Oriente, da Hélade e da Itália, aos moldes retóricos, às esculturas luminosas mas frias, e às biografias anedóticas dos obscuros politeísmos heróicos.

Eis por que tantos românticos portugueses, — no extremo dos países claros do meio-dia, [1] *— só foram superficialmente românticos.*

Nas partes mais profundas, mais obscuras, mais indeterminàveis do espírito, para além do real, do lógico, do coerente, do explicável, — como que para preencher as lacunas deixadas no completo da totalidade psíquica, pelas definições

---

[1] *«...Nós... os que estamos neste canto da velha terra portuguesa, com a alma serena, sob o céu claro...» Eça de Queiroz, «Sinfonia de Abertura», «Gazeta de Portugal», 7 de Outubro, 1866.*

fragmentárias do compreensível, — existem com efeito, infinitamente, as necessidades misteriosas do contraditório, do sobrenatural, do maravilhoso.

É para as satisfazer que todos os povos criam, fatalmente, formas estéticas e religiosas especiais, e é delas que todo o homem completo se sente, por vezes, essencialmente possesso.

Estas formas constituem a «Arte» e a «Literatura mística e fantástica».

A França — a mais ao norte das Nações definidoras, — recebeu, em grande parte, a sua «Literatura fantástica» da Alemanha. Da Alemanha, por intervenção da França, a recebeu Portugal. Teve ela, de 1866 a 1867, em Eça de Queiroz, o seu mais genial representante português.

E porque essa Literatura me punha em vibração tantas faculdades íntimas e latentes, me comoveu ela, — a mim e a outros espíritos contemporâneos da minha primeira mocidade, talvez por educação, e quem sabe se por atavismo, não inteiramente, ou não exclusivamente filhos das raças e dos climas claros e analíticos do Sul.

V

ASSIM as primeiras influências que actuaram em Eça de Queiroz, — aquelas que mais evidentemente se reconhecem nas suas primeiras criações literárias, os escritores de cuja frequentação eu posso dar testemunho, — foram princi-

palmente, Henrique Heine, Gerardo de Nerval, Júlio Michelet, Carlos Baudelaire; mais distantemente, ou mais em segunda mão, Shakespeare, Gœthe, Hoffmann, Arnim, Poe, e, envolvendo tudo poderosamente, Vítor Hugo.

A maior influência nesse período sobre Eça de Queiroz, — a de Heine, — foi também considerável sobre alguns dos seus mais ilustres contemporâneos e amigos. Vê-se nas poesias, mais tarde reunidas por Antero de Quental sob o nome de «Primaveras românticas», e no que este diz da sua própria obra, nas páginas biográficas que estão publicadas; [1] *vê-se também nas poesias primeiro escritas para o «Século XIX», de Penafiel, de 1864 a 1865, e depois coligidas, com o título de «Lira meridional», por António de Azevedo Castelo Branco.*

Eça de Queiroz não sabia alemão e as obras de Heine adquirem nas traduções francesas, — algumas feitas pelo próprio autor, outras por este em colaboração com Gerardo de Nerval, — um carácter novo.

Heine é para mim, — e não é para todos ainda hoje, mesmo na Alemanha, — um dos maiores escritores das línguas germânicas. Traduzi-lo é, sem dúvida, empobrecê-lo: foi ele quem disse que «um verso traduzido é um raio de lua... empalhado». Mas as qualidades musicais de som e ritmo que as suas obras perdem, ao passar para o francês, são substituídas por outras: a singeleza patética como que se torna mais dolorosa à

---

[1] *«du Heine de deuxième qualité». Antero de Quental, «Carta a Wilhelm Storck», 14 de Maio, 1887.*

Heine

claridade nítida da nova língua; o humorismo, a um tempo irónico e ingénuo, como que se faz mais subtil nas formas do espírito latino; os versos, passados a prosa de ritmos incertos, como que adquirem uma indeterminação, um vago especial que faz lembrar versículos bíblicos. Recordo-me da impressão nova que me fizeram as poesias de Heine, — que eu decorara no Colégio alemão, onde fui educado — quando Eça de Queiroz mas deu a conhecer em francês; e duma noite em que ele me declamou enfàticamente, quase com lágrimas, traduzindo-as para a sua prosa fantástica de então, as páginas dos «Reisebilder» onde Heine, — a quem a música sempre sugeria formas e cores literárias definidas, — conta as transformações porque a seus olhos passara, num concerto, Paganini, tornado pela evocação da sobrenatural rabeca, em galã cortejante do século XVIII, assassino por ciúmes, forçado, monge solitário junto ao mar e sob as abóbadas de catedrais, génio planeta entre as harmonias apoteóticas das esferas, ou figura curva, humilde e grotesca, agradecendo os aplausos dos auditórios. Em muitas páginas das PROSAS BÁRBARAS *se encontra a influência desta lenda fantástica de Paganini. O conto a* LADAINHA DA DOR, *que tem o próprio Paganini por assunto,* [1] *é directamente inspirado por Heine e por Berlioz.* [2] *AS* NOTAS MAR-

---

[1] *Pgs. 81-96 do presente volume.*

[2] *H. Heine, «Reisebilder». «Les nuits florentines», II, 316-330,(cito a tradução francesa que Eça de Queiroz conheceu); H. Berlioz, «Les Soirées de l'Orchestre» — 16.ª, «Paganini», pgs. 218-219, 2.ª ed. Paris, 1854. Depois de*

GINAIS[1] *parecem estâncias traduzidas do «Intermezzo» ou do* LIVRO DE LÁZARO.

Gerardo de Nerval foi, como se sabe, um dos iniciadores directos da França no «Romantismo» germânico. Foi ele o primeiro tradutor francês do FAUSTO *de Gœthe, e, como já disse, colaborador, na tradução francesa, de algumas das obras de Heine.*

É evidente, nas páginas das PROSAS BÁRBARAS, *a influência dos próprios escritos originais de Gerardo de Nerval, principalmente a dos misteriosos e fantásticos sonetos que começam:*

Je suis le ténebreux, le veuf, l'inconsolé,
Le Prince d'Aquitaine à la tour abolie...
Ma seule étoile est morte, et mon Luth constellé
Porte le soleil noir de la mélancolie...[2]

---

contar o episódio diferente e menos fantástico do que Eça de Queiroz o fez, Berlioz escreve: «Supposez Théodore Hoffmann à ma place: quelle touchante et fantastique élégie il eût ecrit sur ce bizarre incident» p. 219.

[1] *Pgs. 55-67 do presente volume.*

[2] *Veja-se pg. 62, XV; 65, XX; e «passim», no presente volume.*

«Luzia um grande sol, mas negro; o sol da melancolia...» «Sinfonia de abertura», «Gazeta de Portugal», 7 de Outubro 1866.

«Un affreux soleil noir d'où rayonne la nuit!»

VÍTOR HUGO, «Les Contemplations» (ce qui dit la bouche d'ombre).

A expressão «Sol negro» é hoje, em parte, cientìficamente verdadeira: os raios ultravioláceos da luz polar, podem chamar-se negros, e não são nem luminosos, nem quentes.

Júlio Michelet, pela originalidade, pelo poder evocador do seu estilo, pelo dom de criar vida íntima e fantástica, pela ressurreição mitográfica e profunda, — sobretudo, nos 8 primeiros volumes da sua «História de França» — da «Idade Média», da «Renascença» e da «Reforma», — e, na «Sorcière», pela materialização sentimental e pela explicação, a um tempo natural e visionária, da vasta lenda do Diabo, — foi um dos pais artísticos do primeiro Eça de Queiroz.

H. Heine, — judeu alemão que aliás alguns críticos chegam a considerar um espírito francês, — Gerardo de Nerval e Júlio Michelet representam, em França, profundas influências germânicas. Foi na forma vaga, íntima e completa das suas obras, que o «Romantismo fantástico» principalmente impressionou a Eça de Queiroz.

Por toda a parte, nos escritos das PROSAS BÁRBARAS, *se encontram os mitos, as cores e formas do maravilhoso popular germânico, os aspectos evocadores da natureza alemã, as personalidades da História do Norte da Europa localizando, a cada passo, as fantasias do romântico português: São as Nixes, as Wilis, os Elfos, as Ondinas, «as velhas mitologias do Reno», «as Monjas dos conventos da Alemanha a quem o diabo escreve», «o abade de Helenbach», «as abadessas de Vecker a quem o diabo faz sonetos», «as mães melodramáticas dos Burgraves», «os Pastores de Helyberg», «o abade de Tritheim vendendo a alma pelo segredo da circulação do sangue», — que passam de contínuo nas narrações; e «as encruzilhadas da Alemanha», «as encruzilhadas da floresta negra», «as florestas da Turíngia», «os prados hircínios»,*

as alturas de Borxberg, onde a 30 de Abril se encanta a assembleia de Valpurgis, as catedrais da Alemanha, o Reno, o Mar do Norte, «a Alemanha onde nasce a flor do Absinto», onde se ouvem as velhas baladas da Turíngia e a guitarra de Inspruck, onde «a poesia popular foi a invisível que levou pela mão os trovadores... às lareiras dos senhorios feudais...», «às brancas castelãs onde vão os «Minnersingers» errantes», onde se celebram as «quermesses de Leipzig» e se bebe a «cerveja de Heidelberg», onde Alberto Dürer desenhou a sua «Melancolia», onde correm as caçadas fantásticas do «Freischütz» e passam os imperadores do Santo Império, «Fausto», «Mefistófeles», «Margarida», Lutero... Spohr, Weber...

O conhecimento directo das poesias de Carlos Baudelaire e a sua influência considerável em Eça de Queiroz, [1] *só se deu duma maneira importante, depois da dos autores que acabo de mencionar. A edição em volume das* FLORES DO MAL *só tarde lhe chegou às mãos. Recordo-me, na falta dela, de passarmos muitas noites na Biblioteca do Grémio Literário, procurando, em colecções antigas de Revistas francesas, as poesias que Baudelaire aí havia pela primeira vez publicado.*

Carlos Baudelaire foi um escritor essencialmente francês. Frio, impassível, correcto de maneiras e «toilettes», preocupado com a realização duma certa simetria de forma, o mistério, o fantástico, foi, por ele, apenas intelectualmente sen-

---

[1] *Veja-se pgs. 59, VIII; 139, 148, e «passim» do presente volume e A* CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES, *«Introdução», «passim».*

tido. Penetrou, sem dúvida, em profundas, tenebrosas e inexploradas regiões do espírito; mas para principalmente revelar o que nelas é capaz de expressão lùcidamente estranha. Nele o delírio é sempre crítico, a nevrose intensa, mas metodizada; as poesias, como se sabe, foram primeiro substancialmente redigidas em prosa. Criou na arte o «frisson nouveau» que Vítor Hugo celebra, mas compõe-no rigorosamente segundo as melhores formas da sábia língua francesa, com sintaxe directa e rimas ricas, pé a pé, vibração a vibração. [1]

São, porém, estas qualidades especiais que tornam decisiva a influência de Carlos Baudelaire sobre Eça de Queiroz, mais tarde, no período de transição, quando, gradualmente impressiona pelo «Realismo» e por Gustavo Flaubert, ele justamente denominou já então crìticamente a presente colecção de escritos.

Exerceu-se no mesmo sentido a influência das obras de Edgar Allan Poe, que Eça de Queiroz, — ainda então ignorante de inglês, — só conhecia pelas traduções francesas do mesmo Baudelaire. A nitidez fria com que o espírito americano determinou o nevrosismo das «Histórias extraordinárias», acentua-se ainda mais, — privada, em todo o caso, da indeterminação literária e flutuante da língua inglesa, — nas formas lógicas e lapidares dum dos mais claros escritores da França.

---

[1] *«...Baudelaire, poeta retórico...» A. Z. (Eça de Queiroz) «Leituras modernas». «Distrito de Évora», 6, Janeiro 1876, pg. 2. A* CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES, *pg. 341 da Edição do Centenário.*

Indico apenas, como já disse, as influências dominantes; mas o trato íntimo com quase todos os grandes românticos franceses, Musset, Gautier, Mallefille, Villiers de L'Isle Adam, — é sensível neste primeiro período da vida literária de Eça de Queiroz.

As influências portuguesas importantes, que podem distinguir-se, são pouco numerosas e superficiais: — quase sòmente as da poesia popular,[1] *e as de alguns seus companheiros de Coimbra, — João de Deus, Antero de Quental, porventura Gomes Leal*[2]*. Foi aliás o conto de Eça de Queiroz, O* MILHAFRE[3]*, que sugeriu a Antero de Quental uma das suas mais interessantes poesias.*[4]

Na forma literária, a acção reconhecível em Eça de Queiroz é a da língua francesa. Foi por meio de muitas das formas da sintaxe desta, e quase se pode dizer, do seu vocabulário, que ele modelou uma como que nova língua portuguesa.

Mas esta «Introdução» às PROSAS BÁRBARAS *tem por fim explicá-las ràpidamente; não criticá-las. Não lhe cumpre, por isso, mostrar que diferenças profundas há entre o fantástico alemão e o fantástico do escritor português, entre a ironia*

---

[1] *Vejam-se pgs. 174, 175 e 184.*

[2] *Cujas poesias só em 1875 apareceram coligidas em volume.*

[3] *Vejam-se pgs. 147-155 do presente volume.*

[4] *O* MONGE, *destruída pelo autor e nunca publicada.*

... aux voûtes gothiques
Des portiques.
Les vieux de pierre athlétiques
Priant tout bas pour les vivants!

A. De MUSSET, «Prémières Poésies,» «Stances,» 1828.

subtil de Heine e a ironia poderosa de Eça de Queiroz, entre a fantasia, ingénua e vaga dos homens do Norte e a imaginação eloquente, exuberante, e imprevista do criador meridional; não tem enfim que provar como todas as influências notadas se sentem apenas à superfície da obra do grande artista, eminentemente original, que escreveu, na sua primeira mocidade, as extraordinárias páginas reunidas neste livro.

VI

NA intenção de Eça de Queiroz os FOLHETINS *da «Gazeta de Portugal», — apesar da sua desconexão episódica, — formavam série, obedeciam a um pensamento, constituíam um corpo, uma obra sistemática, cujos capítulos, separados por lacunas que nunca foram preenchidas, podem, cronològicamente, reunir-se nos seguintes grupos:*

A

Sinfonia de abertura [1]	1866	Outubro	7
Macbethe	»	»	14
Poetas do Mal [1]	»	»	21
A Ladainha da Dor	»	»	28
Os Mortos	»	Novembro	4
As Misérias: I Entre a Neve	»	»	13

[1] *Não incluído no presente volume.*

Farsas [1]	1866	Novembro	18
Ao Acaso [2]	»	»	27
O Miautonomah	»	Dezembro	2
Misticismo humorístico	»	»	23

[1] *Não incluído no presente volume.*
[2] *Com o título «A Península» no presente volume.*

B

O Milhafre [3]	1867	Outubro	6
Lisboa [4]	»	»	13
O Senhor Diabo [5]	»	»	20
Uma carta (a Carlos Mayer)	»	Novembro	3
Da Pintura em Portugal	»	»	10
O Lume	»	»	17
Mefistófeles (J. Petit) [6]	»	Dezembro	1
Onfália Benoiton [7]	»	»	15
Memórias duma forca	»	»	22

[3] *Tem uma Introdução omitida no presente volume.*
[4] *Tem uma epígrafe e primeira parte omitidas no presente volume.*
[5] *Tem uma pequena Introdução omitida no presente volume.*
[6] *Tem uma parte crítica relativa ao «baixo» Júlio Petit, então cantando em S. Carlos de Lisboa, omitida no presente volume.*
[7] *Não incluído no presente volume.*

O primeiro FOLHETIM *em data, — Março de 1866, — as* NOTAS MARGINAIS, *— tendo por epígrafe as frases interrompidas duma trova à Bernardim Ribeiro, e influenciado, como já mostrei, pela tradução francesa das Poesias de Heine, foi inserido, na «Gazeta de Portugal», fora do seu lugar.*

Porque os FOLHETINS *têm uma introdução formal, — uma «Sinfonia de abertura», que se publica a 7 de Outubro de 1866, — e continuam, quase sem interrupção, semanalmente, aos domingos, até 23 de Dezembro do mesmo ano. Uma longa ausência de Lisboa interrompe a publicação. Nos primeiros dias de Janeiro a 1 de Agosto de 1867, Eça de Queiroz reside no Alentejo, onde funda e redige o «Distrito de Évora», periódico político, literário e noticioso. Os folhetins da «Gazeta de Portugal» recomeçam no dia 6 de Outubro, e prosseguem até 22 de Dezembro do mesmo ano de 1867.*

A «Sinfonia de abertura» [1] *prepara, com efeito, o espírito para a ideia que os diferentes trechos depois vão desenvolvendo. Neles a fantasia — livremente, irregularmente, fragmentàriamente, — esboça, sugere, deixa entrever, faz sentir essa ideia, em episódios, em alegorias fantásticas e como que musicalmente vagas.*

Trata-se, na «Sinfonia de abertura», das imagens dos Deuses, «desde os templos de Ellora, — onde eles andavam ferozes por entre os Elefantes, —até à cruz de Jesus, onde um rouxinol veio pousar cantando de amor»... «desde a matéria negra e informe, até às serenidades vivas para além das nuvens, das estrelas e dos caminhos lácteos».

Nestas viagens ideais os Deuses têm uma companheira que ìntimamente estabelece a sua comunicação com os homens, — a Arte.

Da história visionária desta, — na longa peregrinação divina, — a «Sinfonia de abertura», faz-

---

[1] *«Gazeta de Portugal», 7 de Outubro de 1866.*

-nos ouvir, — «adágio» ou «vivace», «piano» ou «forte», — alguns trechos maravilhosamente instrumentados.

«Quando» os povos — na Caldeia, no Egipto, na Grécia, — «plantavam tendas debaixo das estrelas»... e, mais tarde, em céus de profundo misticismo cristão, nas regiões transcendentes, prodigiosamente luminosas, «onde as próprias estrelas são» apenas, «gotas de sombra...» [1]

Entrevêem-se, flutuando em imagens, as diferentes Artes:

A Arquitectura «que se abriu em transparência e transfigurações, como se quisesse ser, no espaço, a morada suspensa do espírito».

A Música enfim «liberta dos contornos, dos coloridos, e das gravidades, dissipando-se nos amolecimentos divinos...»

«...no terror da natureza, onde o diabo era visível... a alma alemã tinha toda a sorte de penumbras, de desfalecimentos, de pálidos silêncios que se exalavam divinamente no canto...»

Esvai-se «aquela melopeia grega esfarrapada pela aspereza do latim dos versículos...»

«Aparece Lutero, a alma alemã... que desfalecia naquelas melancolias imensas que Alberto Dürer revelou...»

Mas «a Música, que é a alma, o espiritualismo, o vapor da Arte, sumiu-se com a aproximação da Renascença, que vinha cheia das rebeliões da carne...»

---

[1] *«Constelações, gotas de sombra», pg. 154 do presente volume.*

Até que outra vez «se produziu, na nossa época, como a Grécia produziu a Escultura, como a Europa gótica produziu a Arquitectura...»

Chega-se assim aos tempos modernos:

«A alma começou a entrever cimos luminosos, por entre os astros, que se chamavam Homero, Ésquilo, Dante, Miguel Ângelo, Rabelais, Cervantes e Shakespeare. A alma queria subir aqueles escarpamentos divinos para colher a flor do ideal» [1].

A melancolia dá cor ao Romantismo...

«O tipo em quem se resumem todos os sofrimentos, todas as desesperanças, as melancolias, as incertezas, as aspirações, os lirismos desta época pálida e doentia: Fausto, Manfredo, Lara, Antony, Werther, Rolla, D. Juan...» que saem então de «toda uma mocidade pálida e nervosa», de «toda uma Primavera...»

«O indefinido da alma de D. Juan revelado pela Arte, — eis aí a Música...», «aquela vaga Ofélia que se chama Música...», «uma voz inesperada em que se entendem os desconsolados...» [2]

Constituiu-se enfim a música moderna:

«A Alemanha... a loura Alemanha de ideal seriedade, luminosa, um tanto nuvem, cheia de vapores e de constelações... A Alemanha que pensa com o doce ruído inefável», forma a sua «Música que é o vapor da Arte...»

---

[1] *Veja-se Vítor Hugo, «William Shakespeare»; principalmente, Livre II; «Les génies», II. Veja-se também pg. 76 do presente volume.*

[2] *Veja-se pg. 74 deste volume, uma outra profunda definição da Música.*

E, ao lado dela, a «Música italiana... tendo o quer que seja de palpável... de ondeante como seda invisível».

Tal é, muito vagamente, a significação sentimental da «Sinfonia de abertura».

Os escritos coligidos neste volume são assim, em prosa, os «Cantos fragmentários» dum imenso «Poema fantástico»:

O Universo é um infinito de almas. As coisas têm sentimentos humanos que se disseminam, sem se alterarem, com a pulverização de todas as mortes. Os que morrem vão difundir-se nas coisas sem nas decomposições aniquilarem a personalidade, passando por formas inferiores no homem, e por formas purificadas na natureza. Na alma é que se concebe, cria, o mal: o corpo, a matéria, essencialmente inalterável, volta sempre à pureza natural. Com sucessivos ideais, e sucessivas e profundas comoções, o homem gera, para todo o sempre, Deuses que o dominam, que vivem duma vida sentimental e independente, mas que fogem, uns ante os outros, para desvairados destinos, que se asilam, errantes, em todos os grandes centros de vida misteriosa da criação, que se fazem sedução sob a forma, ainda angélica e já irónica, do diabo, que se dispersam na natureza transformadora.

Com este vago tema geral, o «Poema» em prosa de Eça de Queiroz propunha-se a ser a expressão das mais profundas regiões do sonho, da visão, do indeterminável, do substracto fantástico que se encontra sob a realidade evidente; queria tornar sonoras as capacidades de vibração musical que formam a intimidade de todos os seres, — todas as vibrações impossíveis de completamente

reduzir aos sons calculados duma escala musical; — era a fantasia tocando, um momento apenas, o mundo da realidade, para logo se afastar dele, voando, exilada pela incompreensão, pela insensibilidade, pela determinação nítida e clara das forças sensatas do espírito. E assim, após os belos Deuses de mármore, que se escondem fugitivos nas florestas ainda enevoados dos sonhos de religiões anteriores, os anjos sublimados ou réprobos do cristianismo, — a própria ironia espiritualista de Satanás, a própria pálida e doce figura de Jesus — vão igualmente perder-se e ser esquecidos: Morreu a fantasia. São fúteis todas as ilusões. Reina o cálculo demonstrável. [1]

Heine também já contara o exílio dos antigos Deuses, [2] *e Michelet* [3] *recorda o brado, «Le grand Pan est mort!»* [4] *que se ouviu pelo mundo ao aparecer de novas crenças.*

O que caracteriza este momento da vida literária de Eça de Queiroz é a sincera comoção do criar fantástico, sem excluir, já então, a ironia, — que mais tarde é o principal instrumento de trabalho do seu espírito, — fornecedora de tão delicadas velaturas, ou de toques tão vivos e reais a todas as suas obras. Consegue assim idear um mundo imaginário, um cenário de alegorias, sabe

---

[1] *«Oh, egoísmo humano, os que vão morrer saúdam-te», Eça de Queiroz, «O Milhafre», «Introdução», «Gazeta de Portugal», 6 de Outubro de 1867.*

[2] *«De l'Allemagne». «Les Dieux en exil», IX partie, pgs. 181-242 (cito a tradução francesa que Eça de Queiroz conheceu).*

[3] *«La Sorcière».*

[4] *Veja-se pg. 60, XIII do presente volume.*

que esse mundo é ilusório, que só parece povoado por metáforas, — e enternece-se, e comove-se, e comunica essa ternura e essa comoção, como se as produzissem realidades, sentindo e fazendo sentir, ao mesmo tempo, inexplicàvelmente que, com efeito, existe uma profunda realidade, vagamente simbolizada por todas essas imagens. [1]

Como quer que episòdicamente fale de assuntos inteiramente reais, — da América do Norte, de Lisboa, da vida de estudante de Coimbra, — é sempre o mesmo substracto visionário da realidade, para que o seu espírito procura expressão.

Esta situação especial do espírito de muitos artistas não foi ainda, parece-me, suficientemente estudada pela crítica e pela filosofia da arte.

VII

Eça de Queiroz tinha, por aquele tempo, igual exuberância e originalidade de fantasia em verso e sentia muitas vezes a necessidade de metrificar, — quase o mesmo género de necessidade de

---

[1] *As visões «são as atitudes fantásticas e desmanchadas que a sombra dá às verdades», pg. 145 do presente volume.*

«...à ceux qui ont mis leur foi dans les rêves comme dans les seules réalités.» Edgar Allan Poe, «Eureka», trad. de Ch. Baudelaire. «...to those who feel rather than to those think, — te the dreamers and those who put faith in the dreams as in the only realities...» Edgar Allan Poe, Idem, II, pg. 117, 1876, New-York.

som e ritmo que o fazia com frequência cantarolar, em voz baixa, pequenas frases musicais, sempre erradas, sempre fora de tom, mas sempre impregnadas das mais patéticas inflexões.

Os versos que compunha eram dum enorme relevo pela originalidade da concepção e das imagens, e conservavam ainda a fluência romântica, apaixonada, fantástica dos primeiros escritos, quando já ele a havia quase inteiramente eliminado da sua prosa realista. Mas teve sempre grande dificuldade em compreender e sentir os processos técnicos da metrificação.

Datam exactamente do mesmo período dos escritos, coligidos no presente volume, as linhas seguintes que deviam, na intenção do autor, ser versos alexandrinos: [1]

Ó Satã tenebroso, trágico fulminado.
Tu vencerás em mim o íntimo Deus bom
Não com as armas bíblicas com que bateste os astros,
Mas vindo ùnicamente vestido à Benoiton.

Mas é de pouco depois a seguinte admirável poesia, mais tarde publicada com a assinatura de C. Fradique Mendes: [2]

---

[1] *«Onfália Benoiton», «Gazeta de Portugal», 15 de Dezembro, 1867.*

[2] *Os versos citados na «Revista Moderna» (20, Novembro, 1897, p. 324), não são de Eça de Queiroz. Nunca ele publicou na «Revolução de Setembro», em folhetins, — como também na «Revista Moderna» se afirma, — os primeiros cantos dum poema, «A tentação de S. Jerónimo». Existe, com efeito, de Eça de Queiroz, mas inédito, um poemeto sobre este assunto.*

SERENATA DE SATÃ ÀS ESTRELAS

Nas noites triviais e desoladas,
Como vos quero, místicas estrelas!...
Lúcidas, antigas camaradas...
Gotas de luz no frio ar nevadas,
Pudesse a minha boca inda bebê-las!

Não vos conheço já. Por onde eu ando!...
Sois vós místicos pregos duma cruz,
Que Cristo estais no Céu crucificando?
Quem triste pelo ar vos foi soltando
Profundos, soluçantes ais de luz!

Ó viagem nas nuvens desmanchadas
Doces serões do Céu entre as estrelas!
Hoje só ais, ou lágrimas caladas...
Ai! sementes de luz mal semeadas,
Ave do Céu, pudesse eu ir comê-las!

Triste, triste loucura, ó flor's da cruz,
Quando vos eu dizia soluçando:
— Afastai-vos de mim, cardos de luz! —
Pudesse eu ter agora os pés bem nus,
Inda por entre vós i-los rasgando.

... ...

Hoje estou velho, e só, e corcovado;
Causa-me espanto a sombra duma estola;
Enche-me o peito um tédio desolado:
E corro o mundo todo esfomeado,
Aos abutres do Céu pedindo esmola.

Eu sou Satã o triste, o derrubado!
Mas vós estrelas sois o musgo velho
Das paredes do Céu desabitado,
E a poeira que se ergue ao ar calado,
Quando eu bato com o pé no Evangelho!

O Céu é Cemitério trivial:
Vós sois o pó dos deuses sepultados;
Deuses, magros esboços do ideal!
Só com rasgar-se a folha dum missal,
Vós caís mortos, hirtos, gangrenados.

Eu sou expulso, roto, escarnecido;
Mas a vós já ninguém vos quer as leis
Oh! velho Deus, oh! Cristo dolorido!
Lembrai-vos que sois pó enegrecido
E cedo em negro pó vos tornareis. [1]

Dois episódios mostrarão o seu então quase permanente desejo de improvisação poética:

Uma noite, no Verão de 1867 ou 1868, depois de cear, o Eça de Queiroz, o Salomão Saraga e eu fomos de passeio, conversando, até Belém.

A noite estava muito quente. Havia uma grande claridade de lua-cheia.

Seriam umas duas horas da madrugada, quando chegámos à praia da Torre.

Quase varado na areia, havia um barco. Metemo-nos dentro. A maré enchente fez-nos flutuar. Aí continuámos a nossa conversação, até que o dia apareceu e o Sol se levantou por detrás da casaria e dos altos de Lisboa.

Desembarcámos então e dirigimo-nos para Belém, com fome, em busca duma Taberna ou Restaurante. Queríamos almoçar ali mesmo, continuando, à beira do rio, a nossa discussão. Mas conhecíamos os nossos três apetites, e verificámos, reunindo todo o dinheiro, que ele apenas pagaria um insuficiente repasto.

---

[1] *«Revolução de Setembro», 29 de Agosto de 1869.*

Que fazer?

— Tenho uma ideia, — disse o Eça de Queiroz, fazendo o gesto consagrado de bater na testa. — Tenho uma ideia genial — acrescentou, erguendo trèmulamente os braços ao Céu: — Sigam-me.

E negro, linear, curvo, agitando a «badine» na mão como se esgrimisse, com passos largos e rítmicos, que pareciam saltar obstáculos invisíveis, a sombra da figura esguia e imensa, projectada pelos raios horizontais do sol-nascente, Eça de Queiroz adiantou-se em direcção à calçada que leva de Belém à Ajuda.

Salomão Saraga e eu íamos atrás, famélicos, murmurando.

Seriam quase 5 horas da manhã.

Junto da Igreja da Memória o Eça de Queiroz dirigiu-se a uma casa baixa, de janelas cerradas, e bateu.

Os habitantes da casa estavam ainda, evidentemente, no melhor dos seus sonos.

O Eça de Queiroz explicou-nos:

— Mora aqui o Mancília, a quem vamos «dar um tiro». Só ele nos pode salvar neste deserto.

E continuou a bater durante minutos.

Por fim, ouviu-se falar dentro da casa. Alguém abriu a porta resmungando, e vimos diante de nós uma cara larga, um bigode castanho, e uns olhos, entre terríveis e risonhos, sob uma grande trunfa de caracóis desordenados. Era o Lourenço Malheiro.

— Menino, — contou o Eça de Queiroz — estamos esfomeados após muitas horas de incalculável criação romântica. Jurámos não morrer antes de produzirmos três obras de génio. Dá-nos, entre-

tanto, dinheiro para almoçar. Mas olha lá... Comunicámos toda a noite, espectralmente, no Restelo, com as armadas portuguesas que dali foram ao descobrimento da Índia e do Brasil: Dá-nos pois dinheiros antigos e sugestivos, — sequins, dobrões, florins, ducados, escudos, peças, ou, quando menos, pintos...

O Malheiro foi dentro e trouxe três moedas de cinco tostões.

— Ouvirás falar da tua generosa dádiva, Mancília, — disse o Eça de Queiroz, apertando-lhe as mãos com comoção e solenidade.

Voltámos a Belém.

E, enquanto na cozinha da Taberna, onde bebiam marinheiros e uma guitarra gemia frases lancinantes do Fado, se preparava a pescada com batatas e a caldeirada que encomendáramos, o Eça de Queiroz e eu, num quarto do primeiro andar, organizávamos o seguinte problema, cuja glosa e solução seria enviada ao providencial Lourenço Malheiro:

Cristo deu-nos o amor,
Robespierre a liberdade;
Malheiro deu-nos três pintos:
Qual deles deu a verdade?

O Salomão Saraga fez-nos uma sábia dissertação sobre a prosa rítmica dos livros hebraicos e declarou que, como Semita puro, não pudera jamais fazer versos,—mas comporia, para o caso memorável, um Salmo penitenciário sobre a vaidade da pescada cozida e das caldeiradas humanas.

Almoçando, o Eça de Queiroz e eu glosámos e resolvemos o problema em quatro décimas can-

tadas ali logo, ao acompanhamento do Fado, que continuava a ouvir-se chorar na cozinha ao rés-do-chão.

Perderam-se estas décimas que, com efeito, sobrescritámos para o Lourenço Malheiro, e duas das quais, escritas pelo Eça de Queiroz, eram cheias de graça e fantasia.

Doutra vez dois dos nossos amigos, — o capitão João de Sá e o Zagalo, — convenceram-nos a irmos com eles a uma espera de touros.

Na volta, pela madrugada, abancámos a cear numa tasca do Arco do Cego. Éramos, a esse tempo, um grupo numeroso. Apareciam amigos, conhecidos, desconhecidos. Nós, expansivamente, íamos convidando. Eles iam comendo, bebendo, desaparecendo. Quando rompeu o dia e quisemos nós mesmos partir, descobrimos que havíamos gasto, em bacalhau, iscas de fígado, azeitonas e Colares, um dinheirão que não tínhamos na algibeira.

Comêramos num pátio onde havia galinhas, perto duma horta com couves e uma parreira. Ao lado, dava para esse pátio uma casa estreita, de janelas sem vidraças, onde se guardavam frutas, legumes secos e feno.

O Eça de Queiroz e eu, já sonolentos, resolvemos esperar ali, até à tarde seguinte, que o João de Sá e o Zagalo nos viessem desempenhar com o dinheiro necessário a pagar as nossas dívidas.

Cerca do meio-dia acordámos sobre os molhos aromáticos do feno, rodeados por galinhas e pombos familiares. As paredes da casa onde dormíramos eram caiadas. Então, — depois de almoçarmos ainda a crédito, — com dois lápis, devo-

rando fruta, principiamos a cobrir as paredes dum longo poema, difuso, indeterminado, lírico, humorístico, tristíssimo e hilariante, misto, como género, do «Childe Harold» e «D. Juan» de Byron, do «Mardoche» e «Namouna» de Musset, do «Intermezzo» de Heine, e da «Fabia» de Francisco Palha. Este exercício durou 4 ou 5 horas. Duas das paredes da casa ficaram, até à altura de homens, cinzentas de versos.

Sinto hoje não haver copiado, e ter completamente esquecido, a parte do Eça de Queiroz nesta colaboração extravagante. Lembro-me nìtidamente de que havia nessa parte trechos espantosos pelas imagens originais, pela fantasia, pela graça, pelo imprevisto.

VIII

AINDA dormíamos, um dia que o Eça de Queiroz ficara em minha casa, quando à porta do quarto apareceu uma pequena cabeça de cabelo muito curto, faces pálidas, feições miúdas, ligeiro buço sobre os beiços grossos e uns olhos pequenos, piscos, risonhos e maliciosos. Por cima desta cabeça via-se outra de longo cabelo negro e crespo, nariz aquilino, olhos grandes, bigode audaciosamente retorcido, e mais abaixo uma terceira cabeça rosada, de olhos avermelhados, cabelos aos caracóis louros, bigode louríssimo pendente.

Acordámos.

— Luís! Manuel! — exclamou Eça de Queiroz bocejando.

— Chavarro! — concluí eu, sentando-me na cama.

Eram o conde Luís de Resende, seu irmão Manuel, [1] *o João de Sousa Canavarro.* [2]

— Chegámos do Porto. Vimos buscá-los para jantar — disse o conde de Resende.

À noite jantámos no José Manuel, ao Cais do Sodré, — um Restaurante célebre, a preço fixo, onde nós causámos devastação e horror, pela quantidade inverosímil do que comíamos, discutindo toda a sorte de assuntos ininteligíveis.

Nesse jantar demonstrou-se o vasto ridículo do «Romantismo»; descreveu-se, discutiu-se e aprovou-se o Realismo na arte; fez-se a apologia violenta e clamorosa da frieza, da impassibilidade, da serenidade crítica, da correcção nas ideias, nas maneiras, no estilo, na «toilette», — a apoteose de todas as correcções. Terminámos, depois da meia-noite, abraçando efusivamente o velho Andrews, — o inglês que tinha uma lenda misteriosa, e ali jantou, durante anos, despejando por noite, em silêncio, com método, lentidão e continuidade, três garrafas de vinho do Porto. [3]

---

[1] *Hoje conde de Resende.*

[2] *Oficial da marinha portuguesa, e desde 1881 Cônsul geral de Portugal nas ilhas Sandwich.*

[3] *Veja-se o tom com que Eça de Queiroz fala dos seus escritos na «Gazeta de Portugal», ao tempo da sua viagem ao Egipto: A* CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES, *pgs. 111, 112 e 113.*

Tempos depois o Eça de Queiroz partia em viagem com o conde de Resende: — «Le comte de Rezende, grand amiral du Portugal et chevalier de Queiroz», — diziam os jornais do Cairo. Assistiram à inauguração do Canal de Suez, visitaram o Egipto e a Palestina.

Na Primavera de 1869, estávamos uma tarde, — o Antero de Quental e eu, — na casa que então habitávamos a São Pedro de Alcântara, quando entrou o Eça de Queiroz que chegara, havia pouco, do Oriente, e ainda não víramos.

Trajava uma longa sobrecasaca aberta de cuja botoeira saía, com coloridos, um enorme ramo de flores; cobria-lhe o peito, em relevo, um «plastron», que nos pareceu imenso, sobre o qual se erguia um colarinho altíssimo, onde a custo a cabeça se movia. Os punhos, que os botões uniam pelo centro com uma corrente de ouro, encobriam grande parte das mãos, metidas em luvas cor de palha. Vestia calças claras, arregaçadas alto, mostrando meias de seda preta com largas pintas amarelas e sapatos muito compridos, ingleses, de polimento. Tinha na cabeça um chapéu alto, de pêlo de seda brilhantíssimo. E olhava-nos com um monóculo que lhe estava sempre a cair e que ele, por isso, abrindo a boca em esgares sarcásticos, amiúde reentalava junto ao lacrimal do olho direito.

Abraçámo-lo com entusiasmo — e cobrimo-lo de epigramas.

Contou-nos casos das suas viagens, descreveu-nos tipos, cenas nos bazares do Cairo, no deserto egípcio, os guias, os cheiks, e à noite, em volta das fogueiras, os camelos, «de expressão humorística, sorrindo irònicamente», e alongando as cabe-

ças para escutar o narrador, por sobre os ombros dos beduínos atentos, graves e encruzados. Analisou, minuciosamente, as sensações que lhe dera, no Cairo, o uso do «Haschisch», e as visões fantásticas que nos preparava — porque ele e o conde de Resende haviam-nos trazido «Haschisch» misturado a geleia, a bolos, e a pastilhas que se fumavam nuns cachimbos especiais.

Mas pretendia haver voltado doentíssimo, de uma extrema debilidade, de uma mórbida impressionabilidade nervosa, e agitava, de contínuo, um grande lenço perfumado de seda branca, com que limpava a testa e cofiava a barba, que atirava sobre a mesa, interrompendo-se para entalar o monóculo e exclamar em voz desmaiada:

—Meu Deus! como me sinto mal! Vou ter o meu delíquio! o meu «apopleté»! Meninos, depressa, os meus sais... onde estão os meus sais?!...

E tirava, com efeito, da algibeira, um longo frasco de sais que aspirava sôfregamente.

Ficará para sempre o prazer delicado de ler os livros de Eça de Queiroz; mas perdeu-se o prazer, ainda talvez maior, de o ouvir, quando ele conversava, quando ele contava, quando ele representava algum personagem que quisesse imitar ou a que quisesse dar vida. Parecia, com o seu forte e inesperado poder de expressão, de imagem, de réplica, de graça, o representante duma raça especial diversa da portuguesa, ou de qualquer outra, falando, em Portugal, uma língua nova.

Ouvimo-lo toda aquela tarde, fomos jantar com ele, — não o podíamos largar.

As ideias estéticas de Eça de Queiroz haviam-se a esse tempo, profundamente modificado.

Citava especialmente a SALAMMBÔ *e a* TENTAÇÃO DE SANTO ANTÃO [1] *de Gustavo Flaubert. Preocupava-se com a perfeição da forma, com a realização da cor verbal, segundo este título literato. Lia também a* VIDA DE JESUS, *o* SÃO PAULO, *de Ernesto Renan, e as* MEMÓRIAS DE JUDAS, *de Petrucelli della Gattina.*

Foi sob estas influências que, — com as impressões locais da sua recente viagem à Palestina, — começou, em Lisboa, a escrever a MORTE DE JESUS, *publicada em folhetins, na «Revolução de Setembro», de 13 de Abril a 8 de Julho de 1870.*

Mas havia escrito desta obra, além do que se publicou, — uns capítulos que ele me leu, e depois sem dúvida destruiu ou se perderam.

IX

Entre os FOLHETINS *da «Gazeta de Portugal» e a* MORTE DE JESUS *na «Revolução de Setembro», medeiam quase 3 anos.*

Passou mais tempo ainda. A evolução crítica do espírito de Eça de Queiroz continuava.

Um dia veio mostrar-nos, ao Antero de Quental e a mim, o primeiro esboço, muito desenvolvido, — tão extenso que levou várias noites

---

[1] *Uma Revista francesa (Artiste) havia, em 1856, publicado alguns fragmentos desta obra, cuja versão só apareceu em 1875.*

a ler, — dum romance intitulado HISTÓRIA DUM LINDO CORPO.

Foi, julgo eu, a sua primeira tentativa na chamada Literatura naturalista ou realista. A ideia da obra era, até certo ponto, se bem me recordo, a do «Affaire Clémenceau» de Alexandre Dumas filho; mas a execução, já, em grande parte, devida à influência dos processos da MADAME BOVARY, *e da* EDUCAÇÃO SENTIMENTAL *de Gustavo Flaubert.*

Pouco depois, — em 1871, — Eça de Queiroz descrevia numa das «Conferências democráticas» do Casino, o «Realismo na arte» expondo as ideias praticadas por Flaubert e Courbet, e teòricamente descritas, por Proudhon, no livro DO PRINCÍPIO DA ARTE E DO SEU DESTINO SOCIAL.

O fim da Arte é, doutrinalmente desde então, para Eça de Queiroz, a reprodução exacta da natureza, da realidade, impessoal, impassível. A intervenção da ironia representa a forma superior, a única forma admissível da opinião do artista se manifestar e a correcção necessária para qualquer excesso de sentimento.

Foi por este tempo que eu lhe aconselhei a reunião em volume dos antigos «Contos fantásticos» da «Gazeta de Portugal» e lhe reli, se não me engano, AS MEMÓRIAS DUMA FORCA, *de que se havia quase esquecido.* [1]

Ao ouvir a sua obra primitiva, Eça de Queiroz soltava gargalhadas sarcásticas, gritos de indignação, contra as imagens, o assunto, o estilo: não compreendia como pudesse ter escrito assim, tão

---

[1] *Veja-se pgs. 213-224 do presente volume.*

pessoalmente, tão apaixonadamente, com tanto desleixo — berrava ele, — na construção da frase e no emprego dos vocábulos.

Mas depois duma longa discussão, concluiu dizendo-me:

— Tens talvez razão, com efeito — está claro, tens razão. Talvez se deva publicar isso em livro. — E acrescentou muito grave: — Mas sob o título crítico e severo de PROSAS BÁRBARAS.

Não pertence a esta Introdução descrever as subsequentes fases do desenvolvimento estético, e da obra literária de Eça de Queiroz, e eu devo resistir à tentação de mostrar, aqui, como ele foi um dos artistas mais eminentes da Literatura portuguesa de todos os tempos, — e de todas as Literaturas, nos últimos anos do século XIX.

Juntarei ainda, apenas, uma última recordação.

Eu lamentara sempre que Eça de Queiroz houvesse abandonado o mundo de criações fantásticas, onde a sua imaginação tão maravilhosamente vivera algum tempo.

Um dia, no Verão de 1891, estava o Eça de Queiroz em minha casa, — por esse tempo, em Vaucresson, numa clareira da floresta de Saint-Cloud, não longe de Paris. Então, passeando sob as árvores do maciço de alto fuste que rodeia os lagos românticos de Saint-Cucufas, contou-me ele:

— «Saberás, porventura com satisfação, que estou seguindo o teu antigo conselho: Enevoei-me outra vez, totalmente, no fantástico; — quase naquele velho fantástico da «Gazeta de Portugal», feito agora com menos «abutres» e em «prosa talvez menos bárbara» que a desses longínquos tem-

pos: Estou escrevendo a vida diabólica e milagrosa de São Frei Gil; — e por sinal, — dir-to-ei agora aqui quando justamente nos achamos sob os arvoredos, — que a nossa riquíssima língua portuguesa me parece deficiente em cores com que se pintem selvas; — e também te confiarei que, tendo metido, por minhas próprias mãos, o santo bruxo numa floresta, não sei como o hei-de tirar de lá.»

Sintra, Setembro de 1903.

JAYME BATALHA REIS.

NOTAS MARGINAIS

.....deste lado do rio
.....o namorado,
E a moça dos olhos pretos
.....do outro lado.

Mas o rio era profundo,
Não se podiam juntar.
Nunca o Sol encontra a Lua,
Tal andava aquele par.

.....flores
...à água iam dar;
.....os beijos
Ficavam todos no ar.

A moça .....
Disse adeus ao namorado;
E foi .....
.....bandas do povoado.

Ele ficou amarelo,
Como a vela dum altar.
Mas se o rio .....
Não se podiam juntar.

Anoiteceu .....
Por ali andou penando:
E por fim lançou-se ao rio,
E o rio .....

.....
.....
Mas as flores foram prender-se
Nas suas mãos cor de cera.

Na margem do papel marcado, onde se viam ainda estes restos duma velha cantiga, alguém escreveu estas notas desordenadas e estranhas:

I

Ó doce cantiga dos namorados da beira do rio, tu és uma verdade sempre nova! Ainda hoje o triste anda penando nas águas escuras; e os teus olhos, ó serena rapariga, são eternamente falsos!

Não era assim que eu pensava no tempo daqueles nossos amores, ó nome que eu não escrevo! daqueles amores tão doces como a suavidade das nossas noites de Outono, — tão coloridos e vagos como aquelas nuvens, que sempre no ar andávamos formando e desmanchando!

II

Ó voluptuosidade! tu és a imagem do Oceano nos teus caprichos. Agora embalas-te, docemente

dourada com os últimos raios do sol: depois dormes tranquila, aos sabores silenciosos: por fim, agitas-te, cheia de tempestades.

III

E, quando eu te via, não via mais as flores, nem as pombas, nem as estrelas: mas, quando pensava em ti, via-te delicada como todas as flores, voluptuosa como todas as pombas, luminosa como todas as estrelas.

IV

Às vezes, solitário e silencioso, via passar na sombra, diante de mim, como uma legião de inspirações rapsódicas, os teus olhos húmidos, como violetas debaixo de água — depois os teus braços da cor do mármore — depois os teus cabelos negros e flutuantes... Enfim, sobre um fundo maravilhoso, tu aparecias superiormente serena, perfeita e luminosa.

V

De cada um dos teus desejos nascia uma flor.

E os meus suspiros, como a aragem serena da tarde, embalavam docemente aquelas flores marginais.

E as flores cresciam, cresciam até se tornarem magnólias grandes; o vento tomava-as pre-

guiçosamente pela haste; e elas, inclinando os seus rostos pálidos, contavam-lhe os perfumes de mais segredo.

E as magnólias iam crescendo até se tornarem numa árvore imensa. Então o vento enroscava-se nos troncos, insinuava-se nos ramos, e fazia palpitar as folhas sonoras.

E então a árvore estremecia, como num sonho agitado; depois adormecia — e dava em redor uma sombra serena e consoladora.

VI

Quando te vejo, despertam no meu pobre coração as melodias e as doces melancolias de amor, como na Primavera se reanimam as aves e desabrocham as violetas.

Quando me falas, tudo se alumia com constelações apaixonadas, e parece que passam dentro de mim todos os aromas das magnólias.

Mas se me dizes que *me queres muito,* sinto que vem logo um estranho Inverno descorar-me as faces, desfolhar-me a alma de todas as emoções, e cobrir de geada todos os loucos desejos.

Oh! nunca me digas que *me queres muito!*

VII

Tua irmã é carinhosa, e doce, e meiga, e casta, e consoladora.

Tu és altiva, inquieta, e desdenhosa.

Tua irmã!... Mas se ela não tem o timbre suave da tua voz, o luminoso fulgor dos teus olhos, a cor mimosa dos teus cabelos! Mas se ninguém tem a santa, a purificadora brancura da tua fronte!

VIII

Os teus olhos negros são como duas flores do mal. Os seus olhos azuis são como duas doces elegias.

E a flor do loto, a apaixonada flor do loto, sòmente se abre à doçura imensa da Lua!

IX

Oh! minha bem-amada! eu já vi os teus olhos brilharem dolorosamente, como duas estrelas negras de melancolia: tinhas tu então rasgado um véu cor de papoula, que te cobria.

X

Tu estavas na igreja, curvada e perdida nas tuas orações, como uma fidalga espanhola.

Tinhas um olhar velado e piedoso, um olhar que só dizia — *Jesus!*

Mas nos lábios tinhas um colorido aveludado e luminoso, como o das flores vermelhas metidas na água; e na linha de sombra dos teus lábios corria um sorriso, que só dizia — *amor!*

Talvez um dia ainda te encontre na igreja... Sòmente, então, os teus lábios estarão descorados como a fadiga e tímidos como o arrependimento. Sòmente, então, os teus olhos estarão fixos como os dos esfomeados, e terão aquela luz desejosa e ávida, que têm as estrelas.

XI

Foi debaixo das árvores. Voavam as pombas brancas. Morriam aromas de violetas. Os castanheiros, grandes e concentrados, ouviam subir a seiva.

Foi lá que me disseste aquelas palavras, que me pareceram uma blasfémia que te vinha do coração. Eu fiquei hirto e nulo, como um sacerdote esbofeteado pelo seu Deus!

XII

Eu tinha o rosto coberto de lágrimas. e ela compunha as pregas do seu vestido!

Às vezes o grande mar embalava-se preguiçoso, enquanto as ondas pequenas — as pobres ondas! — soluçando, choravam sobre a areia.

XIII

Houve um tempo em que andavam exiladas dos lugares humanos as estátuas, que tinham feito

a lenda da beleza antiga. Eram de mármore pálido, e a sua nudez era doce e melodiosa.

Outrora, no tempo dos idílios divinos, quando ainda vivia o grande Pã, e havia deuses debaixo das estrelas, elas viviam entre os jogos, as coreias, a luz e as flores: brancas, como as espumas iónias; serenas como a lua de Delos; melodiosas, como a voz das sereias.

Agora andavam perseguidas e errantes pelas florestas sonoras, e envolvidas na consolação imensa, que sai do canto das aves, e da frescura das plantas.

Às vezes um cavaleiro, batalhador escuro, que voltava das cidades de ouro e de coral, encontrava uma das brancas peregrinas, como uma aparição de languidez e de tristeza, evocada pela música das ramagens. E se ele por acaso deixava mergulhar nos seus olhos os raios brancos e aveludados dos olhos de mármore, ao outro dia os caminheiros, os que vão de noite cantando à mole claridade das estrelas, encontravam, junto das grandes árvores pensadoras, um corpo inanimado e lívido, como aquelas crianças das lendas, a quem as bruxas chupam o sangue!

Esta história é de há seiscentos anos — e de ontem à noite...

XIV

Por fim, tu eras simplesmente uma alma preguiçosa e uma pele macia.

Todos os teus pensamentos se moviam numa comédia extravagante e solta.

Abafavas burguêsmente a música do teu corpo em xales pesados e largas saias: e a seda dos teus vestidos tinha um frémito indefinido de sarabanda — e de cachucha.

XV

Eu andava perdido pela floresta escura e sonora. As estrelas, como grandes olhos curiosos, espreitavam através da folhagem. Eu era o tenebroso, o inconsolável, o viúvo. Errava pela floresta, e a espaços cantava uma canção vagamente triste como o sussurro dos ciprestes; — depois dizia palavras iradas e ásperas como os cardos; — e mais adiante uma oração indefinida enchia-me todo o coração, e saía-me pelos lábios, como uma açucena branca que se abre dentro de um copo, e que o enche.

E por cima de mim, ó meus amigos! ó minha bem-amada! os ramos estendiam-se para os mil e mil pontos do infinito, como para mostrar às cantigas, às iras e às orações todos os caminhos do Céu.

XVI

Tu pensavas que o teu amor me envolvia molemente como um largo vestido de seda, todo forrado de arminhos.

Um dia, ó minha bem-amada de cabelos cor de amora! vieste despir-mo de golpe, com um rosto colorido de risos.

Mas o vestido estava colado ao corpo — vinte vezes colado ao corpo: e tão ràpidamente o tiraste, que me rasgou pedaços de carne, e levou-me jorros de sangue, e arrancou-me os cabelos, e deixou-me, ó minha bem-amada de braços de aço! — como uma forma longa, vermelha e indefinida!

XVII

Quando te amava e pensava em ti, via-te soberba como o mundo, e eras para mim a terra, o céu e o mar. Agora vejo que tinha razão; por que és tão vária como o céu, tão fria como o mar, e tão dissoluta como a terra.

XVIII

Eu abri aquele coração, que era delicado, pequeno e feminino. Descobri lá dentro vagamente uma floresta medonha, que se debatia e rugia, como uma multidão de doidos sinistros, todos vestidos de ramos e de folhas: na sombra andavam os olhos redondos e famintos dos lobos: por cima da folhagem mugidora esvoaçava, balouçada por ventos imensos, uma confusão de sombras, que uivavam e se arrepelavam, e rasgavam com os ossos dos cotovelos as carnes moles, e lambiam o sangue que escorria das órbitas sem olhos, e davam beijos selvagens, enroscadas e desfalecidas em voluptuosidades mais mórbidas do que os orvalhos da Lua.

Depois fixei o coração da minha bem-amada, e vi-o outra vez delicado, pequeno, e feminino; — e tão feminino, tão pequeno, e tão delicado, que lhe dei um beijo!

XIX

Eu ia para baixo dos arvoredos, para junto dos rios — e olhava para as nuvens.

Tudo me parecia despovoado e apenas como a sombra de uma vida distante.

Outrora — ó lendas de encantos e de amores! ó rondas aéreas das nixes por entre a música dos canaviais! ó ondinas húmidas! ó danças nebulosas das wilis! ó espíritos gentis e vaporosos, que andáveis nos aromas das violetas! ó elfos pequenos, que adormecíeis dentro do cálice dos lírios brancos, embalados como num berço! ó doces e enganadoras criaturas, que povoáveis e alumiáveis tudo como estrelas românticas! — outrora os rios, o céu e os arvoredos encobriam-vos, ó invisíveis! mas como um tecido fino, que deixa passar todos os aromas e todas as cores.

E agora os rios, o céu, os arvoredos estão desertos.

Os arvoredos só contam, como velhos palradores, histórias de gigantes, loucas legendas de combates e feitiços, e as aventuras das filhas da folhagem.

O céu tem apenas nuvens, que erram lentas e pesadas como os pensamentos sérios dum crânio imenso.

Os rios vão sempre cantando e fugindo, como os amores da mulher.

XX

Andamos todos sofrendo. Passamos lentos, desconsolados e alumiados pelo sol negro da melancolia. Nem largos risos, nem bênçãos fecundas. A esperança fugiu para além das estrelas, das nuvens e dos caminhos lácteos. Nos corações nascem amores sombrios e loucos. E tudo porque um dia nasceu uma criança estranha, que foi alimentada com um leite mórbido como a Lua, e envolta numa túnica lívida como a morte!

XXI

Onde estará ela agora — a minha bem-amada, aquela criança de olhar profundo?

Era naquelas almofadas que ela se recostava: era por ali que ela passava — e as flores do tapete, sob a pressão dos seus pés, viviam e perfumavam.

A pé! a pé! meus desejos! Acordai, acordai, e ide buscar-ma. Acendei todas as estrelas, e ide procurá-la pelos caminhos escuros! Desgrenhai os cabelos verdes das florestas! Assoprai a espuma das ondas! Dispersai as multidões! Quebrai os encantos! Ide procurá-la pelos astros! Despedaçai as tendas aéreas, onde vivem os sonhos!

Ide, ide, ó meus desejos todos! Eu ficarei esperando, solitário e silencioso, como um pombal donde fugiram todas as pombas.

XXII

«Perdi a minha bem-amada, e todo o céu está negro, e nem há estrelas que me consolem! Só resta morrer.»

E o corpo diz à alma:

«Adeus para sempre! Ó exilada divina, tu vais morrer! ó flor dos sonhos, tu vais desfazer-te com todos os teus aromas! Lembras-te, filha, como eu velava por ti? Eu andava pálido e triste quando tu sofrias; e, quando te alegravas, andava corado e vestido de risos. Às vezes tu deixavas-me e subias serenamente a torre esguia de marfim, onde habita o ideal; e eu, em baixo, esperava sem olhar, sem voz e sem movimento: e quando descias, iluminada e séria, eu escondia-te voluptuosamente — a ti, ó santa! a ti, ó purificada! E agora vais morrer: e nunca mais te verei, ó minha vaporosa filha! Eu vou andar errante e perdido no mundo, por entre a matéria enorme. Vou andar nas árvores e nos astros, nas ondas do mar e na luz dos cometas, nas rosas e nos olhos das mulheres lascivas. Vou talvez cobrir as maiores tristezas vivas, ser a folhagem dos ciprestes e o farrapo dos mendigos! E tu vais sumir-te, ó alma doce e dolorosa!»

E a alma dizia ao corpo:

«Não chores. Devia ser assim! Tu és são e forte: eu sou delicada, indefinida, dolente. Adeus, e perdoa-me. Fui desdenhosa contigo. Queria ver-te frio e mudo. Queria que fugisses daquelas molezas, que são feitas da voz perdida das sereias. Às vezes queria, na minha ideal serie-

dade, que te desfizesses em orvalho e pó, para eu poder ir fundir-me na minha imensa alma de luz. Mandava todos os meus desejos para aquele paraíso de sombras, onde anda a alma de Ofélia.

«E quantas vezes, ó meu corpo bem-amado, eu não seduzi os teus olhos a que seguissem as viagens imensas das estrelas! Então não sabia ainda, que havia de cair e desfazer-me, como uma gota de água! Adeus! Em breve não te lembrarás mais de mim.

«Há-de nascer-te uma outra filha, e depois outra, e outra. E tu hás-de estreitá-las apertadamente, ou elas se chamem *alma* como eu — ou se chamem *aroma* — ou, então, se chamem *som*.

«Adeus! Escuta: se nas tuas peregrinações através da matéria, encontrares os átomos *daquela que eu tanto amei*, não te juntes com eles; porque, se vos juntardes no cálice duma flor, a flor há-de mirrar-se; — se for na luz duma estrela, a estrela há-de apagar-se; — se for nas águas do mar, o mar há-de gelar-se...»

MACBETH

Foi no tempo de Filipe II, trágico mocho do Catolicismo, que Shakespeare criou o seu drama épico de Macbeth.

É desde então que aquela figura, que exala noite e humidade, erra pelo enorme céu negro, lívida no meio das tempestades, alumiada e crescida por um estranho reflexo de saques e de incêndios, enquanto os abutres, os corvos, os milhafres, os gaviões, as corujas voam em círculos sobre a sua trágica cabeça esguedelhada.

As outras imaginações nocturnas do poeta, que se chamam Hamlet, Lear, Otelo e pisam com pé trágico o solo augusto da epopeia, todas têm junto de si o doce corpo de uma mulher, para lhes embalar no seio as angústias tenebrosas, como num leito misterioso, para lhes fazer subir por vezes ao rosto a serenidade augusta do bem.

Essas formas femininas andam impalpàvelmente, como radiações de luz, em redor daquelas terríveis cariátides do mal: elas derramam-se sobre aquelas almas nocturnas, como umas auroras vivas, cheias de meiguices, de orvalhos, de

claridades, de fecundos descansos, purificadoras e transfiguradoras.

Assim Ofélia, húmida dos beijos da água, segue o seu dolente e lacrimoso Hamlet; Desdémona derramou o seu perdão, como um óleo santo, sobre a agonia flamejante de Otelo: e Cordélia estira os seus braços como asas de bênção, e, com gestos de coroação, ampara a cabeça desvairada do velho rei Lear. Macbeth, esse vai seguido na sombra pelos seus negros vassalos — os incêndios, as pestes, os derrubamentos.

Macbeth é o mal-fantasma. Ele não é daqueles lobos que andam, pela noite da história, dilacerando as liberdades e as pátrias. Não.

É uma energia inconsciente e fatal. Um pouco mais mergulhado na sombra, seria o igual de Satã. Quando a sua coroa reluz na escuridão, parece que as constelações devem seguir aquele reflexo terrível, curiosas de saber que sombria aventura vai ele tentar contra o Homem. Porque é certo que ele provoca a atenção do infinito, e tem misteriosas afinidades na noite.

Ele atravessa todo aquele drama como um espectro.

Quando as Ondinas saíam fora da água, a namorar os moços formosos debaixo dos plátanos, denunciavam-se, as pobres, porque a orla do seu vestido estava sempre ensopada de água. Macbeth é assim: debalde se cobre de púrpuras, e se assenta aos banquetes, e fala de manobras de guerra com os seus capitães tenebrosos, e se queixa que lhe foge o sono, para parecer humano: os que se aproximam dele empalidecem, porque a extremidade do seu manto tem uma orla sulfurosa.

Ele ouve a predição das soberanias flamejantes da boca esverdeada das feiticeiras, que se dão, lascivas, aos beijos do vento, por cima das folhagens, e se somem nos esvaecimentos tenebrosos, riscando a noite de sangue. Ao atravessar pelas horas negras os seus terraços, entrevê o luzir dos punhais: não pode sentar-se aos banquetes resplandecentes, entre os risos sonoros, sem ver diante de si, com a lividez dos que fizeram a viagem maldita, o espectro de Banquo, donde se exalam os castigos. Por fim, quando toda a Escócia sangra, porque passou Macbeth esmagando as cidades, assolando os campos, enegrecendo o céu com o fumo — luto dos incêndios — não são os exércitos que o vencem: a natureza ouviu as queixas humanas, os brados de justiça que saíam dos postes, das queimadas, das forcas, dos cemitérios, ouviu a alegria estridente dos abutres, dos corvos e dos milhafres — e destaca então uma floresta, que vai, com ruído trágico, esmagar o homem sinistro. Neste castigo, Shakespeare é maior que Ésquilo. Ésquilo, quando vê Prometeu pregado no Cáucaso, olha desvairado, e vendo lá em cima a serenidade de mármore dos deuses de nomes sonoros, vem, pálido, ajoelhar junto daquele rochedo ideal e santo como um altar; e, sufocado, apenas pode fazer um gesto suplicante ao velho Mar, para que mande as suas Oceânides consolar o vencido enorme.

Shakespeare, porém, quando vê Macbeth matar os reis, matar o povo, derrubar os capacetes heráldicos, matar os instintos, matar os Macduffs, matar as crianças de olhar divino,

as mulheres de seios fecundos, matar a pátria — corre desvairado, toma uma floresta e vem esmagar a feroz criatura sob um desabamento da santa natureza: e aquele castigo passa com o ruído terrível do carro da justiça.

Este Adão do mal tem uma Eva monstruosa — Lady Macbeth. Lady Macbeth é a serenidade do mal. Ela, com a sua atitude soberana e bárbara, tem a vaga semelhança duma Juno homérica. Tem em si toda a grandiosa rigidez, todas as frias austeridades da natureza do Norte.

Ela é a energia selvagem, que de longe conduz as batalhas. Ela passa no drama como sacerdotisa do mal, predestinada e serena: até às vezes parece flutuar, no seu olhar frio, não sei que fúnebre resignação: as cóleras e os castigos têm quase piedade daquela mulher estéril. Ela não tem o amor, não tem a consolação, não tem a melancolia, não tem a maternidade. Alguém, feroz e desconhecido, lhe tirou aqueles amolecimentos onde há lágrimas, para lhe poder conservar a atitude hirta e rígida do mal.

Lady Macbeth é como uma estátua do crime, feita de mármores e de bronzes, e erguida ao longe numa lividez silenciosa, tendo por pedestal a noite. De vez em quando concebe, com lascivos estremecimentos de alma, as opressões e as violências, e vem então lenta, deixa cair da sua mão estendida as agonias e as destruições, acende com um olhar as sinistras queimadas pela planície, e volta para os lados da noite e da humidade, arrastando o seu manto, que faz a cada passo como que uma onda negra e húmida de sangue, que a segue.

E no entanto, quando ela passa, o olhar perde-se na contemplação perigosa daquele busto forte, daqueles braços de aço, daquela testa que tem reflexos de opala, daqueles cabelos poderosos de um negro flamejante, daquele seio de forma bárbara. E então abre-se na alma, como uma grande flor do mal, um desejo, negro e reluzente. Aquele olhar atrai como uma profundidade cheia de ecos, de vapores húmidos e de mugidos de águas. E a alma, esquecida da justiça e do bem e dos pudores da piedade, quer atravessar as brumas do mal que cercam aquela mulher, e palpar os brocados luzentes e recamados que a vestem, destrançar-lhe os cabelos pelas moles sombras e dissolver-se naquele olhar negro, como uma flor se dissolve num vinho forte. O coração ri-se dos gemidos da Escócia e do último *high-lander*, que morre contemplativo, tocando as árias da sua montanha na última cabana, e lastima ùnicamente Macbeth porque tem para matar — só um Duncan. Sufoca o peito a negra lembrança de um desfalecimento lascivo, naqueles braços de mármore pálido, salpicados de sangue. A contemplação daquela terrível Lady Macbeth, em Shakespeare, deixa o corpo frouxo e trémulo, como se sobre ele se estendesse a nudez de uma deusa.

Foram estas figuras tenebrosas, que Verdi quis revelar no seu poema musical de *Macbeth*.

Há, sem dúvida, na obra imensa de Shakespeare, criações que devem dar a sua alma, a sua vida, a sua paixão, a esta música moderna, vestida de sensualidades pesadas, coberta com veludos de pregas moles e silenciosas. Porque em Shakespeare há tudo: há os corpos disformes

feitos de lodo; os corpos transparentes feitos de pulverizações de luz; os corpos luminosos feitos de argilas ideais: há almas tão puras como músicas de constelações, tão terríveis como as fulgurações do desespero, tão voluptuosas como os beijos vermelhos do sol. Ele semeou ali, com mão augusta, as energias, o amor, as enervações, os ciúmes, as angústias, as melancolias, a dúvida, a paternidade, a cobardia — eu sei?... Há toda a sorte de vestidos, sedas, farrapos, lutos, púrpuras, sudários; umas cabeças têm coroas flamejantes, outras cabeças têm coroas de violetas: aquelas criações têm nos lábios o lirismo, a ode, a imprecação, a sátira, a chocarrice: há arquitecturas, tormentas aflitas, arvoredos sagrados, luares e aparições. Assim caminha enorme aquela obra, tentando a grande aventura da imortalidade! Para dar a vida e o sopro ideal a esta criação imensa, é necessário que venha a arquitectura, a decoração, todos os coloridos, os vestuários, o lirismo, e, sobretudo, a melodia e a orquestra.

A música deve ser a voz de tudo aquilo que ali está silencioso, sem ter a faculdade de se exprimir, e nós termos a possibilidade de o compreender, — a voz das estrelas, das pedras, das nuvens, das flores, de tudo o que, desde as ervas molhadas até às vias-lácteas, fala muito indefinidamente e com vibrações muito sobrenaturais, para que o nosso êxtase as possa escutar. Quando Julieta suspira ao seu balcão, desejando que o corpo do seu Romeu, depois de morto, seja dividido em pequenas estrelinhas, para que todas as mulheres se namorem da noite, em roda dela, as

flores, as vegetações, aquelas moles divindades nuas, que se chamam as nuvens, o arfar brando do seio da noite que cria as aragens, a floresta divina de que nós apenas vemos as pontas das raízes, que são as estrelas — tudo se balança naquela evaporação de amor, que exala a alma da lânguida mulher, luminosa na escuridade do seu jardim, como um diamante no seio duma negra: e toda a natureza está cheia de confidências, de murmurações e de coros. Diante dos pudores, das indefinidas meiguices, das sentimentalidades da alma de Ofélia, diante dos pensamentos de Hamlet, incertos e revoltosos como as ondas, como os ventos, como as nuvens que no ar se formam e se desmancham, o lirismo do celeste William empalidece como um herói derrubado: e então a música vem, na sua ideal serenidade, dolorosa e branca, revelar todas aquelas vibrações celestes.

E estas imaginações radiosas dos poetas devem entrar antes nos poemas musicais, do que as figuras históricas.

São aquelas criações maravilhosas que nos enlevam, que nos fazem sofrer, que nos transfiguram a alma.

Que importa que agonize Maria Stuart, e a doce Maria Antonieta, e Beatriz de Cenci, e a idílica Inês de Castro? Nós vemos estes desaparecimentos de astros, com os olhos enxutos, atentos à justiça de bronze da história: e, se nos interrogam sobre aquelas fatalidades, mostramos lá em cima o grande azul constelado.

Mas que Julieta se definhe e que lance, chorosa, o seu olhar fulgurante pelo espaço, para

alumiar a fuga de Romeu até Mântua; que Desdémona diga a *canção do salgueiro,* onde se morre de amor; que apareça entre os lutos reais o enterro virginal de Ofélia, nós vamos, desgrenhados e aflitos, perguntando por que caminhos misteriosos sobe lá cima, até à radiosa bondade divina, o coro suplicante das lágrimas.

No entanto, parece que as imaginações terríveis e ferozes dos poetas, não podem ser nobremente transportadas para a música: e quando os maestros querem subir aqueles escarpamentos divinos, caem, sem fôlego, junto da montanha sagrada: e só recobram a paixão, a alma, o lirismo, o sopro divino diante das criações femininas, lúcidas figuras feitas de cheiros suaves onde habita a alma dos deuses, e de pétalas macias, e de vapores de luz.

Sem falar em Gounod, que não compreendeu a grande figura de Fausto, mas pôs divinas vibrações nos lábios de Margarida, o grande Rossini não pôde erguer-se até à região onde desvaira a alma de Otelo, e ficou-se a chorar um choro celeste com Desdémona, debaixo do salgueiro.

Assim também Verdi, o luminoso Verdi, não compreendeu aquelas trevas, que Shakespeare derramou na alma de Macbeth.

Verdi, o músico querido dos mexicanos, dos americanos, dos russos e de nós outros, os portugueses, é, realmente, o único compositor italiano verdadeiramente sério que ficou, depois do desgraçado Donizetti; Rossini retirou-se da arte.

Verdi tem um talento vigoroso, apaixonado mesmo, mas falta-lhe o lume santo, o desvaira-

mento ideal, o deus, aquele sopro de que fala a *Bíblia*. A sua música é profundamente materialista: é uma melopeia enérgica e estridente: é uma melopeia colorida e pesada: há mesmo o quer que seja de rígido e de metálico naquela sonoridade sensual: ele sabe excitar sonoridades materiais, mas não consegue arrancar a alma do seu vestido de carne e levá-la, nua e possuída do infinito, pelas regiões das surpresas radiosas.

Todo o entusiasmo que Verdi tem alimentado na Itália, provém do momento grave em que se revelou.

Nesse tempo a Itália revolvia o poema convulsivo da sua reconstituição: os italianos, que tinham adormecido naquela rede tecida com os raios do sol, que se chama a preguiça, começavam a erguer-se e a experimentar os seus músculos frouxos e amolecidos de amor e de sonhos. Nesse momento Verdi foi pela Itália com um canto poderoso, em que os libertamentos batiam as asas. Aquela música apaixonada, ardente e vermelha, enrijava as enervações e couraçava as energias: e a Itália seguia com idolatria o poeta, que lhe soprava na alma, com o amor das epopeias, o amor das liberdades.

No Norte, quando a Alemanha, no tempo de Napoleão, começou a pensar no seu passado, como no deus por que havia de bradar no dia das batalhas, aparece uma música nacional, a de Spohr e Weber, que canta as velhas poesias da Alemanha, melodias feitas quase dos cantos populares, que diziam, outrora, à tarde, nas encruzilhadas da Floresta Negra, rapsodos errantes: e quando a grande pátria, ouvindo as caçadas

de Samosel pelas florestas da Turíngia, os estremecimentos dos elfos vaporosos pelos prados Hircínios, e todas as velhas mitologias do Reno, vivendo, sofrendo, voando, sussurrando num livre canto, ergueu-se terrível, entoou também, ela, o velho canto de Lutero, couraçado de ferro, e atirando para longe a sua roca de Margarida, ficou, severa e iluminada, esperando junto do Reno, tendo a um lado o espectro da honra e a outro lado o fantasma da justiça.

Verdi, ou instintivamente ou intencionalmente, fez em parte, no Sul, o que tinham feito os poetas do Norte: nem todos aqueles entusiasmos foram fecundos: as duas pátrias sangram ainda: e as flautas tristes do Norte, e as guitarras gemedoras do Sul, só sabem aquele choro lento e doloroso de Rama, quando perdeu a esposada da sua alma: e não é verdade que a esposada dos povos é a liberdade? Pobre Itália! Pobre Alemanha! Deus vos envolva num olhar de bênção e de repouso, neste tempo em que estamos, que é a véspera das agonias.

Mas, voltando ao *Macbeth*, é certo que Verdi fez daquela figura desvairada um herói italiano, melodioso e mau. Por toda aquela ópera anda errante um terror transparente e mole. Será porque a música, a meiga errante do espiritualismo, não pode compreender aquelas duas almas pavorosas, saídas da noite e pesadas de matéria? Não sei. O certo é que aquela ópera parece uma transfiguração do velho Macbeth: parece que o velho herói lívido entrou neste tempo moderno, amoleceu-se em voluptuosidades, perdeu-se em melancolias, teve as febres silenciosas da alma

e assim, frouxo, doente, dessorado, vem com Lady Macbeth contar a sua velha legenda trágica, sobre uma cena resplandecente. Com efeito, aquela ópera faz saudades do drama de Shakespeare: era ali que Macbeth erguia o seu rosto erriçado de barbas, e invocava Hécate de três cabeças: era por aquele terraço, onde mugia o vento, que eles atravessavam, esguedelhados e convulsivos, para a câmara de Duncan.

E assim, enquanto aquelas figuras líricas se adiantam para a orquestra de poderosos alentos, com as gargantas túmidas de melodias gemedoras e violentas, a alma pode deixar o seu querido corpo e ir para cima dos mares e dos continentes, para os descampados da Escócia, ver passar aquelas sombras unidas de Macbeth e de Lady Macbeth, que, segundo as legendas, galopam de noite nos clarões das tempestades, uivando manobras de batalha.

E depois pode a alma voltar, para ouvir aquela confusão de ruídos coloridos e apaixonados, de melodias pesadas que murmuram, que estremecem, que gemem e que gritam, e que se vão desvanecendo em volta do corpo e cobrindo-o como uma onda. Enquanto se canta *Macbeth*, a alma pode andar longe, pelo país das quimeras.

A LADAINHA DA DOR

(Ao Sr. A. A. Teixeira de Vasconcelos).

O MÚSICO Berlioz, ao voltar das bandas da Itália e das ilhas da Grécia de lívidos escarpamentos, sem serenidades idílicas e sem mitos — recebeu nas ruínas das *Sorveiras,* junto de Nizza, onde trabalhava na sua sinfonia de *Harold,* toda cheia de mar, esta carta vinda de França:

«O pintor Lyser voltou da Boémia com a sua doidice elegíaca. Pedi-lhe o retrato de Paganini como tu querias, mas ele disse-me, em segredo, que fora o diabo que lhe guiara a mão naqueles traços, e queria conservar essa lembrança do diabo, um velho amigo. Tem esse cartão numa pasta, entre um desenho do velho Cláudio Loreno e um retrato de Dante.

«Ontem, ao cair da tarde, estávamos ambos sentados juntos da janela. O ar entrava todo emaranhado nos cordões verdes das trepadeiras; nós estávamos calados e abandonados à doçura divina das coisas.

«O pobre Lyser, com os seus grandes cabelos caídos, tomou o retrato de Paganini e desenhou, em volta, toda a sorte de entrelaçamentos, de folhagens, de penumbras delicadas, de dissipações de nuvens: e, entre aquelas eflorescências, escreveu os nomes de Dante, de Hamlet, de Romeu e de Sancho Pança, dizendo com a sua voz dolente: «Paganini tinha alguma coisa de todos estes homens». Depois, no cimo do cartão, desenhou a figura de Ofélia levada pela corrente, e um morcego, com as asas dobradas, olhando tristemente, dentre as canas debruçadas sobre o rio, o corpo branco sumir-se, levado serenamente como no seu elemento, e os grandes cabelos louros emaranhados nos limos da água: e por baixo escreveu: «Duvida, Ofélia, do meu amor, da verdade luminosa das estrelas, dos coloridos das folhas, da luz branca do sol». E depois, com a voz séria: «Paganini, sobretudo, era um morcego...»

«É assim aquele pobre Lyser com a sua triste loucura. Sabes que lhe morreu a irmã? No dia do enterro, Lyser acompanhou o corpo com a sua rabeca debaixo do braço e fustigando com o arco as ervas molhadas. O dia estava nublado. «Minha pobre irmã, disse ele, que nem pode levar presa no seu lindo vestido uma réstea de sol!» Sabes a religião que Lyser tem pelo Sol. Passa dias inteiros deitado entre as frescuras dos caminhos, sob a grande luz sonora do sol. Nessa noite em que a irmã foi enterrada, foi sentar-se junto da cova, tocando as velhas árias de Lully, e de vez em quando compunha as dobras de um xale que tinha lançado sobre a sepultura. Assim esteve perdido numa saudade mais doce que a Lua, e

mais profunda que a noite. Como o céu estava nublado, ele dizia, de vez em quando, à morta: «Não tenhas pena, cá fora nem estrelas há».

«Foram-no buscar de madrugada, e ele vinha lento, dependurando-se do fato do coveiro como uma criança, a quem assustam os uivos dos cães e o chiar dos carros.

«Dias depois voltou ao cemitério e o coveiro não o deixou entrar: o pobre Lyser ficou junto das grades com os olhos cheios de lágrimas. «É uma coisa de pressa que tenho a dizer a minha irmã», afirmava ele com a voz passada de suplicações. O coveiro estava dentro falando com uma mulher de cabelos cor de vinho; e como a quisesse prender num abraço bárbaro e rijo, a rapariga, ao fugir-lhe, caiu sobre uma sepultura toda coberta de violetas; o coveiro ergueu-a, sacudiu-lhe a terra dos vestidos, e deu com o pé rude na terra da sepultura, resmungando: «Malditos tropeços!»

«Por fim, veio abrir a grade enferrujada ao pobre Lyser e com uma grande voz: «Vá, que já são horas de entrar sem licença». Lyser sumiu-se entre os ciprestes, debruçou-se sobre a cova e escreveu na brancura da pedra: «Luísa, se lá em cima encontrares a estrela Vésper, pergunta-lhe de que tintas se faz a cor-de-rosa da tarde e os seus reflexos de roxo-pálido; preciso sabê-lo. Ontem dei o teu xale branco a uma pobre: diz-me se queres que te traga alguns dos teus vestidos. Olha, se passares de noite por estas alamedas, não te aproximes da casa do coveiro; vive lá uma má mulher».

«Dias depois chamou-me e disse-me: «Sabe? começo a acreditar que minha irmã morreu. Por

isso, peço-lhe uma coisa: quando tiver alguma camélia não a esmague, talvez seja feita do seio da pobre rapariga». E afastou-se, arrastando os seus sapatos, como se estivessem pesados de água: mas de repente, voltando-se e com a voz cheia de suplicações, acrescentou: «Nem as violetas: talvez sejam feitas dos olhos dela!» Então, tomou-me pela manga e levou-me para entre árvores onde havia o sol, o coro das colmeias, os cheiros de feno e os coloridos frescos dos frutos: ele ia com a face toda tomada pela cor quente e fecunda da vida.

«Não sabe? dizia-me o pobre Lyser com a sua voz doce e lenta como um escorrer de mel: não sabe? Muita rapariga, que dizia as cantigas das eiras e dançava debaixo dos plátanos, morre nos frios de Fevereiro. Há-de ter visto, por esse tempo, os pobres namorados que andam chorando sobre as covas, com os cabelos caídos. Então aqueles corpos das raparigas desfazem-se. Alguém, que sabe e que vê, aproveita aquelas formas e aqueles coloridos; da pele do seio fazem-se pétalas de camélia, dos olhos tristes fazem-se violetas, da cor dos lábios fazem-se os rainúnculos, dos hálitos perdidos fazem-se os cheiros bons, e do olhar, da meiguice, do desejo delas faz-se a Primavera, o doce ar das madrugadas de Maio. De modo que de noite as flores que estão nos vasos, na sombra das alcovas, conversam das suas existências passadas; falam das danças ruidosas à guitarra; daquela manhã em que a ponta do seio veio espreitar, pela abertura do vestido, os olhos do namorado; daquela tarde em que a face se vestiu de cor-de-rosa para rece-

ber a visita de um bigode louro; daquela noite em que as pálpebras castas acudiram aos olhos, que estavam perdidos e quase a dizer *sim*. E se uma noite espreitar as flores que estão nos castos paraísos das alcovas, há-de vê-las sair dos vasos, entrelaçarem as formas e os coloridos e fazerem na sombra a vaga semelhança de um corpo feminino».

«É assim o pintor Lyser. Fez-se noite naquela alma, e, por isso, ela tem todas as qualidades da noite: o sombrio, o vago, o negro, o azul, o lânguido, o estrelado.

«Agora deseja morrer e ser enterrado numa paisagem casta, assoalhada, murmurosa, para se julgar protegido e coberto pela alma errante do seu amigo Cláudio Loreno.

«Quando a luz do sol se retira, prende-se como um manto de seda que se arrasta entre ervas secas e ramagens, ao dorso de uma onda, à proa de uma barca de pesca; assim aquele espírito, ao retirar-se daquele corpo, se prende ainda a tudo o que na vida é superior, e elevado, e meigo — ao amor, à melancolia, à compaixão, à arte.

«Quando cheguei do Báltico, soube que Paganini se retirara de França: tive a respeito dele grandes conversações com o rabequista Sica, que pensa em fazer, para o Verão, uma peregrinação pela Síria.

«Estávamos horas debaixo das tílias, falando do quimérico espírito de Paganini, até que as estrelas apareciam, contemplativas e augustas. Sica contou-me toda a legenda idílica e bárbara de Paganini: os seus amores em Verona, aquela cantora enfezada, de mãos macias e sentimentos

velados, envolta em grandes sedas, e aquele abade de fivelas luzentes, com quem ela ia debaixo dos veludos silenciosos, num entrelaçamento de braços, em doce e azulada viagem pelo país de Citera. Depois contou-me toda a sua trabalhosa odisseia, de prisões e de degredos: aquelas noites em que ele, poderoso e solitário, entrava na confidência dos negros soluços do mar: noites dolorosas de lágrimas, em que aquele trágico homem, enroscado nas palhas do seu cárcere, olhava ao longe o mar Mediterrâneo, amolecido por aquela moleza que escorre dos astros e da voluptuosidade da noite desconhecida e fecunda.

«Dizia-me Sica que Paganini lhe contava que, sempre às horas escuras, via as fivelas do abade luzirem de noite. «Às vezes o remorso, afirmava ele, é bondoso, encarna-se em coisas que têm uma vida, uma carnação, um sangue, uma moleza, que se podem abrandar, a quem se pode suplicar; mas aquelas fivelas metálicas, inertes, rígidas, eram um remorso frio, surdo, inflexível, faziam-me subir ao rosto o suor do antigo Josafá».

«Dizia também Paganini, que uma das suas grandes torturas, no cárcere, fora assistir, pela visão, à decomposição fria do corpo da pobre cantora Marietta. Ele via aquele corpo sem óleos, nem sacramentos, debaixo das terras limosas e túmidas de seiva, esverdear-se entre as ossadas. Via de noite, perto de si, aquela terrível decomposição das carnes, aquelas brancuras inertes, aquelas moles curvas sugadas pela terra. Via, aterrado, os cardos, as papoulas, as gramíneas, os ciprestes serenos comerem a sua bem-amada fria, muda, esverdeada e inchada!

«Então, ali, tomou ódio à natureza: ele atravessava sempre as frescas fecundidades, as searas, todas as verdes formas da vida, os campos e as granjas, com um horror judaico e místico. Só perdoava ao mar: e às vezes, depois, na Dinamarca, ia para junto das águas do mar do Norte tocar na rabeca as velhas cantigas escandinavas e as baladas rúnicas; e desejava que, depois de morto, o seu corpo pudesse andar, durante a eternidade, nos verdes embalos da água.

«Foram terríveis todos aqueles anos de prisão.

«O rabequista Sica contou-me depois todas as viagens de Paganini com os estudantes da nova Alemanha, indo pelos burgos, pelos povoados, pelas cabanas de lareiras sonolentas, cantando às estrelas e dizendo, na sua rabeca, sob a lucidez do céu do Norte, as velhas baladas da Turíngia.

«Contou-me o amor da duquesa de Weimar por Paganini; e como uma noite de concerto, em duas cordas da rabeca, ele disse o diálogo misterioso de duas vozes que se falavam debaixo do arvoredo, depois entre sedas de cortinas, ao fresco ar dum balcão, e depois ainda na terra, debaixo das raízes dos ciprestes, e, por fim, indefinidas, ténues, luminosas, entre o encruzamento sagrado dos raios dos astros.

«Era uma alusão desconhecida, que encheu de lágrimas a duquesa de Weimar.

«Aquele homem, ùltimamente, tinha o peito cheio de mortos. Dele retirara-se o elemento humano: já não tinha a compaixão, o riso, o amor, a indignação, a paternidade, a emoção.

«Lento, com os seus cabelos caídos, lívido, com as terríveis rugas da face semelhantes aos *ff*

duma rabeca, com as mãos transparentes, cheias de agilidade e de deslocações, com os seus grandes casacos escuros de pregas hieráticas, atravessava os povoados, os silêncios, as cenas resplandecentes, poderoso e solitário, procurando sempre, aos pés, uma cova onde não se esfolhassem árvores, onde não nascessem ervas, sem saber que na noite, na humidade, nas choças, nas pedreiras, nas estradas, nas costas, há uma raça que sofre, e que há beiços lívidos da fome, e que há febres silenciosas e amores desertos, e suores de angústia, e apodrecimentos de honras, e uivos de almas aflitas, e lentos e frios esvaecimentos de pudores e de belezas.

«Sica contou-me também o grande poder musical de Paganini e a sua atitude nos concertos, cheia de abaixamentos e servilidades; e contou-me também, meu amigo, aquela noite gloriosa e flamejante em que se tocava a tua sinfonia de *Romeu e Julieta*, e em que ele veio, entre os aplausos e as vozes de coroação, ajoelhar e beijar-te as mãos, dizendo com os olhos cheios de água: — Sois outro Beethoven!

«Ùltimamente, como sabes, tinha uma doença de garganta que o emudeceu: trazia então um livro branco em que escrevia o que pensava nas conversações da noite: aquela doença não o vergou mais; ele tinha já o silêncio — estoicismo da alma, e refugiou-se na mudez — estoicismo do corpo.

«Passava então com o rabequista Sica horas inteiras, tocando rabeca ou guitarra. Ùltimamente, preocupava-o muito o ter de deixar a sua rabeca só, depois de morrer; e escrevia no seu

livro: «Quando eu estiver para morrer, pensar que a hei-de deixar aqui, entre as mulheres de aço, estes jornalistas lívidos e os agiotas calvos, no meio desta multidão esfomeada de materialidades! que se há-de encher de pó a um canto, ela, cheia de alma e de legenda!»

«No entanto, ele acreditava que, no dia em que morresse, a sua rabeca havia de estalar e os pedaços, apodrecidos na terra, ir-se-iam confundir com o corpo dele nos átomos das árvores, ou das estrelas, ou das águas. E escrevia então: «Que felicidade poder ter a mesma folhagem, dar a mesma luz, lançar a mesma espuma!»

«Mas, por fim, olhava para a rabeca com um ar triste e descrente; às vezes tomava a guitarra e ia tocar nela para junto da rabeca, com um gesto de carícias brandas, com um lento correr de dedos, como se estivesse vestindo as cordas com a harmonia viva que tirava da alma; ele queria pôr todos os seus interiores divinos naquele gemer de guitarra, para fazer morrer de ciúmes a sua velha rabeca abandonada.

«Por esse tempo, um dia que ele estava com Sica, escreveu assim: «Já me não fio na minha rabeca; acredito que ela não há-de lamentar a minha morte. Não morre, não! Há-de dar-se ao primeiro que a tomar nos braços; há-de dar-se com sufocações lascivas, e dizer-lhe os mesmos segredos, místicos, voluptuosos e iluminados, que me dizia a mim... Que importa à rabeca que o pobre músico apodreça debaixo da terra?!»

«Ùltimamente o músico Sica necessitou ir à costa normanda, porque tinha lá seu pai, velho marinheiro, morrendo junto das águas; e quando

voltou, coberto de lutos e soluços, disseram-lhe que Paganini tinha partido para o Sul.

«Adeus, não te demores em Nizza. Acaba depressa a tua sinfonia do *Harold*, e recomenda-me ao nosso velho amigo — o Mar.»

Tempo depois, o homem, que tinha mandado esta carta, recebeu estoutra de Berlioz:

«Estou ainda todo frio das visões desta noite.

«Sabes que moro nas Sorveiras, que são umas ruínas junto do mar, pedras bem conhecidas por toda a populaça do ar: abrigam-se ali, como numa pousada, os viajantes sombrios da atmosfera, que são as chuvas esguedelhadas, os ventos uivadores, os granizos, as moles brumas e os nevoeiros. Em redor estão espalhados os casebres dos pescadores, todos conchegados, como as ovelhas, quando anda temporal no monte; a costa é terrível e, no entanto, o mar tem, às vezes, serenidades só semelhantes ao calmo olhar dum idiota.

«Este povo trigueiro de pescadores sai, logo de madrugada, para os balouços da água nas suas lanchas esguias, carunchosas, todas cheias de legenda e do cheiro das pescas: logo na alvorada se sente em baixo, junto da voz da maresia, aquelas cantigas fortes de deitar redes, robustas como calabres e sãs como o sol. É uma bela vida! Durante o Verão, nas sestas silenciosas do mar, todos andam na pesca, os velhos, as crianças rotas, resplandecentes e sujas, e as mães de forte seio — essas belas mulheres da costa da Itália, que eram tão desejadas pelos marinheiros

gregos e fenícios, que tinham visto Mileto, Abido e Corinto.

«Agora que o Outono começa, esta pobre gente deixa as redes rasgarem-se ao vento, e vai para o interior dos povoados juntar-se nos campos à outra pobre gente curvada, que lavra e que semeia.

«Ontem fui, numa barca de pescador, até ao ponto em que o Var desagua. Sabes que é neste tempo que as pombas emigram para o Sul; reunem-se em bandos gemedores e vão, por cima do Mediterrâneo, fazendo nódoas brancas pelo ar azulado. Quando voltei, o sol descia: o barco vinha levado de um modo silencioso e casto pelos embalos ondulosos. O mar tinha uma serenidade olímpica.

«Eu havia-me abandonado às molezas da tarde, e, todo estirado à popa, via o céu cobrir-se duma cor rosada, como dum rubor de castidade. As estrelas começavam a aparecer. Donde vinham elas? E donde é que vem a noite de tão longe, que parece suada de luz? Eu via-as tremer, e pensava que elas deviam ter frio e medo, lá em cima, nas solidões, sem deuses. Àquelas horas também aparecem as ondinas na água; quem sabe se as estrelas são mulheres de um elemento desconhecido, que vêm de noite em teorias sagradas, celebrando um rito elegíaco? Quem sabe se são árvores agitadas por um vento, que deixam cair estes negros frutos — a melancolia, o amor, a sensualidade?

«Depois ri-me destas imaginações; mas nas águas do Mediterrâneo, ao anoitecer, num barco de pesca, vendo ao longe as linhas moles da costa

de Itália, e sobre os montes os fogos dos pastores, não podia ver as estrelas como nas verdades e nos positivismos modernos, e esqueci Arago, Berthelot e o velho Laplace.

«E depois pensava como desejava morrer, que era nos braços da bem-amada, sol da minha natureza, sem dores mordentes, sem febres silenciosas, e ir assim, entre as fulgurações do desejo, e os deslumbramentos da alma, e os beijos vermelhos e transfiguradores, e os entrelaçamentos divinos, sob o seu olhar santo, ir, num lento desmaio da carne, para a frialdade da terra e ali sentir-me, lentamente, dissolver pelas humidades fecundas, pelas seivas brancas, pelas espumas das nascentes, pelas raízes das florescências!

«Ora, quando assim vínhamos, vi, na linha escura e áspera da costa, uma massa de arvoredos, e, por entre a sombra, uma luz elegíaca.

«— Que luz é aquela, meu velho? — disse eu, da popa.

«O pescador suspendeu as rijas ondulações dos remos, que ficaram direitos, escorrendo, todos esverdeados das algas.

«— Aquela luz, senhor, é a casa das *Serenas*. A estas horas está ali, abandonado, um pobre homem que morreu lá ontem. Tinha chegado aqui há pouco, e era mais amarelo que a cera do altar; até na costa diziam os velhos que ele se vendera ao diabo! Deus me perdoe por falar assim nisto, de noite, em cima das águas! Ah! senhor, diziam que tocava na sua rabeca maldita que nem o Céu... Chamavam-lhe Paganini.

«E o pescador meteu os remos na água, cantando numa melopeia dolente:

Altra volta gieri biele,
Blanch'e rossa com'un fiore.
Ma ora nó. Non son piu biele
Consumata dal'amore.

«E depois, voltando-se e com a voz ensurdecida pelo clamor das marés, continuou:

«— E os padres agora não lhe querem cantar as suas ladainhas e enterrá-lo em terra santa. Se fosse meu parente e tal sucedesse, ia para o fundo do mar. Debaixo da água anda muito corpo de patrões e pilotos: eles não morreram, não; andam ainda vivos; e, quando um pobre homem que tem mulher e filhos deita as suas redes, em dia de vento, quando o peixe anda arredio, eles costumam afugentar a pescaria, com ramos de coral, para as bandas da rede!...

«O pescador falava assim, lentamente, com a voz pesada da religião das legendas.

«Eu levava os olhos rasos de água e pensava que nunca tinha ouvido tocar o triste Paganini: sempre que ele deu os seus concertos, eu estava longe da França.

«Entrei nas *Sorveiras* com o peito cheio de friezas e de mortalidades. Quis trabalhar, mas sentia-me dissolvido na pesada materialidade das coisas.

«Tomaram-me uns moles cansaços e fiquei sem pensamento, sem desejos, inerte e silencioso como um pombal donde fugiram todas as pombas. Sentia apenas o miar dos gatos lascivos

e o uivar dos cães que andam de noite na praia, esfomeados. O mar estava pesado de gemidos, sob a noite lenta e mística.

«Ora, quando assim estava, ouvi, distante, como vindo das alturas hieráticas das nuvens e das vias-lácteas, o gemido de uma rabeca.—Quem é que, àquelas horas, numa costa áspera de ventos furiosos, quando os pescadores dormem nas frialdades da cinza da lareira, enrodilhados nos farrapos dos mantéus — tocava rabeca assim junto do mar?

«Fui, amedrontado, ao meu antigo balcão gótico e olhei pelas transparências da noite. Nada. As ondas choravam o seu choro místico e as estrelas estavam na sua imobilidade de onde se exalam religiões. Cerrei as portadas e voltei, com o peito sacudido por um soluço de medo, para junto do braseiro: então ouvi de novo aquele som triste da rabeca estender-se lentamente pelo mar, como uma névoa sonora. Fiquei todo tomado de tremores e de frios: e ouvi então, distintamente, com os ouvidos da carne, a música de uma rabeca, acompanhada, surdamente, pelo mar.

«Ao princípio foi uma melodia de fresca serenata, que a água acompanhava com um marulho húmido e alegre: e ao mesmo tempo, ao longe, havia o gemer rítmico do vento.

«Então, durante uns momentos, eu ouvi uma música estranha da rabeca, acompanhada pelo mar, onde havia gemidos, dilacerações, e vozes pesadas de lágrimas, e melodias trágicas com dores da natureza, e sempre, por entre os sons alegres e meigos, uma tristeza surda e lenta

corria, como a água corre, lodosa, entre os juncos e os canaviais.

«Havia vozes de rabeca, aflitas e bárbaras: e às vezes, doces mugidos sinistros do mar, pareciam presos por uma melodia da rabeca, delgada, ténue, clara como um fio de som. Eu não te sei dizer o que era aquela música sobrenatural, elegíaca, selvagem, trágica, suave e escarnecedora!

«Por fim, de repente, toda aquela orquestra poderosa se calou, como um bando de abutres e aves de noite gritando aflitas, com trágicas palpitações de asas, que vêm pousar, num silêncio, sobre um rochedo das águas. Então senti, de entre aquela amontoação apocalíptica de harmonias, desprender-se, solitária, a voz da rabeca, e vir, de leve, tocar junto do meu balcão com meiguice, com moleza, com volúpia — as variações do *Carnaval de Veneza.*

«Ninguém me pode tirar do coração, que foi a alma de Paganini que deixou o seu corpo na natureza solitária das *Serenas,* e veio dizer o adeus da música ao seu velho amigo.

«Adeus, meu meigo artista! Sofre e transfigura-te pela dor: eu aqui estou, cheio de saudade da nossa doce França, junto das águas tristes do Mediterrâneo.

«Creio que, depois da noite de ontem, nunca mais terei o riso sonoro e são. Adeus! dei os teus recados ao Mar, que te manda, como voz de saudação, o terrível temporal que, agora, vai na costa».

O homem a quem esta carta foi escrita, era um artista, um pintor como Lantara, vivendo descuidado na boémia errante das misérias, das jovialidades e das primaveras. Mas a alma não se maculou com os contactos do corpo: no meio daquelas loucuras esteve sempre como uma pomba adormecida. Aquele pobre rapaz vivia numa trapeira, onde trabalhava sem sol, naquelas alturas silenciosas e castas, onde vivem e crescem as flores do bem: depois enlouqueceu e foi recolhido a um hospital: e ali era sagradamente velado por uma enfermeira doce, delicada e branca como uma virgem de ouro fino de um livro de legendas: o pintor, que, como o seu amigo Lyser, ainda depois de doido desenhava, pediu um dia à enfermeira a sua touca engomada e lisa, e com um lápis desenhou ali, como um agradecimento de alma, toda a sorte de delicadas imaginações — asas abertas, coroas de folhagens, ondas que vinham beijar um pé branco, coroações de caridades.

Uma noite, a enfermeira ouviu um gemido, e veio encontrar o pobre pintor com as mãos postas diante dum retábulo alumiado; a doce rapariga cuidou, no seu coração, que ele se encomendava à Virgem; escutou: o pobre rapaz doido estava rezando ao seu velho amigo Cláudio Loreno. Quando sentiu a enfermeira, voltou-se e disse-lhe, quase a chorar: «Deixo o meu corpo aos rios, às árvores, às abelhas, aos montes, às searas, a toda a mãe-natureza». Depois curvou-se, beijou a orla do vestido da enfermeira, e ficou-se enroscado no chão, frio e inerte.

A enfermeira pousou a luz do retábulo junto do corpo, tirou a toalha da virgem, e estendeu-a sobre a face pálida e triste, transfigurada pela beleza sagrada e espiritual da morte.

Ao outro dia de madrugada, quatro homens que riam de farsas da taberna, e cantavam más cantigas, levaram aquele branco corpo à vala dos pobres.

ENTRE A NEVE

(A Anselmo de Andrade)

O LENHADOR, pela madrugada, ergueu-se da enxerga e acendeu a candeia.

Junto da lareira, engelhado de frio, cavado de magreza, dormia um rapaz enrodilhado nos farrapos de uma manta. O pobre lenhador desfalecia de febre; até ao anoitecer da véspera andara pelo negro mato, e depois nem teve um magro caldo junto das sonolências da lareira.

Iam grandes neves pelos montes, e o triste tinha filhos pequenos, que à noite, quando rezazam, todos arrepiados e magros, em redor da mãe, sufocavam no choro da fome: por isso, àquelas horas, por entre os nevoeiros moles, ele ia pelos montes, pelas colinas, pelos pinheirais, rachar, cortar e desramar, a ásperos ventos, na grande neve silenciosa.

O rapaz dormia com os pés inteiriçados e todos brancos da lama seca; tinha os grandes cabelos espalhados, e branco tinha o peito. A um canto, sobre esteiras bolorentas, cobertas com o saiote da mãe, as duas crianças dormiam com

os cotovelos arroxeados — dissolvidas no sono do frio e da fome. O lenhador tirou a jaleca que levava para os montes, embrulhou-lhe os pés regelados, e com a candeia foi debruçar-se sobre a enxerga onde dormia a mulher: ela tinha o corpo colado ao fraco calor da enxerga como a um seio amado, os braços caídos e frouxos como os de uma mulher estéril: os seus cabelos negros espalhavam-se tristemente pela enxerga como um luto; e a manta esburacada modelava a forma casta e fecunda dos seus peitos.

Então o lenhador tomou o machado negro e o feixe rijo das cordas, cobriu-se com o capuz de saragoça e foi-se lento, esfomeado e esquelético, pelos grandes caminhos duros, lívidos e cobertos de neve.

O seu casebre ficava perdido ao pé dos montes, longe dos povoados, entre umas poucas de árvores que erguiam para o ar os seus braços negros, descarnados, nus e suplicantes.

Ali vivia aquela família transida dos frios, emagrecida das fomes, diante da neve e dos invernos, com os peitos cheios da religião do sol, das searas e das fecundidades sonoras e alumiadas — como coisas flamejantes e divinas, que estão tão longe como Deus, inacessíveis, na poeira da luz, entre os paraísos. O pai ia todos os dias para os grandes montes lidar entre a ramaria: a mulher, em casa, cosia os farrapos ao pé da lareira sem lume, e ao anoitecer, ia para junto da porta desconjuntada dos ventos, gretada dos frios, ver se, pelos atalhos enevoados, via chegar o marido, lento, curvado sob os grandes feixes de lenha.

O lenhador caminhava para as bandas dos montes.

A neve caía, levemente. A alma aconchegava-se dentro do corpo — como num vestido santo, amedrontada pela dureza sobrenatural das coisas. Porque toda aquela natureza tinha estranhas barbaridades.

A manhã vinha escura, lenta e lacrimosa, como uma viúva à hora dos enterros: e à pouca luz ténue, os pedaços de gelo, pendurados dos cardos e das urzes, tinham o aspecto de farrapos de mortalhas: sobre as árvores imóveis, os pássaros, quietos e mudos, eriçavam as plumagens aos ventos cortantes.

O lenhador caminhava sempre, rasgando-se nas silvas, orvalhado dos pingos das árvores, pálido e sereno.

Ia lento. Pensava nos lavradores, que àquelas horas, nas terras quentes, saem, assobiando sob a noite religiosa e alumiada, entre as ervas altas, ao resplandecimento fecundo dos orvalhos, guiando pelos sulcos, enquanto as andorinhas gritam alegres e gloriosas, os bois fortes, lentos e bons. Ele tinha a mulher e os filhos esfomeados no casebre; desfazia-se em suores e em cansaços, e nem sempre aquelas faces amadas se enchiam das cores da vida. Era o frio, era a fome; nem uma manta nova, nem uma pouca de lã! O bom Deus, lá em cima, parece que está tão bem agasalhado ao calor dos seus paraísos e das suas estrelas, que se não lembra da pobre gente dos campos e dos montes que se arrepia de frio. E havia gente que via sempre os filhos bem quentes e bem corados!

Assim pensava o triste, caminhando, pesado, molhado e todo cheio de coisas dolorosas e mórbidas. A neve vinha descendo como um imenso desprendimento de lãs.

E ele pensava que podia ser um abastado dos campos, e ver à noite, em volta da sua lareira flamejante e serena, toda a multidão dura dos ceifadores e dos semeadores, entre os bons risos, em redor da grande tigela de caldo, ao estalido das castanhas, na atitude dos bons e dos simples.

A neve ia caindo direita e vaga: e ouvia-se o rumor — indefinido como de um mar, laborioso como de uma colmeia — das multidões doentias dos pinheiros.

O pobre lenhador olhava em redor as grandes neves extensas, enoveladas nas pedras, esfarrapadas pelos cardos; e às vezes um corvo, passando silencioso e nocturno, vinha bater o ar em redor dele com uma selvagem palpitação de asas.

Começava a espalhar-se o dia. Ele sentia-se só entre aquela natureza inimiga e bárbara; e por vezes o braço, enfraquecido da febre, vergava sob o machado e as cordas húmidas.

Ele ia entrando pelo pinheiral, indolente. O pinheiral era cerrado, e a noite continuava ainda no encruzamento das ramagens lívidas. A neve, que caía sobre os ramos, desfazia-se em orvalhos ao calor da seiva.

As árvores estavam como tomadas de um susto religioso.

Quando saiu do pinheiral, em caminho para os montes, lembrou-lhe quando ia para as escamisadas numa aldeia do sul, e sob a luz apaixo-

nada e melódica das constelações, cantava à viola junto duma doce rapariga de testa santa e de cabelos cor de amora; e ele, o perdido, amolecia o olhar a passeá-lo, pela abertura do lenço, sobre a brancura do colo dela!

Hoje, àquelas horas, pensava ele, aquela pobre mulher gemia na sua alma, vendo os filhos, sem um bocado de pão, andarem pelo casebre húmido, rotos, dependurando-se-lhe das saias, gemendo: *mãe! mãe!* E os olhos do desgraçado tremiam-lhe nas águas do choro.

O lenhador apertou o machado e entrou na floresta.

Os velhos carvalhos violentos e proféticos, os choupos desfalecidos, os castanheiros ruidosos, os olmos gigantescos, as ramagens e os silvados eriçados onde o vento brada aflito, todas aquelas verduras vivas e sãs que cantam ao sol, no empoeiramento da luz crua — toda aquela sombria Diana esguedelhada, que se chama a floresta, dormia sob as opressões da neve, triste, silenciosa, estóica e soberba.

O lenhador, com o machado erguido, ia por entre a floresta; ele conhecia aquelas estranhas atitudes, aqueles escarpamentos de neve, as faces pensadoras dos rochedos, todo o emaranhamento de ramos, de folhas, donde caem gotas como um eco de chuvas passadas: e todavia, ao endireitar-se contra um velho carvalho, empalideceu, como diante de uma profanação.

O seu coração simples e bom não compreendia, mas sentia aquelas vidas imóveis, silenciosas e sonoras, que são árvores, ramagens, arbustos, florescências; ele tinha compaixão dos gemidos

dos troncos, das cascas esmigalhadas, das fibras dilaceradas, e sentia que sacrificava ali, à fome dos filhos, vidas infinitas de árvores.

O lenhador atirou o machado contra o tronco do carvalho — e toda a árvore imensa ficou tomada de vibrações dolorosas: e as suas ramagens estenderam-se caídas, sem vida e sem força, pelo tronco, como para se verem morrer sem gemidos, num silêncio soberbo e selvagem.

O Sol veio lívido, mole, desfalecido, sem força, sem vitalidade, sem ascensão flamejante e sagrada, entre névoas arrastadas, entre esvaecimentos lúgubres de nuvens. Começavam a esvoaçar os pássaros, piando tristemente.

E o lenhador, com o peito arqueado, os cabelos desmanchados, vermelho, feroz, com o machado erguido nas mãos, com trágicos encarniçamentos, lutava contra os troncos, contra os ramos, contra as raízes, contra as duras cortiças e os filamentos tenazes; e enchia o chão de ramagens negras, de braços mortos de árvores, caídas e inertes como armaduras vencidas.

Aquelas árvores que tanto tempo levaram a formar-se, e a enrijar, e a acostumar-se aos ventos tumultuosos, e a saber agarrar as clinas da chuva, e a enlaçar as moles nudezas das névoas e dos vapores, aquelas árvores cheias das mordeduras de Novembro, cheias de legenda e do cheiro das tormentas, encolhiam os ramos num estremecimento medroso, quando o machado reluzia lùgubremente no ar.

Ele tinha a camisa solta e esfarrapada: os socos faziam covas na neve: e, esfomeado, terrível, ia a grandes passos pela floresta, rasgando

os silvados, esmigalhando as raízes, envolto em estilhas, em fibras partidas, com gestos trágicos, afastando com o machado o voo dos corvos; e, todo cheio do amor dos filhos, torturava as árvores, com golpes flamejantes, gritando-lhes: *covardes!*

Assim lidou sob a neve, e o vento, e a chuva, e a humidade, e as névoas, e a febre, e a dor, até ao anoitecer.

Tinha já um monte de ramagens e de lenhas: enfeixou-as nas cordas, duras como os seus braços: encravou no meio o machado: o feixe enorme estava encostado a um monte de neve: as duas pontas da corda por onde ele o havia de erguer, pendiam negras e húmidas: então curvou-se todo para tomar o feixe sobre as costas largas: mas, quando o ia a erguer, lento e cansado, sentiu os músculos afrouxarem, as mãos esfriarem, subiu-lhe um desfalecimento, e caiu, com os cabelos suados e colados à testa; e os seus dedos inteiriçados esburacaram a neve.

Assim esteve perdido na moleza do esvaecimento, até que abriu os olhos vagarosos, e ficou-se encostado ao feixe, silencioso e cheio de tremuras.

Vinha-se derramando a noite, desciam as neblinas: todo o ar estava tomado de uma palidez opaca e severa: caía uma chuva vaporizada: todo o chão estava pesado de neve.

Ao pé do lenhador estava estendido um grande tronco engelhado, morto, sem raízes, sem ramagem, sem seiva: por um lado começava a desfazê-lo a podridão.

Em redor erguiam-se as multidões de árvores cobertas de neve, adelgaçadas entre as transpa-

rências do nevoeiro, tristes e nocturnas como monges brancos.

Ao fundo abria-se uma clareira, que deixava ver ao longe a grande luz, que se ia, serena e tímida.

O lenhador, com o pescoço nu, o peito dolorido e ensopado, agarrou as cordas do feixe e, enrijando os músculos, com a face congestionada, as fontes inchadas, as grandes veias saídas como cordagens, e as pernas hirtas, violentou o corpo para se erguer. Mas caiu sobre a neve, amolecido, sufocado, e coberto das friezas húmidas da febre.

Então ficou-se a olhar o tronco esfolhado, nu, coberto de neve, e a pensar que o seu corpo ia ali finar-se e dissipar-se entre as podridões dos troncos.

E toda a sua carne foi tomada por uma vibração terrível. Tinham-lhe lembrado os filhos e a mulher, e o pobre pastor que lhe sacudia, quando ele entrava, a neve dos cabelos e as silvas da jaleca.

A neve caía triste. Àquelas horas ela esperava, junto da porta, a ver se o via ao longe chegar, curvado debaixo dos seus feixes, pelos caminhos brancos de neve.

Ela estaria com uma mão apoiada à umbreira, e com a outra agasalhando as crianças nas dobras da saia, contra os frios da noite.

E ele estava ali só, esmagado, sob a neve implacável!

E quando o não vissem vir?! E ele procurava na memória se já alguma vez teria ficado de noite pelos montes. Nunca.

Se o não vissem chegar, iriam todos, chorando e bradando, com a candeia acobertada do vento, procurá-lo pelas urzes sinistras.

Às vezes tomava-o o desvairamento, e via grandes figuras de sombra subirem pelos troncos, como um fumo terrível; e sempre aquele enovelamento de semelhanças humanas subia, até se perder nas transparências lívidas do ar.

A neve caía como escorrida das nuvens.

E ele pensava, triste, que a mulher e os filhos saberiam a sua morte na neve, sob o encruzamento irado das folhagens, e todas as mordeduras da ventania, silencioso e solitário como um lobo!

Então aquele corpo, pisado, roxo, tiritando entre as roupas molhadas, dissolvido nas molezas da névoa, inteiriçou-se; com os olhos flamejantes, os dentes irados, tomado de risos, esfarrapado dos cardos, endireitou-se, e, sufocado, esguedelhado, hirto, lívido, deu um grito na noite.

Houve um levantamento assustado de pássaros por toda a ramagem escura. E veio um vento e levou, nas suas espirais violentas, um enovelamento de folhas. E toda a luz do dia se sumiu na clareira. Não havia ninguém pelo monte. Estava só. Só! Nem pastores, nem vaqueiros, nem caminheiros perdidos. Só! E iam-se os pássaros, iam-se as folhas, ia-se a luz. Ele ficava só.

Então, vendo em redor a floresta solitária e negra, a amontoação crescente das sombras, o esvaecimento lívido dos últimos ramos, as atitudes tenebrosas, as corcovas nocturnas das raízes, sentindo ao longe o uivo dos lobos e por cima da

cabeça o esvoaçar dos corvos, estirou-se de bruços e bradou, na noite, sob a neve e o ruído dos ramos: — Jesus!

E toda a floresta ficou silenciosa, indiferente, soberba; os corvos voaram gritando; ele caiu, fraco, desalentado, roto, agonizante, macerado; e de cima o grande céu, o céu justo, o céu sereno, o céu sagrado, o céu consolador cuspia neve sobre aquela carne miserável.

E ficou inerte. A neve caía desfeita e branca. Estava estirado... Via por cima a grande imobilidade da floresta, os nevoeiros, que deixavam cair farrapos que lhe vinham roçar o rosto, e a sombra espectral do feixe de lenha.

Ele sentia o corpo entorpecido pelo frio, e na testa e nos olhos abrasamentos mordentes: e parecia-lhe que lhe mordia as costas uma chaga imensa, que tivesse horríveis ardores ao contacto da neve, sob o peso do corpo.

Às vezes soluçava. E, quando assim estava, viu grandes sombras que lhe esvoaçavam sobre a cabeça e fugiam bradando aflitas, com um terrível ruído de asas, esbranquiçadas da neve, apavoradas e ferozes.

Eram os corvos. Tremeu todo. Ele entrevia-os já, quando eles viessem pousar-lhe sobre o peito, e curvados, batendo as asas, meio suspensos, enterrar-lhe os bicos negros na pobre carne.

Então moveu dolorosamente o braço entorpecido e apalpou em redor: encontrou um ramo solto, negro, espinhoso: lançou-o contra as sombras negras dos corvos; mas ele tinha a mão quase inanimada pelo frio, e o ramo, dèbilmente

arremessado, veio-lhe cair sobre a face, e rasgou-lhe a carne com os espinhos. Já, porém, as mãos inertes não tiveram força para o tirar.

E pôs-se a chorar. Os corvos voavam terríveis: ele enterrava o pé na neve e atirava-a para o ar, como para os apedrejar. Os corvos desciam.

A neve caía e já lhe cobria as pernas hirtas. Ele então, vendo a floresta que o ensopava de água, o chão que lhe coalhava a vida, o vento que o transia, a neve que o enterrava, os corvos que vinham comê-lo, todas as hostilidades selvagens das coisas, encheu-se de cóleras, e, silencioso, feroz, com os olhos luzentes na noite, deitou rijamente a cabeça sobre o feixe — e pôs-se a morrer.

Então veio repentinamente um vento tumultuoso: e pareceu ao pobre lenhador sentir, naquele vento, o som de um choro e uma voz bradando aflita.

O vento redobrou de fúria: dispersou os corvos: eles balançavam-se nas asas entre os redemoinhos do sopro feroz.

A neve caía: e os braços do lenhador já estavam cobertos, e todo o peito estava coberto. Os corvos fugiam: e todo o bando aparecia como uma sombra indecisa e pesada.

A neve caía. E estava coberta a garganta do homem, e estava coberta a boca.

Os corvos iam-se sumindo nas transparências da noite...

A neve caía, contínua, silenciosa. A testa do pobre estava coberta, e apenas se moviam

ainda, lentamente, ao vento, os seus grandes cabelos escuros.

A neve riscava a noite de branco. Ao longe uivavam os lobos.

E a neve descia. As sombras dos corvos sumiram-se para além das ramas negras.

Os cabelos desapareceram. Só ficou a neve!

OS MORTOS

ONTEM foi o dia dos mortos. Os mortos são felizes. Enquanto nas dolentes celebrações da Igreja, ao pé dos altares luzentes, diante de Jesus roxo e descarnado, os tristes e os simples rezam pelos seus queridos mortos, eles andam dispersos pela grande natureza, pelas florestas esguedelhadas, pelas espessuras sonoras, pelas uberdades da seiva, pelos sulcos fecundos, por todas as verduras de acre cheiro.

A sua carne sofreu, empalideceu com os medos, emagreceu com as febres, engelhou-se com os frios; mas agora anda, repousada e sã, pelas frescas vegetações, pelos frutos coloridos, na luz selvagem e vital do sol, nos átomos da noite constelada e suave.

Os que morreram nos apodrecimentos das febres desfizeram-se no seio da terra planturosa, foram sugados pelas raízes e, confundidos com a seiva, vêm outra vez para o sol, em forma de frutos, de corolas, de ramagens ondulosas.

Os que morreram sobre as águas do mar, desfazem-se entre as verdes profundidades, entre as areias, os corais, as conchas, os rochedos, e

vêm depois, sob a forma de ondas, embalar-se serenos ao sol, ou de noite estirar-se ao peso da moleza que escorre dos astros, ou de madrugada, cantando com barbaridades de rainhas e doçuras de santas, acalentar o povo dos pescadores, silencioso e trigueiro.

Os que morrem sobre os montes, como os pastores contemplativos, são consumidos pelo sol; e andam dissipados pela luz hierática das estrelas, pelos vapores moles das nuvens, pelas auroras; são os átomos de luz, serenos, fecundos, consoladores e purificadores.

Assim os mortos são felizes.

Nós outros andamos ruidosos e nocturnos, gordos ou empalidecidos, esfomeados de materialidades, calcando as Margaridas, perdidos nos deslumbramentos da carne; celebramos as religiões, esboçamos Deuses, riscamos sociedades no ar; e, nervosos, desconsolados, derrubadores, no meio desta forte vitalidade — como um lavrador que suspende a enxada e se fica, todo amarelo, a pensar na velhice sem pão e sem lume — estamos sempre a sustar as nossas alegrias alumiadas e sonoras, para pensarmos, aterrados, nos esfriamentos lúgubres do túmulo.

E entretanto, os mortos, que são os pais, as irmãs, as bem-amadas, as mães, estão pela natureza, pelos montes, pelas águas, pelos astros — serenos e imaculados. E porque tememos a morte? Que instinto tenebroso ou sagrado nos faz amar tanto esta forma humana, estes cabelos, estes olhos, estes braços enrodilhados de músculos? As árvores, as florescências, as ervas, as folhas, são também formas da vida, santas

e cheias de Deus. Por toda a parte, pelas famílias das constelações, pelos planetas, pelas árvores, pelos lívidos interiores da terra, pelas águas, pelos vapores, pelos prados fecundos, escorre a seiva, o átomo santo, a alma universal! Por toda a parte há atracções, amores, antagonismos, repulsões, polarizações, alegrias, estiolações, pólens, alma, movimento — vida. Porque há-de então ser esta forma, que tem braços e cabelos, e não aquela, que tem ramos e folhagens?

A vitalidade é a mesma, cheia dos mesmos instintos negros, sagrados, luminosos, bestiais, divinos.

Por isso os mortos são felizes, porque andam longe da forma humana, onde há o mal, pela grande natureza santa, onde só há o bem, na pureza, na serenidade, na fecundidade, na força.

Bem-aventurados os que vão para debaixo do chão, porque vão para uma transfiguração sagrada. Mal caem sobre eles as últimas pàzadas de terra e o canto dos padres, bárbaro e dolente, se perde com o fumo dos círios, o corpo fica só na plenitude da noite e do silêncio, perante a grande vegetação esfomeada; ele vai dar-se ali, como pasto às bocas sinistras das raízes: ele amolece entre as humidades da terra e desfaz-se em podridões: então as raízes começam a sugar e a comer: a podridão transforma-se em seiva: a seiva sobe pelos troncos, estende-se pelos ramos, palpita dentro da árvore, engrossa, fecunda, arredonda-se nas exuberâncias dos gomos, e abre-se depois em folhagens, em florescências e em frutos: e o corpo transformado vê outra vez o sol, as grandes poeiras,

e sente os orvalhos, e ouve as cantigas dos pastores, e vive sereno, repousado, na floresta imensa.

E no entanto, junto daquele corpo, que sofreu a metempsicose do bem, foi enterrado outro, num caixão de chumbo, entre pedra e cal, hirto e embalsamado. Entre a enorme palpitação difusa, enquanto em redor se vai operando a lenta transformação da semente, onde já estão em germe as folhas, os troncos, os frutos, as flores, os ramos que mais tarde o vento atormentará, entre as raízes fortes e retorcidas dos arbustos, entre as ondas da seiva, entre as uberdades e as voluptuosidades criadoras da terra fecunda, o cadáver embalsamado ali está, inteiro, hirto, rijo, feio, lívido. Ele inveja os átomos livres e soltos, que sobem e descem no encruzamento das vitalidades, que se deslocam e escorrem, como grãos dum saco, desde as constelações e os cometas, até às espumas castas das fontes: ali, sequestrado à natureza, não se pode dissolver na eterna matéria forte: não tornará a ver o sol, as noites amolecidas de orvalhos, os soluços lascivos do mar... Que estranha fatalidade pesava sobre ele, que nem a morte o libertou?

Oh! possamos nós todos ter sempre em vida a religião do sol, da beleza e da harmonia; movermo-nos na atmosfera serena do bem e da liberdade; ter a alma limpa e transparente, sem sombras de deuses e de tiranos; sentir o enlaçamento divino dos braços da bem-amada — e depois, ó santa Natureza! toma os nossos corpos para fazer deles árvores cheias de sombra e ramos resplandecentes!

E ao menos, durante a vida, convivamos com a natureza. Quando entramos numa floresta, parece que a luz do sol, que escorre abundante e fecunda, nos enche todo o interior, despertando ali, como faz nas madrugadas de Maio, os coros de pássaros: e depois há um responso sagrado, como se todas as iras, e as amarguras, e os desalentos, e os terrores, se curvassem na mesma humildade, ao elevar-se na alma uma hóstia misteriosa.

Durante o dia há, nas florestas, uma santa celebração: as árvores estão graves como sacerdotes: as flores incensam: a luz do sol é a alva flamejante e serena que a floresta veste: e ela murmura um canto dolente e sacro, acompanhado pelos pássaros religiosos, e dentre as ramagens eleva-se uma paz viva, fecunda e consoladora, como uma vaga hóstia: e, ao fim da missa, as árvores, balançando os ramos, parecem lançar ao povo curvado das plantas, das ervas, e das relvas, a sua bênção soberba.

Ora, quando passamos entre estas celebrações, tristes, humildes, purificados, de entre a folhagem que se aninha, inquieta, no seio do vento, sai, para nós, toda a sorte de vozes, de saudações e de confidências.

São os nossos queridos mortos que nos falam; e então toda a matéria tende a elevar-se, a desfazer-se em vapores e orvalhos, a ir pousar, com suavidade e doçura, nos seios da folhagem, que já foram seios amados...

E depois a natureza tem imensos perdões e reconciliações formidáveis; todos os ódios trá-

gicos, todos os corações ferozes se fundem divinamente na promiscuidade sagrada da terra. Ela não escolhe; tudo lhe é bom; as raízes das rosas pastam a podridão dos tiranos; e dos homens que na terra ensanguentaram, dilaceraram, profanaram, faz carvalhos austeros e cedros religiosos.

Ela é mais doce que as religiões: nas Escrituras Judas atraiçoa Jesus, e no entanto há muito tempo que os dois corpos — o do homem luminoso e o do homem escuro — andam enlaçados e dissolvidos nas mesmas auroras e nas mesmas corolas.

Ela acolhe, indiferente, todos os ritos, todas as religiões: as mesmas oliveiras, que na Grécia encobriam, serenas, as coreias nuas dos ritos de Baco, cheios de ondulações lascivas, encobriram depois, agitadas por um vento feroz, sob a luz irada das constelações, o pobre Jesus, gemendo, arrastando-se na rocha e nas silvas, suando sangue, bradando aflito na noite das Agonias.

Às horas em que acabo estas linhas, vai o dia a declinar: agora, lá ao longe, nos campos, lembra-me que anda o semeador erguido sobre os sulcos, roto e sereno, espalhando o grão com gesto augusto: e parece-me vê-lo daqui, entre as transparências mórbidas do anoitecer, distribuindo a vida: são os corpos dos seus avós, que ele assim espalha pelos sulcos fecundantes: são eles que se tornaram searas e que lhe hão-de encher o celeiro; são eles que lhe dão a comer a sua carne e a beber o seu sangue. Sagradas transfigurações!

Assim, é na natureza que devemos ir procurar as consolações, estremecer com os amores mortos, chorar no seio das maternidades passadas. É na natureza que se deve procurar a religião: não é nas hóstias místicas que anda o corpo de Jesus — é nas flores das laranjeiras.

A PENÍNSULA

AINDA ontem eu pensava que nós outros, os peninsulares, nem sempre tínhamos sido uma nação estreita, de pequenas tendências, sonolenta, chata, fria, burguesa, cheia de espantos e de servilidades: e que este velho canto da terra, cheio de árvores e de sol, tinha sido pátria forte, sã, viva, fecunda, formosa, aventureira, épica!

Ah! foi há muito tempo...

Era naquele tempo em que a Itália rodeava os papas severos; e olhavam para o céu as virgens do Dominiquino. Por esse tempo ia, pela Europa, uma profunda transformação social. Na Alemanha, Lutero entrava em Worms, com um canto batalhador, em nome do espírito e da alma. O Papado ia morrer. Era necessário que todo o Sul se aliasse na cruzada católica.

Toda a revolta de Lutero foi tomada, ao princípio, por um daqueles lentos suspiros alemães, que se perdiam no coro profano, luminoso, embalador e forte do Sul.

Viu-se, depois, que era a voz imensa da alma do Norte, toda uma humanidade austera e vital,

que se movia, que vinha falar, pensar, examinar, revelar, sob o peso da teocracia romana, dos papas, dos imperadores, das tiranias, dos sacerdócios.

Todo o Sul católico estremeceu: aquela revolta vinha imprevista e rápida: um dia, a imperceptível e vasta humanidade, quando fosse, uma madrugada, para as suas adorações, podia encontrar a velha Roma deserta, e, ao longe, o catolicismo dissipando-se com um som hierático de salmos, e um colorido vermelho de fogueiras.

Era necessário salvar o Sul.

A Itália tinha-se familiarizado com o cristianismo: tinha-se acostumado às santas macerações de Jesus, à transparência ascética das virgens; os renunciamentos e os medos católicos já a não vergavam para o pó. Ela, cheia de sol, e de sons, e de forças, começava a olhar a natureza, as grandes fecundidades, as vitalidades poderosas, as melodias moventes da carne.

Os velhos Deuses da Grécia tinham-se refugiado na alma italiana: ao princípio andavam no fundo, como recordação leve, transfigurados pela dor, encolhidos, soluçantes, miseráveis: depois, lentamente, foram aparecendo, espalhou-se um cheiro de ambrósia e um som de idílio; e os seus corpos, sãos como astros, ocuparam, por fim, toda a alma italiana com coreias, derramações de néctares, palpitações de luz, divinos resplandecimentos de vida.

A Itália tinha-se afastado de Dante e das visões devoradoras do infinito: e os poucos que se curvavam sobre a *Divina Comédia,* não era para ver os castigos e os paraísos, mas para

sentir as palpitações, que lá tinham ficado, da alma de Florença.

A Itália seguia Petrarca: mas em Petrarca havia ainda uma religião e um misticismo — o amor: e a Laura dos *Sonetos,* como a Virgem mística, prendia nas humilhações religiosas todos os cavaleiros do Sul. A Itália então deixou Petrarca e rodeou Ariosto, o aventureiro, o jovial, o descrente, cavaleiro e escarnecedor.

Foi então que se ouviu aquela voz do Norte.

Todas as coortes católicas andavam dispersas, galhofeiras e namoradas, rindo com o Aretino, escarnecendo brutalmente com o poeta Pulci, guiadas por Lorenzo de Médicis e pelo Cardeal Bembo, cantando às estrelas, adorando as Violantes, rindo de Fra-Angélico, aclamando Ticiano, cobertas das sedas de Veneza, com o peito cheio da religião do sol, da música e das noites profanas.

Foi então que se ouviu a voz do Norte, o canto de Lutero. Todos os católicos correram instintivamente, rodearam os papas severos, Adriano VI, Clemente VIII, cantaram os salmos e as missas de Marcelo, cheias dos renascimentos ascéticos, e foram seguindo o Tasso, que voltava, apaixonado e religioso, para Dante e para Deus.

E o papa continuou caminhando, sereno e terrível, deixando as sombras das masmorras de Galileno e de Campanella, e mais longe o fumo das fogueiras de Vanini e de Giordano Bruno.

Tal era a luta do Norte e do Sul.

Ora, durante essa luta das religiões e das pátrias, a Península, encolhida nas suas montanhas, coberta de sol, violenta, sinistro cavaleiro

de Deus, armava as caravelas e os galeões para as bandas desconhecidas das ilhas, dos continentes, dos cabos temerosos. Nós outros, os peninsulares, aparecíamos às demais nações como velhos lobos do mar, sempre sobre os tombadilhos, trigueiros, rijos como calabres, sãos como o sol, ensurdecidos pelo clamor das marés, cheios de legendas, e perdidos, ao longe, nas brumas terríveis.

De vez em quando desembarcava este povo, bradando que tinha descoberto um mundo, que lá tinham ficado infinitas multidões, negras, bestiais e nuas, sob a bênção dos padres: ali mesmo, sobre a areia, ao rumor das maresias, escrevia a história trágica da sua viagem, e uma madrugada, tomados das saudades do mar, partiam de novo, radiosos e bons, para a banda das Índias.

Era assim. Todos os anos, aquela multidão imensa de aventureiros embarcava nos galeões, entre os salmos e os coros, e eles iam, silenciosos e flamejantes, por entre as sonoras ilimitações, os ventos aflitos e os tremores da água — para os nevoeiros inexplorados.

Iam em demanda de mundos, levando Deus dentro do peito, sob as constelações augustas, entre as tempestades, os rochedos, os climas e as correntes, de pé nos tombadilhos, descobertos, rodeando um Cristo, cantando os salmos ao coro dos furacões, todos reluzentes de armaduras e de divisas de amor, com a alma cheia de altivezas de batalhadores e de doçuras de apóstolos.

Iam como numa glória e em nome de Deus! E quando encontravam as hostilidades e os

encrespamentos irados dos elementos, as opressões infinitas dos ventos e das águas, erguiam as mãos como para uma excomunhão, e bradavam, soberbos, àqueles sopros e àquelas maresias, os versículos do Evangelho segundo S. João.

Ora aqueles homens, marinheiros e batalhadores, eram historiadores e poetas. Escreviam os seus feitos.

Escreviam-nos entre os assaltos e as tempestades, no convés das caravelas, nos cabos tormentosos, nas florestas sagradas da Índia, sob as imobilidades cruas da luz: escreviam cobertos das espumas, enegrecidos pelos fumos, trémulos das iras das batalhas. Por isso enchiam as suas crónicas e os seus poemas duma estranha prodigalidade de força e de vida. E os seus diários de bordo tinham, muitas vezes, a simplicidade épica de Homero.

Mas eles também tinham amores, ciúmes, paternidades, paixões, lirismos interiores, e as saudades da pátria nasciam naquelas almas, como grandes açucenas que se abrem dentro dum vaso, e que o enchem.

De noite, nos tombadilhos, embrulhados nos seus mantos esburacados, deitados entre as cordagens, aos embalos das marés, enquanto os pilotos, silenciosos, seguiam com os olhos as viagens imensas das estrelas, e todo o mar enorme se amolecia como um seio cansado, eles contavam em voz baixa, com as cabeças juntas, as histórias de amores, os torneios, as aventuras, as serenatas, e a vida da pátria.

E escreviam poemas, cantatas, sonetos, farsas, comédias e elegias.

E para vestirem o sentimento fecundo, forte, cheio do sol e do mar, tomavam a forma popular.

Estavam longe da Europa, das plásticas da Itália, dos renascimentos gregos e romanos, das antigas formas rituais, das educações clássicas.

Não conheciam isto.

Mas lembravam-se sempre das cantigas da pátria, das lendas heróicas, dos romances populares, que eles tinham ouvido pelos campos, com que os velhos embalavam os netos, que se cantam de noite às estrelas, por Sevilha e por Granada e que os mendigos diziam pelas velhas pontes dos godos e dos árabes. Porque o povo, na Península, tinha uma poesia, sua exclusivamente, que cantava nos trabalhos, com que adormecia os filhos, em que escarnecia os alcaides e celebrava os heróis.

Fazia daquela poesia um uso sagrado: era a sua consolação, o grande leito misterioso onde adormecia as tristezas: era ali que procurava confortos, recompensas, e as ideias da pátria.

No Norte, a poesia popular foi a Invisível que levou, pela mão, os trovadores, filhos das glebas, até às lareiras dos senhorios feudais: foi o primeiro suspiro de amor que os pobres poetas da populaça, místicos e sensuais, soltaram para as brancas castelãs que entreviam nos torneios, cobertas de pedrarias; ou passando de noite, brancas, às estrelas, pelos altos terraços; ou entre as árvores, ao entardecer, quando as ogivas, cheias do sol oblíquo, estão flamejantes como mitras.

E as castelãs abriram os braços para os poetas tristes, indolentes, e cheios do paraíso. Admi-

rável influência da poesia, que produziu, pelo amor, um renascimento social!

Mas a poesia da Península era ùnicamente do povo: era a epopeia austera do Cid, exterminador de mouros, e de Bernardo del Carpio, exterminador de bárbaros. Na península, o povo estava sob uma condição especial; tinha uma importância no estado forte, fecunda e soberba: a Península tinha passado os primeiros anos da sua constituição, nas lutas terríveis do forte Maomé e do Cristo místico; ora o popular da Península não era um servo, era um cristão: consagrado pelos baptismos, era uma força individual, que impelia e dissolvia o elemento mourisco, sensual e poderoso.

Ora, foi sob a forma popular que aqueles batalhadores e poetas, que vão hoje tomando a vaga atitude da legenda, escreveram os seus poemas, as suas cantatas, as suas comédias e os seus sonetos.

Então toda a literatura peninsular tem uma originalidade profunda, independente de formas e ritos: a arte, o drama, a poesia, saem das tradições populares, do clima, do sol, de todas as vitalidades meridionais: isto quando pelo resto da Europa todas as nacionalidades esqueciam as suas tradições, a sua história, a sua velha alma, para se envolverem nas formas antigas. Era a Renascença. Então aparece o teatro espanhol, original, cavalheiresco, enérgico, apaixonado, cheio de selvagens palpitações, de lances, de religião: teatro onde a cruz é um personagem; onde falam lacaios, heróis, santos, ventos, galeões; onde todas as formas da vida se confundem — o riso, o choro, a ironia, a sátira, o madrigal...

Depois uma pintura mística e sensual: não é a espiritualização da alma, é antes a imortalização da carne, inspirada daquele misticismo espanhol, que sob a influência da natureza, do clima, da política, da raça, parece mais cheio das trágicas iras de Jeová, do que das doçuras de Jesus.

Depois uma música, como a do *Dies irae,* obra dos terríveis dominicanos: um poema de morte: uma das maiores agonias da alma: música ascética e flamejante, onde a natureza aparece, trágica e desgrenhada.

Uma arte onde se torcem todas as chamas do inferno, e todas as pedrarias dos paraísos católicos, que parece uma luta trágica e cómica da vida e da morte; uma igreja cheia de renunciamentos místicos, mas onde o misticismo parece mais um desespero de não poder saciar-se dos bens do mundo, do que uma aspiração a poder fartar a alma nas contemplações divinas: uma defesa do catolicismo, trágica e apaixonada: um amor sublime pelos despotismos e pelos sacerdócios: confusão dos imperadores com os santos e das coroas de metal com as coroas de luz: uma vida superabundante: ascetismos ferozes e onde o sentimento mais aparente é o rancor.

Ao mesmo tempo uma austeridade monástica em tempo de guerra: caravelas que partem, sem cartas nem roteiros, sob as simples indicações das estrelas: quase, por vezes, uma reconciliação aparente do Maometanismo e do Cristianismo: uma paixão avara pelo dinheiro: o elemento da intriga que quer entrar na política, vindo substituir o elemento da força: combates cavalheirescos

com a Europa vizinha. Depois um sol ardente: um sangue exigente: uma carnação soberba: ao longe a América e as Índias como um paraíso de ouros, de metais e de soberanias.

Tal é o aspecto mais geral da Espanha, nas vésperas da Renascença.

É dramática aquela vida.

Não admira, por isso, que a forma suprema da sua arte — fosse o drama.

Em Portugal, não é este rigorosamente o fundo do génio: há mais serenidade na força: o carácter português é mais parecido com o carácter italiano: os nossos sábios, os nossos viajantes, os nossos descobridores, tinham mais a lucidez do tempo de Galileno do que a fé do tempo de Dante: as navegações são prudentes: por isso, Portugal não resistiu nada à influência italiana. O renascimento da antiguidade, a serenidade plástica, a frieza clássica, aclimatam-se na Espanha, mas com dor e com luta: foi necessário que a Espanha já não acreditasse na sua epopeia cavalheiresca e que Cervantes começasse a fazer trotar, pelos caminhos, o magro D. Quixote.

Em Portugal não: o génio antigo aclimatou-se: transformou-se mesmo: perdeu o elemento vital e fecundo — e ficou-lhe o elemento retórico.

Ó Arcádia! Ó moços pastoris e burgueses! Ó clássicos!

O «MIAUTONOMAH»

HÁ duzentos anos, uns poucos de calvinistas exilados fretaram um barco na Holanda húmida e úbere, e, sob o equinócio e os grandes ventos, miseráveis, austeros, levando uma Bíblia, partiram para as bandas da América.

Duzentos anos depois, estes homens que tinham ido, solitários, num barco apodrecido das maresias, derramaram uma esquadra épica pelo Mediterrâneo, pelo Pacífico, pelo mar das Índias, pelo Atlântico, pelos mares do Norte.

Aquela colónia de desterrados, que choravam de frio, esfomeados, rotos, que dormiam às humidades do ar numa capa esfarrapada, é hoje a América do Norte — os Estados Unidos.

América do Norte significa trabalho, fé, heroísmo, indústria, capital, força e matéria.

Ùltimamente via eu o *Miautonomah,* sinistro e negro caçador de esquadras: é toda a imagem da América — frio, sereno, contente, material, e cheio de fogos, de estrondos, de maquinismos, de forças e de fulminações.

É o que amedronta naquele navio: — a frieza na força.

Ele representa a consciência soberba da força e da indústria, e os grandes orgulhos do cálculo: despreza as iras e as hostilidades dos elementos: ele tem de atravessar o Pacífico, o Oceano Índico, o Mediterrâneo, os grandes desvairamentos da água, os ventos imensos, os equinócios, as trombas, as correntes, os rochedos bruscamente aparecidos, os nevoeiros pérfidos, os magnetismos, as electricidades, toda a vil populaça das tempestades. Então todos os navios se preparam: — cordagens, velames, mastreações, complicações e resistências de forças, toda a combinação astuciosa de lonas e calabres, que transforma as hostilidades em auxílios; ele, o *Miautonomah*, contenta-se com uma tábua rasa.

Em tempo de luta precavêm-se os almirantes e os cabos de guerra: um formigueiro de morteiros, de bombas, de obuses: metralhas, machadas, o arsenal reluzente das abordagens; a ele basta-lhe uma muralha de ferro.

O vento é temido: nas vastas solidões azuis, ele é o lobo sinistro que anda rodando e uivando, à caça dos navios; ele acalenta o mar, massa inerte e salgada; ele faz com a água estranhas núpcias ferozes; extermina, cantando com alegrias bárbaras; esfarrapa as nuvens, persegue e esguedelha as chuvas, assobiando contente: em alguns mares do Norte, quando ele sopra, as estrelas têm maior tremor: mas o grande horror do vento, é que ataca com o peso, com a violência, com a força, e defende-se com o esvaecimento.

O *Miautonomah* é assim: ataca serenamente, com violências enormes, com fulminações trá-

gicas, e defende-se com a impassibilidade e quase com o esvaecimento.

Na luta das esquadras, no meio das descargas, das trovoadas flamejantes, entre os terríveis fulgores do fogo, e os fantasmas do fumo, e as efervescências da água — ele passa, solta a sua fulminação enorme, despedaça, esmigalha, dispersa e continua lento, frio, impassível, mudo, tenebroso, coberto de ferro.

Ele não receia o mar: os outros navios erguem amuradas imensas, para conter o encrespamento da onda: forram-nas de cobre, erriçam-nas de pregaria. O *Miautonomah* não: ele julga a demência do mar um prejuízo: corta a amurada e fica com o convés raso, ao rés da água: satisfaz a velha curiosidade da vaga: e por misericórdia dá-lhe hospitalidade: e para que o mar tenha alguma coisa a desfazer, a triturar, a roer — dá-lhe, por compaixão, uma varanda de hastes de ferro enferrujado, e pedaços de corda podre. E o mar entra, desesperado, mugindo, e lambe o chão do navio americano: em baixo, nas camas, agasalhados e preguiçosos, os marinheiros dizem: — Lá anda o mar a varrer e a lavar o tombadilho. — E com efeito, o velho oceano dos dilúvios faz, humildemente, o serviço dos últimos grumetes.

Em cima, na superfície da água, há o vento, as espumas, os nevoeiros, as chuvas, as trombas; ele, aborrecido, afasta-se deste bando miserável e vai investigar o fundo das águas, as vegetações fantásticas, a região dos corais, as cavernas enceládicas, as purezas infinitas da transparência, todo esse mundo submarino de

que os velhos mareantes falavam, benzendo-se com terror religioso: com a quilha de ferro, enorme, ele brutaliza aquelas virgindades do mar: em baixo, a tripulação nada sabe das tempestades: em vão ruge o mar, e torce-se, e desencadeia o jogo fulminante das ondas, e espanca o convés do navio com o ruído de mil carros de batalha; os marinheiros, em baixo, riem, cantam, baloiçam-se, pulem os aços dos maquinismos, cachimbam, e lêem a Bíblia — serenos.

Como não há mastreação, nem velame, nem cordagens, nem toda a amontoação confusa de calabres e de lonas — o tombadilho aberto é cheio de ar e de luz: e, durante as viagens, é uma pousada das algas, das conchas, das espumas, das aves do mar.

Dentro são as máquinas, as forças: os motores trabalham solitários, com vozes, impaciências, preguiças, friamente, como as fatalidades da matéria. Ao atravessar os espaços obscuros, vê-se o frio luzir dos aços, e os cobres luminosos; depois são as fogueiras flamejantes, que dão a vida aos maquinismos — vermelhas como corações sobrenaturais: o ar é descido por máquinas de respiração, pulmões terríveis; e um vento geral, fecundo, benéfico, escorre constantemente por todo o negro bojo. Fazem-se assim livremente temperaturas: frios mordentes, calores pesados, e frescuras das manhãs do Sul. Nas suas viagens pelo mundo, aquele navio desmente, quando quer, os climas e as temperaturas.

Ora, sobre aquele negro navio, sobre os maquinismos frios, aquelas forças pavorosas, aque-

las fogueiras terríveis, no convés, entre as negras torres, ao livre ar, ao livre sol, alegre, glorioso, gordo, esvoaçando na sua gaiola — canta um canário.

Tal é o *Miautonomah* navio de guerra da América do Norte.

Nós entrevemos a América como uma oficina sombria, sonora e resplandecente, perdida ao longe nos mares.

Entrevemo-la assim: movimentos imensos de capital; adoração exclusiva e única do deus Dólar; superabundância de vida; exageração de meios; violenta predominação do individualismo; grande senso prático; atmosfera pesada de positivismos estéreis; uma febre quase dolorosa do movimento industrial; aproveitamento avaro de todas as forças; extremo desprezo pelos territórios; preocupação exclusiva do útil e do económico; doutrinas de uma filosofia e uma moral egoísta e mercantil; todo o pensamento repassado dessa influência; uma fria liberdade de costumes; uma seriedade artificial e brusca; dominação terrível da burguesia; movimentos, construções, maquinismos, fábricas, colonizações, exportações colossais, forças extremas; acumulação imensa de indústrias, esquadras terríveis, uma estranha derramação de jornais, de panfletos, de gazetas, de revistas; um luxo excessivo; e por fim um profundo tédio pelo vazio que deixa na alma a adoração do deus Dólar. Assim entrevemos a América, ao longe, como uma estação entre a Europa e a Ásia, aberta ao Atlântico e ao Pacífico, com uma bela costa de navegação cheia de enseadas, molhada de grandes lagos,

com os seus grandes rios que escorrem entre as terras, as culturas, as fábricas, as plantações, os engenhos; e depois uma natureza vigorosa, fecunda, eleita, desaparecendo entre as indústrias, os fumos das fábricas, as construções, os maquinismos, — como a erva duma campina fértil que desaparece sob uma amontoação tumultuária de multidões.

A vida da América do Norte é quase um paroxismo.

Representa decididamente uma grande força, uma vitalidade enorme, superabundante. Mas será essa a vida ideal, fecunda, a vida do futuro?

Todos os dias dizem à Europa: — Olhai para os Estados Unidos, lá está o ideal liberal, democrático, e, sobretudo, a grande questão, o ideal económico.

Mas a América consagra a doutrina egoísta de Monrói, pela qual uma nacionalidade se encolhe na sua geografia e na sua vitalidade, longe das outras pátrias; esquece as suas antigas tradições democráticas e as ideias gerais para se perder no movimento das indústrias e das mercancias; alia-se com a Rússia. A raça saxónia vai desconhecendo os grandes lados do seu destino, enrodilha-se estreitamente nos egoísmos políticos e nas preocupações mercantis, cisma conquistas e extensões de territórios, subordina o elemento grandioso e divino ao elemento positivo e egoísta, e a grande figura sideral do Direito às fábricas, que fumegam negramente.

Uma das inferioridades da América é a falta de ciências filosóficas, de ciências históricas e de ciências sociais.

A nação que não tem sábios, grandes críticos, analisadores, filósofos, reconstruidores, ásperos buscadores do ideal, não pode pesar muito no mundo político, como não pode pesar muito no mundo moral.

Enquanto a superioridade foi daqueles que batalhavam, que lançavam grandes massas de cavalarias, que apareciam reluzentes entre as metralhas, o Oriente dominou, trigueiro e resplandecente. Quando a superioridade foi daqueles que pensavam, que descobriam sistemas, civilizações, que estudavam a terra, os astros, o homem, e faziam a geologia, a astronomia, a filosofia, o Oriente caiu, miserável e rasteiro.

Há, sobretudo, na América um profundo desleixo nas ciências históricas. Inferioridade! As ciências históricas são a base fecunda das ciências sociais.

É a superioridade da Europa: sob a mesma aparência de febre industrial, há uma geração forte, grave, ideal, que está construindo a nova humanidade sobre o direito, a razão e a justiça.

O nosso mundo europeu também é uma estranha amontoação de contrastes e de destinos; é uma época, esta, anormal, em que se encontram todas as eflorescências fecundas e todas as velhas podridões: políticas superficiais e grandes fanatismos de ideias; um desafogo das livres consciências e a tirania dos velhos ritos; diplomacias pacíficas e transigentes, e um espírito de guerra surdo, aceso e flamejante: territórios violentados e conquistados, e a aniquilação pela história e pela filosofia dos conquistadores e dos heróis: restos de influências monárquicas, entre explo-

sões de individualismo revolucionário; humanitarismo fundido com o mais áspero egoísmo; um caos horrível de contradições, e, em cima, triunfal e soberba, a indústria, entre as músicas dos metais, as arquitecturas das Bolsas, reluzente, cintilante, colorida, sonora, enquanto no vento passa o seu sonho eterno — que são fortunas, impérios, festas, empresas colossais.

Ora em baixo, sob a confusão, sereno, fecundo, forte, bom, livre, move-se em germe um novo mundo, o mundo da justiça social e económica.

Este germe é que a América não tem, creio eu.

Porque toda a América económica se explica por esta fórmula: feudalismo industrial.

Diz-se que na América há um constante aumento de tráfico, de receitas, de riquezas: há aumento; mas não há justa distribuição. A riqueza amontoa-se em proveito da alta finança — com detrimento das pequenas indústrias.

Logo que na ordem económica não haja um balanço exacto de forças, de produção, de salários, de trabalhos, de benefícios, de impostos, haverá uma aristocracia financeira, que cresce, engorda, incha, e ao mesmo tempo uma democracia de proletários que emagrece, definha, e dissipa-se nas misérias: e como o desequilíbrio não cessa, não cessam estas terríveis desuniformidades.

Mas o grande mal da predominação exclusiva da indústria é este: o trabalho pela repugnância que excita, pela absorção completa de toda a vitalidade física, pela aniquilação e quebrantamento da seiva material, pela liberdade em que deixa

as faculdades de concepção — por isso mesmo sobreexcita o espírito, estende os ideais, abre grandes vazios na alma, complica as necessidades, torna insuportável a pobreza: nas grandes democracias industriais onde as posições são obtidas pela perseverança, conquistadas pela habilidade, onde há mil motores — a ambição, a inveja, a esperança, o desejo — o cérebro aquece-se, cria sonhos, ambições, necessidades impossíveis; o *querer chegar* torna-se uma verdadeira doença de alma: exageram-se os meios: e toda a seiva moral se altera e se deforma.

É o que vai acontecendo na América; debaixo da frieza aparente, move-se todo um mundo terrível de desejos, de desesperanças, de vontades violentas, de aspirações nevrálgicas.

Depois, como no meio das indústrias ruidosas e absorvedoras muitas amarguras ficam por adoçar, muitas angústias por serenar, muitas fomes por matar, muitas ignorâncias por alumiar, tudo isso se ergue terrível no meio da febre da vida social, e torna-a mais perigosa. Londres dá hoje o aspecto desta luta.

De maneira que o trabalho incessante, enorme, irrita e exagera o desejo das riquezas, aferventa o cérebro, sobreexcita a sensibilidade: a população cresce, a concorrência é áspera, as necessidades descomedidas, infinitas as complicações económicas, e aí está sempre entre riscos a vida social. Entre riscos, porque vem a luta dos interesses, a guerra das classes, o assalto das propriedades, e por fim as revoluções políticas.

E, todavia, a liberdade da América parece tão confiada, tão assente, tão satisfeita!

No entanto há muita força fecunda nos Estados Unidos! Ainda há pouco deram o exemplo glorioso de uma nação que deixa os seus positivismos, a sua indústria, o seu egoísmo, o seu profundo interesse, e arma exércitos, esquadras, dissipa milhões, vai bater-se por uma ideia, por uma abstracção, por um princípio, pela justiça.

O Sul queria manter a escravatura: o escravo que trabalhe, que cultive, que produza, que sue, que morra sob a força metálica, baça e sinistra, do clima e do sol. Pois bem. O Norte quer a liberdade, o amor das raças, e bate-se pela liberdade, pela legalidade, pela união, pelo direito! E dispersa os exércitos da Virgínia.

Tais coisas me lembraram há dias, ao visitar o *Miautonomah,* fundeado no nosso Tejo.

MISTICISMO HUMORÍSTICO

VOLTEI. É agora que as toutinegras emigram. Andei pelos campos, neste ar desfalecido do Inverno outonal.

Agora o azul está indolentemente belo. Tem quase uma irónica serenidade. É o azul intenso, frio, triunfante. Tem a luz, a beleza, a força, a inefabilidade. Agora a luz enternecida dos campos arrasta-se pelas grandes águas quietas e pálidas, onde o vento revolve e espalha a agonia das folhas.

Quando voltava, vi uma casa pequena, esbranquiçada, escondida entre as bênçãos indolentes das árvores. Tinha a serena quietação de quem tem ouvido segredos extáticos, e era triste e religiosa como a entrada amarelecida de um convento católico. Havia uma corrente de água delgada que fazia claras murmurações, e era como o acompanhamento, natural e melódico, de uma écloga latina. Entre as árvores estava um banco solitário, que o musgo ia cobrindo. Nas plantas, nas clematites, nas trepadeiras que o cercavam, havia um murmúrio, como de vozes distantes que contam felicidades perdidas. A pe-

dra escura e molhada do banco tinha a tristeza das pedras do cemitério, à luz consoladora, purificadora e branca, que cai dos céus outonais.

Agora, sobre aquele banco, dorme estirada a grande luz do sol, e à noite o luar, porque já não há naquela casa namorados contemplativos que venham, de noite ou à sesta, despertar, para se poderem sentar ali, àqueles dormentes de luz.

Aquela casa abandonada faz lembrar amores místicos: e, quando se vê à luz dolente do escurecer, faz subir do coração como um sabor de beijos antigos e esquecidos.

As árvores erguiam, em atitudes violentas e proféticas, os seus braços nus, engelhados, suplicantes para o frio azul, esperando, no entorpecimento, a fermentação violenta das seivas. Os ramos frios e nítidos deixavam passar indiferentes, sem as suspender, sem as acariciar, as moles nudezas das nuvens.

Toda a natureza, no tempo dos frios, está impassível e sonolenta.

Passei por um cemitério. Andava um coveiro abrindo as covas. Tinha um rosto inerte e animal. A luz dissipava-se, e uma estrela que se chama Vénus luzia, metálica, ardente, desejosa, lucilante, num fundo sinistro de ramagens.

O coveiro é um semeador. Semeia corpos. Sòmente não tem a esperança nem o amor das colheitas. Quem sabe se os corpos, que se atiram à vala, sementes fúnebres, se abrem, lá em cima, em searas divinas de que nós apenas vemos a ponta das raízes, que são as estrelas? Mas não.

A alma morre. O corpo revive e dissipa-se na matéria enorme.

É na alma que estão as más vontades, os negros remorsos, as lacerações do mal: o corpo desce livre, novo e são para as uberdades limosas das covas.

Quando chega o último frio, ódios, amores, tristezas, invejas, melancolias, desejos, todos cansados das lutas e da vida, dizem à natureza como gladiadores vencidos: — *Os que vão morrer saudam-te!* — E morrem.

A vida e o seu suplício é absorvida na insensibilidade da natureza, no silêncio perpétuo, na força fatal e cega. E a matéria vai pelos ares, pelas planícies, amolece-se nas sombras, vivifica-se nos raios claros, é rochedo, floresta, torrente, fluido, vapor, ruído, movimento, estremecimento confuso do corpo de Cíbele: e a matéria sente a vida universal, a palpitação do átomo debaixo da forma, sente-se banhada pelas claridades suaves e pelos cheiros dos fenos, sente-se impelida para a luz magnética dos astros e dilacerada nos ásperos movimentos da terra. A matéria tem a consciência augusta da sua vitalidade. E assim, sob a tua impassibilidade, há uma angústia imensa, uma vida ardente, impiedosa, uma alma terrível, ó formidável natureza!

A noite descia: caía de cima uma claridade láctea; pesava um austero e lento silêncio; a larga brancura celeste era gloriosa; os pastores desciam com os rebanhos lentos, balando; havia pelo ar uma bondade indefinida, uma virtude fluida: eu lembrava-me dos Elísios olímpicos e mitológicos onde, na claridade, passam as sombras heróicas,

serenas, brancas, leves, levadas por um vento divino. Claridades sem sol!

Eu ia escutando os passos da doce noite, que vinha caminhando. Ia-me afundando no tédio, como um navio roto numa maré do equinócio. Enchiam-me a alma crepúsculos brancos. Entrei no grande arvoredo negro. Àquelas horas, os linfáticos, os inocentes, os místicos, encontram nos arvoredos languidezas e elevações ascéticas. Mas eu tremia entre a ramaria inquieta como um mar, misteriosa como um firmamento: — tremia como um homem medroso que visse erguer-se um morto. Toda aquela negra decoração de ramos torcidos, de folhagens lívidas, de silêncios, enchia-me de um terror profundo e trivial. A luz dissipada e transfiguradora do ocaso dava aos troncos um estranho aspecto de lutadores, vindos do sangue e dos incêndios: os sinos distantes eram como vozes indefinidas de miséria e de dor.

Passava um vento incessante e perseguidor. Os mochos voavam, e as águas sonoras eram como vozes vingativas e trágicas. A Lua, entorpecida, passava por detrás da estacada de ramos. O vento era rouco e lento como um canto católico de ofícios. E o grasnar lento e arrastado dos corvos parecia uma ladainha bárbara de padres. As árvores doentias rangiam ao vento hibernal, o ar estava diáfano, lácteo e mortuário. As estrelas que apareciam tinham o olhar lancinante.

Cheguei à estalagem. Em baixo, na lareira, um magro fogo lambia as fuligens. A luz do meu quarto tinha a lividez dos círios, e o espelho tinha

reflexos pálidos, como de sombras mitológicas que passassem. Ouviam-se os lobos.

Lembraram-me então as outras noites, claras, doces, lentas, em que o céu derrama sonolências; então também eu ia por entre as árvores, e ouvia ondas sonoras de cantigas, que o vento fazia retinir através da bruma, entre o acre cheiro das eflorescências. Aquelas vozes claras eram doces, santas, saídas de cristais, como veladas por um luar. Eram como claridades sonoras de estrelas. Era uma multidão de formas divinas que assim cantavam, divindades feéricas, willis, nixes, peris, fadas, que passavam ligeiras sem despertar os ramos adormecidos. Aquelas nudezas celestes, filhas do fogo, flores do mal, ondas do ar, entrelaçavam-se, dançando nas obscuridades, que as cintilações estelares franjavam de palidezas. No meio dos nevoeiros humanos, elas faziam resplandecer diante dos olhos as visões paradisíacas, as criaturas siderais de lânguidos misticismos. Elas iam naqueles enlaçamentos, brancas e louras, cheias de lirismo, com os pés vermelhos e magoados de terem pisado auroras; iam pousando nos jacintos, nos mirtos, nas rosas bárbaras cheias de sangue radioso; iam rolando sobre a brancura soluçante dos lírios: e a sua voz triste subia, por entre o azul lácteo, para a Lua chorosa.

Quando assim estava no quarto da estalagem, inerte como uma múmia, pensando nestas coisas, vi, repentinamente, através das vidraças, a Lua aparecer-me.

Mas não era aquela pura e imaculada Lua cor de opala — que derrama brancuras, como se através do azul caíssem lírios. Era uma Lua metálica, fria, hostil, material como uma moeda de ouro nova.

Ela aparecia-me mortuária e lívida como uma sombra finada, que se ergue às grades de um adro. E o seu olhar, lancinante e rápido, estava cheio das minhas agonias.

Ora nessa estalagem encontrei um amigo, antigo camarada, que se tinha feito saltimbanco.

Fez bem. Cansado dos pedantes, dos burgueses, dos ventres mercantis, dos imbecis afogados em gordura, fez-se saltimbanco, e vive entre os palhaços. Faz forças coberto de farrapos luzentes, engole espadas, dança farto de vinho como um Sileno. Dorme numa capa esfarrapada, com a nuca sobre um tambor, à frescura das estrelas e sob a bondade dos luares.

Às vezes tem frio e fome, e gela nuns calções feitos de veludilho e de galões de ouro. Anda errante de vila em vila, e a populaça da lama admira-o cingido do seu diadema de metal luzente. Dança sobre a corda, e os seus gestos e as suas musculaturas fazem soluçar de desejos as gitanas e as feiticeiras. Que lhe importam as grandezas e as materialidades felizes?

Ele tem a multidão extática e enlevada nos giros dos seus sapatos. E tem uma bem-amada de tranças tão compridas como os ramos de um chorão, e aneladas e fortes como negros penachos de voluptuosidade: e a sua testa tem um reflexo de

luar, de mármore e de espelho: e tem um belo seio de formas bárbaras.

Ele pula à noite, no circo alumiado, enquanto as toutinegras cantam nos canaviais. Ele faz girar vinte punhais agudos em volta da cabeça, num círculo puro e sonoro. E a multidão, um dia, vendo aquele diadema terrível e faiscante, e o saltimbanco impassível, grave, enfarinhado, sob aquela coroa de luz, tomá-lo-á por um ídolo e fá-lo-á igual aos deuses!

Ele, o meu saltimbanco, tem a alma de ouro e o coração de diamante — e ri-se, ri-se, quando o vento soa como flauta do Inverno, e ao concerto das corujas e das ondas as estrelas dançam.

A miséria anda-lhe cavando a sepultura. Um dia, abandonado da bem-amada, morrerá sem pão, sem luz, sem calor, sem orações e sem sol. E não sofrerá mais. Viu durante a vida todo um povo curvado, aplaudindo, debaixo dos seus borzeguins. Os tambores e os clarinetes tocarão o dia melhor do saltimbanco, o dia em que morrer: tocarão o seu melhor dia os ferrinhos, os timbales, os clarinetes, os tambores!

Todas estas coisas se parecem com sonhos. Mas o que é o sonho? O que são as visões? São as atitudes, fantásticas e desmanchadas, que a sombra dá às verdades. Já pensava assim o poeta Li-Tai-Pé, que escrevia sobre as coisas santas da China, entre porcelanas e lacas, ao aroma dos nenúfares, vestido de sedas amarelas, perfumado de sândalo — doce, contemplativo, branco, diante dum vaso de margaridas!

O MILHAFRE

Um dia um homem entrou numa casa arruinada. No portal havia um nicho com um santo de pedra, que lia uma Bíblia, também de pedra. Em redor, na beira dos telhados, nas fendas das pedras, no canto do nicho, havia ervas molhadas e verdes, e ninhos de andorinhas. O santo tinha sempre as suas pálpebras de pedra descidas sobre o livro sagrado. Passavam as cavalgadas, os enterros silenciosos, os noivados, os cortejos, a pompa dos regimentos, e o santo lia atentamente o seu livro de pedra.

Vinham defronte dançar saltimbancos, passavam as frescas serenatas, vinham dos montes rebanhos e ceifeiras; o santo tinha os seus olhos de pedra sobre as páginas inertes. As devotas, lentas e desfalecidas, beijavam-lhe os pés nus, os homens severos saudavam-no, as crianças olhavam-no com os seus grandes olhos inanimados, os cães ladravam-lhe à calva: o santo, curvado, seguia o espírito de Deus por entre as letras do livro.

Passavam os fardos, os mercadores crestados pela indústria, os poetas lânguidos que desfale-

cem nas cançonetas, os histriões que cantam nos tablados, mulheres mais preciosas que o âmbar, os sábios, os mendigos, as virtuosas e as melodramáticas: — e o santo lia o seu livro profético.

Ora as torres gloriosas, as bandeiras, os ciprestes — ais de folhagem — os homens, perguntavam entre si: — «Que lê tão atentamente aquele santo, que nem sequer nos olha?» E os enxurros, que passam rosnando, diziam: — «Que lê tão devotamente aquele santo, que nem sequer nos escuta?»

Ora o santo lia assim. De noite, quando as bandeiras caem de sono, quando os homens estão cheios de comida e de inércia — a Lua, que ao nascer é material e metálica como uma moeda de ouro nova, depois, na suavidade do azul, é tão pura, tão casta, tão imaculada, tão consoladora, como uma chaga de Cristo por onde se lhe visse a alma. A essas horas, uma criança, tão pobre e tão esfarrapada como o antigo pastor S. João, vinha deitar-se junto do nicho do santo. E então, o santo afastava um pouco o livro, e toda a noite ficava cobrindo, com a grande luz dos seus olhos, aquela criança miserável, adormecida sobre as lajes.

Depois os planetas, a Lua, a noite seguiam a sua viagem imensa para o oeste, e a leste começava uma claridade: eram as hesitações da luz do dia, medrosa por ter de descer às misérias dos homens.

As bandeiras ainda estavam desfalecidas, sonhavam as árvores, a cidade dormia como outrora Sodoma. Acordavam então as andorinhas. Esvoaçavam gloriosas, gritando, e vinham sôfregamente, em tumulto, pousar no nicho.

As andorinhas estavam nas intimidades e nas confidências do santo.

Ora o vento, que passa pelos campos e pelas eiras, vem cheio de grãos e de sementes: a chuva cai lúcida e fresca. O santo aparava a chuva nas pregas da capa, e os grãos nas páginas do livro. E as andorinhas, quando vinham para o nicho, bebiam na capa do santo e comiam sobre a Bíblia de Deus. E, enquanto comiam e bebiam, gritavam, batiam com as asas nas barbas do santo, beijavam-se na sua boca, aninhavam-se-lhe entre os braços, cobriam-no todo; e o sol, quando chegava, ficava maravilhado de ver aquele pobre santo de pedra, que ele não conhecia do Paraíso, com os pés entre as ervas verdes, rindo, sereno, sob a luz imensa, e todo vestido de asas!

O homem entrou na casa arruinada e foi, através de pedras esverdeadas, de grandes humidades que escorriam, de madeiros apodrecidos, de muralhas leprosas de musgos, de escadarias miseráveis, até uma sala enorme, escura e trágica, e tão alta, que involuntàriamente o olhar procurava as constelações naquela sombra.

No fundo da sala havia um grande crucifixo de madeira. Sobre a cabeça macerada do Cristo, as traves podres do tecto abriam uma larga fenda. Por ali vinha a chuva escorrer-lhe nos cabelos como o antigo suor do Jardim das Oliveiras, vinham os granizos magoá-lo como as pedras da paixão, vinha o sol alumiá-lo como a tocha de Judas, e a lua vinha, também, torná-lo mais lívido, como naquela noite em que ele, depois de ter visto

a gente soluçante descer para Jerusalém, sentiu pousar na sua cruz um rouxinol, que toda a noite cantou.

Sobre a cabeça e sobre os braços do Cristo, havia teias de aranha; em baixo os ratos roíam-lhe a cruz.

Então o homem sentiu que aquele seio constelado, e aquela boca donde saiu a revelação do amor, do perdão, e da alma, tinham o pó, a podridão, a caliça e os bichos; e que, se um dia Cristo, vendo o homem aflito e miserável, lhe tinha arrancado da alma o mal, não era muito que o homem, encontrando Cristo abandonado, profanado e roído, lhe limpasse da cabeça as aranhas. Mas, quando ia a limpar a imagem, viu, sobre a cruz, junto da mão pregada, um milhafre enorme. O homem, com as mãos, quis arredar o milhafre.

E a ave, então, com a antiga voz dos animais da Bíblia, do Apocalipse e dos livros dos profetas, disse surdamente: «Homem, deixa a cruz sossegada!»

Através das fendas viam-se os astros sagrados. E o milhafre, batendo as asas, dizia:

«Deixa a cruz, deixa! Não tenhas medo que apodreça. Lá em cima luzem agora estrelas, sóis, planetas, cintilações, carbúnculos. É o pó dos Deuses mortos. Todos se finaram, histriões ensanguentados, e a sua farsa acabou em desterros.

«Morreram velhos, expulsos, esfomeados e nus.

«Este ficou, solitário, alumiando. Ele perdoou enquanto os outros lutaram, ele amou enquanto os outros choraram: por isso fica enquanto os outros passam. Deixa. Esta cruz, que é de ma-

deira, vale tanto como as que lá em cima fazem os raios dos astros, ou no silêncio dos mirtos dois olhares bem-amados.

«Deixa as aranhas, o pó, a caliça, os bichos, a neve, a geada, o apodrecimento. Ele pode bem dar às aranhas o seu corpo de madeira, pois que vos deu a vós o seu corpo de carne — a vós, que pregais com o mesmo riso e o mesmo esquecimento os morcegos no alto das janelas e o Cristo no alto dos montes; a vós, que lhe vindes limpar os cabelos de madeira, depois de lhe ter arrancado os cabelos vivos; a vós, que quereis lavar as nódoas que ele tem no peito, e não vedes as imundícies que tendes na alma. Tudo o que ele criou, o ideal, o perdão, a fé, o pudor, a religião, Deus, todo aquele evangelho da vida nova anda pelo mundo, tão degredado, tão coberto de bichos, tão imundo como o seio desta imagem antiga. A matéria, o impudor, o apetite rude, o ódio, o aviltamento, o tráfico, a miséria e a penalidade, andam sujando a tua alma, ó homem! como as aranhas andam sujando a cabeça deste Cristo! E não reparais, e não vedes, sobre os espíritos, sobre os corações, sobre as consciências, o pó, a caliça, o caruncho, os ratos e os vermes!

«Sim, é verdade: tudo é magnífico e são, e banhado de sol. As cidades são limpas e caiadas, só as consciências é que têm nódoas; as praças estão cheias de iluminações, só os corações é que estão escuros; os cais estão arejados, só os espíritos é que sufocam; os corpos estão sãos, cobertos de estofos, frescos e resplandecentes, só as almas é que andam nuas, miseráveis e leprosas. De resto, tendes o riso, a farsa, os paraísos

artificiais, as arcas venais, e também o esfriamento do túmulo! Oh! amigos íntimos dos vermes, como vós cuidais do corpo, e o lavais, e o amaciais, e o engordais — para a pastagem escura das covas!

«Homem, que fizeste tu da alma? Ao princípio não era conhecida, depois foi vendida, depois foi apupada; tu, modernamente, julgaste melhor matá-la — mas não certamente de cansaço com viagens a Deus! Deste-la a despedaçar à negra matilha do mal. Em compensação, guardaste o corpo: para esse uma religião, um asilo forte como o sol, os sete selos da lei e a escolta dos regimentos. Esse é o sagrado, o imaculado, o pontifical, o vitorioso. Proibição a Deus de lhe tocar. Para ele palácios, cortejos, serralhos, estofos, pedrarias, o sol e a iluminação dos astros. Para ele a inviolabilidade: *Não matarás!*

«Começaram então as cruzes a ficar desertas, os cepos a encher-se de musgo, as forcas a apodrecer nos caminhos. Nós, os milhafres, e os nossos camaradas, os abutres, para quem já não havia corpos nos despenhadeiros, ladrões arroxeados pela corda, afogados disformes, deixámos os grandes montes e os rios, as vastas tradições do sangue, e viemos, para viver, aceitar, com os capões, a domesticidade nos parques resplandecentes, ou andámo-nos mostrando aos imbecis, pelas feiras, numa gaiola! E as aves da noite, depois de terem visto a natureza imensa, as aflições do vento, as núpcias do mar, de terem lutado nas tempestades e insultado as estrelas, vêm, modestamente, comer bichinhos no saguão dos burgueses! Eu, que tinha estado entre a força,

quis, ao menos, ficar entre a graça; e, depois de ter vivido na noite de Deus, quis, ao menos, morrer na madrugada de Jesus! E, entretanto, a alma morre esmagada e solitária, e a grande vida moderna, a vida do sol, da música, dos metais, vai, entre fulgurações, pisando e cuspindo naquela coisa miserável. E ainda está quente o sangue de Jesus!

«Homem, que fizeste tu do pensamento?

«Anda expulso, perseguido e sublime, como um Deus antigo. Cravaste-lhe no seio as sete dores. Coube-lhe a dor e o escárnio. É necessário que, nas cidades, os pensadores e os artistas extáticos sofram e sangrem: os triunfos dos homens da matéria são como os dos antigos imperadores — só são completos, quando passam entre torturas. E quem havia de soluçar sobre a cena moderna da paixão, senão os que têm alma?

«Amam, sufocam, caem, agonizam, e, entretanto, vai passando a coorte dos vitoriosos e dos reluzentes, e as suas bolsas riem-se daqueles corações, como os botões de ouro das suas camisas apupam a luz dos astros.

«E os que quiserem viver e tiverem a alma grande, bela e heróica, têm de se baixar à estatura burguesa e mercantil dos cérebros modernos. Os deuses olímpicos, se não se deixassem ajuizadamente finar nas florestas antigas, teriam de se empregar nas secretarias. O soberbo pavão de Juno viveria num pomar dos arrabaldes. Homero seria localista. Os cavaleiros-andantes roubariam lenços nos ajuntamentos, e o trágico S. Jerónimo seria presidente duma junta de paróquia. Deste modo tu aceitas a arte, o pensamento,

a alma. Não, arte, não te vás; a vida moderna dar-te-á uma libré resplandecente; vem, música, tu que criaste a Alemanha, far-me-ás uma contradança; vem, arquitectura, tu que deste hospitalidade a Deus, far-me-ás uma estufa; vem, escultura, tu que fizeste o povo dos deuses, ó bela escultura! vem fazer-me um gavetão. Oh! tristes domesticidades do ideal!»

Houve um silêncio. Havia na sala um ar místico, como para a concepção dum Deus.

O milhafre esvoaçava. Ouvia-se o chorar duma flauta. E o olhar do Cristo errava, contemplativo e atento, entre as estrelas inumeráveis, enquanto na escuridão, aos seus pés, os ratos lhe roíam a cruz.

«Vai-te, disse o milhafre. Os ratos roem a cruz, eu estou velho: a antiga geração das aves da noite vai-se. Os pregos já se despregam, a cruz apodrece. E quando ela se desfizer, atirarei o seu pó à grande natureza, ao elevar da lua, que vale o elevar da hóstia. Irei, ó meu Deus para além dos sóis e dos caminhos lácteos, onde as constelações são gotas de sombra, certo — eu que sou da vasta terra, o selvagem dos prados, a respiração dos antros, eu que sou a palpitação dos montes — certo de que, se os homens não derem a cruz aos Cristos, não lha dará também a natureza. E eu, que roí as ossadas verdes, tendo visto sempre Este que fez o bem, que amou, que perdoou, pregado numa cruz, irei também, entre os sóis meio doidos, eu, que devastei, e matei, e escorri de sangue, crucificar-me num astro!»

Assim falou, lentamente, aquele milhafre filosófico e letrado, enquanto as violas gemiam, e os

pobres tremiam de frio; assim falava, de cima duma cruz, numa sala legendária, longe das maravilhas dos Cains burgueses, nestes tempos livres, sensatos, verdadeiros, magníficos, em que, como se não podem pôr certas verdades na boca dos homens, têm de se dependurar do bico dos milhafres.

LISBOA

LISBOA tem ainda meiguices primitivas de luz e de frescura: apesar dos asfaltos, das fábricas, dos gasómetros, dos cais, ainda aqui as primaveras escutam os versos que o vento faz: sobre os seus telhados ainda se beijam as pombas: ainda, no silêncio, o ar escorre pelas cantarias, como o sangue ideal da melancolia. E Deus ainda não é um poeta impopular.

Lisboa que faz?

Antigamente a cidade, *urbs*, era o lugar que pensava e que falava, que tinha o verbo e a luz. Roma criou a justiça, Atenas idealizou a carne, Jerusalém crucificou a alma. Por isso Roma caiu, e os porcos enlameiam os restos de Atenas, e os cães uivam no silêncio de Jerusalém. Os seus olhos olharam muito para a verdade, e cegaram: os seus ouvidos escutaram muito o pensamento, e ensurdeceram: as suas mãos esculpiram muito o ideal, e tolheram-se.

Pensar é sofrer, alumiar é lutar. A noite, ao sucumbir, luta com a madrugada, e deixa-lhe a chaga incurável do sol: dela escorre a luz. As superstições, os preconceitos, os erros, os prejuí-

zos, as fatalidades, lutam com a alma, e deixam-lhe a ferida insanável do ideal: dela escorre a verdade. Esta ferida dá a febre, o cansaço, o desespero, a convulsão. Paris tem esta antiga e trágica ferida que teve Atenas, Babilónia e Jerusalém. Sofre, porque pensa. Os pés têm a intimidade da lama, as asas têm a camaradagem da luz. Todo o pé quer ser asa.

Daí ambições, desalentos, lutas obscuras, perdições, descrenças, fulgurações do mal, impurezas, traições, invejas, injúrias, torturas: — a congestão do espírito! São estas as dores imensas, as nódoas do pensamento, as manchas do sol.

Lisboa não tem estes defeitos da luz: é serena, imperturbável, silenciosa. Quer a sua inviolabilidade, evita as feridas terríveis. Tem a sensatez, a prudência, a economia, o medo. Não quer alumiar, para não lutar; não quer pensar, para não sofrer. Não quer criar, pensar, apostolar, criticar. Escuta e aplaude toda a voz, ou sejam as imprecações de Danton, ou os versos do poeta Nero. As ondas que solucem, as florestas que se lamentem! Ela tem o riso radioso e sereno.

Sente-se abundante, gorda, coberta de luz. Sente-se protegida, livre, caiada e fresca. Não tem de catar as suas misérias, nem de amparar o pau das forcas: por isso, comenta Sancho Pança. Não tem de construir a catedral das ideias, nem de compor a sinfonia da alma: por isso, escuta os melros nas várzeas, e reza as *Ave-Marias*. Paris, Londres, Nova Iorque, Berlim, suam e trabalham, em espírito. Ela não tem que semear: por isso, ressona ao sol.

Às vezes, porém, comete o mal, enterrando ideias. Onde? Na escuridão, no silêncio, no desprezo. Lisboa é um pouco coveira de almas!

Como Roma, ela tem as sete colinas; como Atenas, tem um céu tão transparente que poderia viver nele o povo dos deuses; como Tiro, é aventureira do mar; como Jerusalém, crucifica os que lhe querem dar uma alma. Todavia, Lisboa o que faz? Come.

Come, ao cair da tarde, sem testemunhas impiedosas, quando sabe que os astros vêm longe, que as asas sonham com o vento, que os olhos das flores se fecham de sono. Deus não vê, da sua varanda de sol, que, para esta velha cidade, heróica e legendária, que nos seus velhos dias tomou o pecado da gula, o abdómen é uma realidade livre! Até ali, durante o dia, os seus cabelos caíam como ramos de salgueiros, as suas faces estavam amareladas, dos seus olhos chovia dor; ainda não tinha comido! Depois, à noite, quando sai do alimento como duma vitória, os olhares são gritos de luz, os cabelos plumas gloriosas, o peito arca de ideais: comeu!

Lisboa nem cria, nem inicia; vai.

Em religião, nem tem a devoção dos monges, nem a impiedade irónica: é simples. Antigamente fazia ir um Cristo crucificado, erguendo os braços suplicantes, no préstito dos enforca-

dos: hoje choraria pela Mãe Dolorosa, depois de ter erguido uma estátua a Voltaire: penduraria ao pescoço, singelamente, com as contas de um rosário, a sua antiga viola de Alfama.

Em política, copia Sancho Pança.

Não tem a coragem que se dedica, nem o medo soluçante: parece ter justamente o heroísmo de uma espada embainhada: na campanha da Europa, todavia, com os seus uniformes negros, espantava a velha guarda. Tem a religião sensual do sol, do calor, e do sono: na Beresina, apupava as neves!

Não tem a febre das especulações e das indústrias, nem o amor das contemplações e dos sonhos: tem um trabalho cheio de sestas: em Abril suspende a enxada para ver voltar as andorinhas.

No vício é tímida: copia desjeitosamente as Babilónias distantes: aproveita o fogo de Sodoma para aquecer os pés: apara as unhas ao diabo; é o banho tépido dos pecados mortais.

Adoradora, em arquitectura, da linha recta dos palácios de cristal; sectária, em escultura, dos *biscuits* de Sevres; namorada, em poesia, do visconde d'Arlincourt — no teatro quer a mágica: tem sede e fome daquele ideal: quer as montanhas transparentes, os palácios de missanga, nudezas celestes, noivas de coral, arquitecturas de luz e sons, papéis colados, vermelhão e ouropéis, mulheres despidas, pedraria, e ouro, ouro, ouro, e ainda ouro, e mulheres despidas, e mais ouro! Lisboa, por sobre uma cena resplandecente, vê as formas estranhas, que toma o sonho

da imbecilidade: quer a mágica: em verdade, a mágica é o espectro solar do idiotismo!

Vem a noite, e Lisboa toma a impassibilidade das penedias.

As casas, sem luz, têm o aspecto calmo e sinistro dos rostos idiotas. A iluminação é um coro de gás, bocejando. Das encruzilhadas das ruas solitárias, de todo este deserto de cantarias e de vidraças, exala-se uma sonolência fluida, um hálito de tédio. Lisboa, de noite, é tão silenciosa que quase se sente o crescer da erva que a há-de cobrir no dia das ruínas.

É tão triste, que a noite parece um arrependimento da vida! Nas belas moradas, nos casebres, nas trapeiras, em cambraia, em farrapos, em palhas, por toda a parte, há um vasto sono inerte e vegetal.

Que fazem, entretanto, os errantes da noite, a família *Vício*, a gente crepuscular, os herdeiros terríveis de Lovelace e de D. Juan Tenório?

Compram, na penumbra doméstica, o amor fuliginoso das cozinheiras, comem, melancòlicamente, mexilhões nas tabernas; os mais pobres encostam-se às esquinas, esfarrapados e doentes, cariátides sonolentas do tédio!

E nas casas? Aí, nos andares resplandecentes, onde as mãos são macias e macios os sentimentos, estão, concentradas e sérias, formas vestidas de luto, como os viúvos, ou vestidas de branco, como as monjas. E suaves são as falas, e o andar cheio de ondulações como o nadar das sereias, e as danças severas como a celebração dum rito: e suaves são as pétalas, e as músicas chorosas, e as luzes, aves de claridade presas, que palpitam e querem o livre azul: mas sobre

a alma, e os corpos, e os adornos, derrama-se a tristeza dos viúvos e a frialdade das monjas. E isto são as festas!

Mais acima, nos andares modestos, ressonam aquelas famílias, vulgares e ásperas, que nascem com a alma cheia de frio, que vivem entre a beleza, a graça, a paixão, como insectos entre os cabelos duma santa, e morrem solitárias, invejosas, com os corações cheios de revolta, porque não amaram!

Depois, mais em cima, nos últimos andares, é a gente do trabalho: operários severos, doces raparigas com alma de pássaro, gargantas onde, como nas veigas de Israel, todo o dia se canta; e, também, a gente estúpida e metálica que tem a brutalidade do trabalho com a rudeza do coração, índoles ásperas, olhos invejosos, mãos avaras, peitos vazios, que a essas horas da noite, com os cabelos caídos, vêem a vida tão nua, tão apertada, tão brutal, tão suja como a sua trapeira!

E depois mais acima, debaixo dos telhados, os mendigos, os esfomeados, os miseráveis, a essas horas, com grandes olhos aterrados, catam-se, ou roem as côdeas, ou gemem de dor, ou morrem entre a caliça e as aranhas, ou se remendam, cantando impuramente!

E por cima (como na jerarquia da dor, das tristezas do pobre, só estão as chagas de Cristo) o grande azul, sereno, transparente, cheio de universos, esconde, por detrás da gradaria dos astros, o Mistério e a Graça!

A essas horas, ó miséria das cidades! longe dos conservatórios, e das academias, e das mágicas, pelos prados e pelas várzeas, representam-se as verdes comédias da natureza: os rouxinóis dão

a réplica às folhas melodiosas, as flores choram pelas desgraças de um melro amoroso, os olmos têm atitudes grotescas de palhaços, e o céu, como amante trágico, criva-se de punhaladas de luz!

Em Lisboa a vida é lenta. Tem as raras palpitações dum peito desmaiado. Não há ambições explosivas; não há ruas resplandecentes cheias de tropéis de cavalgadas, de tempestades de ouro, de veludos lascivos: não há amores melodramáticos: não há as luminosas eflorescências das almas namoradas da arte: não há as festas feéricas, e as convulsões dos cérebros industriais.

Há escassez de vida; um frio senso prático; a preocupação exclusiva do útil; uma seriedade enfática; e a adoração burguesa e serena da moeda de cinco tostões — da moeda de cinco tostões, branca, perfeita, celeste, pura, imaculada, consoladora, purificadora!

O luxo dos vestuários é reflectido, pausado, calculado.

Um outro luxo há, mais doido: esse, quando é novo, ruge, resplandece, deixa-se balançar em grandes pregas desfalecidas — um pouco baixamente, de camaradagem com a lama. Mais tarde, depois das ostentações e dos amores, envergonha-se e vai-se mascarar às tinturarias: nos seus velhos dias anda, miserável, pedindo esmola por casa das adelas!

A Lisboa material tem posições morais. Há sítios que dão, aos que os pisam, uma individualidade. O lajedo e a cantaria consagram espíritos. Encontrar-se no *Chiado* — significa ter a fina flor da graça, a vivacidade conceituosa e costumes dissipados. Estar no *Martinho* — revela inspiração, divindade interior, lirismo e política. Ó Lisboa, tu não tens caracteres, tens esquinas!

Lisboa tem compaixões celestes: agrupa-se, em coro de lágrimas, para ver a morte dum cão: mas afasta-se logo, assobiando, se começa a agonia duma alma. Tem também uma curiosidade tímida e fácil: senta-se nos passeios pelo Estio, entre o pó, olìmpicamente, como os Deuses entre a luz, e fica atenta, concentrada, suspensa, idiota — a ver caminhar seis mil pernas.

Um dia Paris aborreceu-se e expulsou os reis; outro dia aborreceu-se e acolheu os imperadores. Às vezes Lisboa aborrece-se — e entra na política.

Lisboa toma então atitudes, clama, conjura nas esquinas, é bondosamente afastada pela polícia, e vem, toda gloriosa e feliz pelas tiranias derrubadas, reler a cartilha!

Uma das maiores alegrias de Lisboa é sujar-se!

Nos tempos mitológicos, às vezes, uma deusa fazia-se mulher, esposa e mãe, fiava na roca de ébano incrustada de lápis, e dobava as lãs ver-

melhas de Mileto. Vinha, porém, um dia no ano em que a mulher ia, no Olimpo, ser deusa. Deixava esposo, filhos, lares, parentes; debalde lhe pediam que não fosse, temendo que ela, mulher e deusa, não se acostumasse, na volta, às lâmpadas de gineceu, ela que só ia ser alumiada pelos astros do Olimpo. Debalde: chegado o momento, nada impedia a esposa de ser divindade: via-se aquele corpo casto, argila ideal, azular-se e, transparência viva, perder-se na luz.

Lisboa é assim. Vem um dia em que ela quer voltar ao seu elemento primitivo, e ninguém a pode impedir de ser lama: é pelo Entrudo.

Suja-se então livremente, faz tempestades nojentas; naqueles dias o seu tédio é feito de imundície.

Transfigura-se. E como a Deusa deixava, na antiguidade, os filhos e os lares, para ir ser luz, Lisboa esquece as funções do seu tédio, a religião da moeda de ouro, o sacerdócio da economia, as atitudes enfáticas do seu pudor, para se dar livremente à lama!

Lisboa é a hospedaria do vento. O antigo Euro paga a hospedagem, atirando a poeira às ruas, às praças, às avenidas, aos cais, à cara de Lisboa! Sublime adulação: suja-a!

Lisboa respeita a limpeza, mas adora a lama. Colisão! Lisboa, cidade inspirada, corta magnìficamente o embaraço, lavando-se no lodo do Tejo!

Atenas produziu a escultura, Roma fez o direito, Paris inventou a revolução, a Alemanha achou o misticismo. Lisboa que criou?

O *Fado.*

Fatum era um Deus no Olimpo; nestes bairros é uma comédia. Tem uma orquestra de guitarras, e uma iluminação de cigarros. O palco está mobilado com uma enxerga. A cena final é no hospital ou na enxovia.

O pano de fundo é uma mortalha!

Todos os dias, quando o sol se vai lavar, nas águas, dos olhares dos homens, quando os corpos estão em flor e passam os olhos pretos, de que Deus é avaro, e a maledicência se abre como uma túlipa, e os risos são clarões, e a vida se balouça cheia de sonhos, de lustres de olhares, de beijos cor de sol, de camélias e de pomadas, passam na rua umas carruagens lentas, com grandes arabescos dourados: são coches; as suas armas são caveiras; vão ali os mortos.

«Anda, cocheiro: é um freguês que vai para a cova: a passo! Alto de S. João! A eternidade toma-te à hora!»

E enquanto o pobre morto vai, que dizem os que o viram partir, soluçando?

Os filhos dizem: «Tinha de ser...»

A esposa diz: «Vestida de luto!...»

O agiota: «Não foi mau freguês».

Os médicos: «É um caso interessante...»

Os que o levam para a cova: «Era pesado, o maroto!»

O coveiro canta:

O preto que vem d'Angola
Traz a bordo fava rica.

Tu, pobre mulher chorosa, amaste aquele homem: vestiste-o com os teus cabelos, alimentaste-o com o teu hálito, coroaste-o com o teu olhar, divinizaste-o com o teu desejo; ele era formoso, e são, e forte, e apaixonado: mas se passares por ao pé dele agora, ó pobre mulher chorosa, põe bem a mão no nariz!

Fica-te em paz, Lisboa! Dorme, digere, ressona, soluça e cachimba. E se algumas lágrimas em ti caírem, vai-as enxugar depressa ao sol! Fica-te em paz! Os que têm alma não querem a luz dos teus olhos; podes consumi-la a contemplar o céu e os universos; por causa do teu olhar, sempre erguido para lá, ninguém terá ciúmes do céu!

Os que têm coração, não querem as carícias das tuas mãos; podes emagrecê-las a rezar a Jesus; por causa das tuas mãos sempre erguidas para ele, ninguém terá ciúmes de Deus!

Tu tens a beleza, a força, a luz, a graça, a plástica, a água resplandecente, a linha magnífica! Resigna-te, ó Lisboa querida, ó clara cidade bem-amada, ó casta graça silenciosa, resigna-te, ó doce Lisboa, coroada de céu, resigna-te — a não ter alma!

O SENHOR DIABO

CONHECEM o Diabo? Não serei eu quem lhes conte a vida dele. E todavia, sei de cor a sua legenda trágica, luminosa, celeste, grotesca e suave!

O Diabo é a figura mais dramática da História da Alma. A sua vida é a grande aventura do Mal. Foi ele que inventou os enfeites que enlanguescem a alma, e as armas que ensanguentam o corpo. E todavia, em certos momentos da história, o Diabo é o representante imenso do direito humano. Quer a liberdade, a fecundidade, a força, a lei. É então uma espécie de Pã sinistro, onde rugem as fundas rebeliões da natureza. Combate o sacerdócio e a virgindade; aconselha a Cristo que viva, e aos místicos que entrem na humanidade.

É incompreensível: tortura os santos e defende a igreja. No século XVI é o maior zelador da colheita dos dízimos.

É envenenador e estrangulador. É impostor, tirano, vaidoso e traidor. Todavia, conspira contra os imperadores da Alemanha: consulta Aristóteles e Santo Agostinho, e suplicia Judas que vendeu Cristo, e Bruto que apunhalou César.

O Diabo ao mesmo tempo tem uma tristeza imensa e doce. Tem talvez a nostalgia do Céu!

Ainda novo, quando os astros lhe chamavam Lúcifer, *o que leva a luz,* revolta-se contra Jeová, e comanda uma grande batalha entre as nuvens.

Depois tenta Eva, engana o profeta Daniel, apupa Job, tortura Sara, e em Babilónia é jogador, palhaço, difamador, libertino e carrasco. Quando os deuses foram exilados, ele acampa com eles nas florestas húmidas da Gália e embarca expedições olímpicas nos navios do imperador Constâncio. Cheio de medo diante dos olhos tristes de Jesus, vem torturar os monges do Ocidente.

Escarnecia S. Macário, cantava salmos na igreja de Alexandria, oferecia ramos de cravos a Santa Pelágia, roubava as galinhas do abade de Cluny, espicaçava os olhos a S. Sulpício e à noite vinha, cansado e empoeirado, bater à portaria do convento dos dominicanos, em Florença, e ia dormir na cela de Savonarola.

Estudava o hebreu, discutia com Lutero, anotava glosas para Calvino, lia atentamente a Bíblia e vinha ao anoitecer para as encruzilhadas da Alemanha jogar com os frades mendicantes, sentado na relva, sobre a sela do seu cavalo.

Intentava processos contra a Virgem: e era o pontífice da missa negra, depois de ter inspirado os juízes de Sócrates. Nos seus velhos dias, ele que tinha discutido com Átila planos de batalha, deu-se ao pecado da gula.

E Rabelais, quando o viu assim, fatigado, engelhado, calvo, gordo e sonolento, apupou-o. Então o demonógrafo Wier escreve contra ele

panfletos sanguinolentos, e Voltaire criva-o de epigramas.

O Diabo sorri, olha em roda de si para os calvários desertos, escreve as suas memórias, e num dia enevoado, depois de ter dito adeus aos seus velhos camaradas, os astros, morre enfastiado e silencioso.

O Diabo foi celebrado pelos sábios e pelos poetas. Proclus ensinou a sua substância, Presul as suas aventuras da noite, S. Tomás revelou o seu destino. Torquemada disse a sua maldade, e Pedro de Lancre a sua inconstância jovial. João Dique escreveu sobre a sua eloquência e Jacques I, de Inglaterra, fez a corografia dos seus estados. Milton disse a sua beleza e Dante a sua tragédia. Os monges ergueram-lhe estátuas. O seu sepulcro é a natureza.

O Diabo amou muito.

Foi namorado gentil, marido, pai de gerações sinistras. Foi querido, na antiguidade, da mãe de César, e na meia-idade foi amado da bela Olímpia. Casou no Brabante com a filha dum mercador. Tinha entrevistas lânguidas com Fredegonda, que assassinou duas gerações. Era o namorado das frescas serenatas dadas às mulheres dos mercadores de Veneza.

Escrevia melancòlicamente às monjas dos conventos da Alemanha.

Feminae in illius amore delectantur, diz tràgicamente o abade César de Helenbach. No século XII, tentava com olhares cheios de sol as mães melodramáticas dos Burgraves. Na Escócia havia grandes misérias sobre os montes: o Diabo comprava por 15 *shillings* o amor das

mulheres dos *highlanders*, e pagava-lhes com o dinheiro falso que fabricava em companhia de Filipe I, de Luís VI, de Luís VII, de Filipe o Belo, do rei João, de Luís XI, de Henrique II, com o mesmo cobre de que se faziam as caldeiras onde eram cozidos vivos os moedeiros falsos.

Mas eu quero só contar a história de um amor infeliz do Diabo, nas terras do Norte.

Ó mulheres! vós todas que tendes dentro do peito o mal que nada cura, nem os simples, nem os bálsamos, nem os orvalhos, nem as rezas, nem o pranto, nem o sol, nem a morte, vinde ouvir esta história florida!

Era na Alemanha, onde nasce a flor do absinto.

A casa era de pau, bordada, rendilhada, cinzelada, como a sobrepeliz do senhor arcebispo de Ulm.

Maria, clara e loura, fiava na varanda, cheia de vasos, de trepadeiras, de ramagens, de pombas e de sol. No fundo da varanda havia um Cristo de marfim. As plantas limpavam piedosamente, com as suas mãos de folhas, o sangue das chagas; as pombas, com o calor do seu colo, aqueciam os pés doloridos. No fundo da casa, o pai dela, o velho, bebia a cerveja de Heidelberg, os vinhos de Itália, e as cidras da Dinamarca. Era vaidoso, gordo, sonolento e mau.

E sempre a rapariga fiava. Preso à roca por um fio branco, sempre o fuso saltava; preso ao seu coração por uma tristeza, sempre pulava um desejo.

E todo o dia fiava.

Ora debaixo da varanda passava um lindo moço, delicado, melodioso e tímido. Vinha e encostava-se ao pilar fronteiro.

Ela, sentada junto do crucifixo, cobria os pés de Jesus com os seus grandes cabelos louros.

As plantas, as folhagens, em cima, cobriam de frescura e de sombra a cabeça da imagem. Parecia que toda a alma de Cristo ali estava — consolando, em cima, sob forma de planta, amando, em baixo, sob forma de mulher.

Ele, o branco moço, era o peregrino daquela santa. E o seu olhar procurava sempre o coração da doce rapariga, e o olhar dela, séria e branca, ia procurar a alma do caro bem-amado.

Os olhos investigavam as almas. E vinham radiosos, como mensageiros de luz, contar o que tinham visto. Era um encanto!

— Se tu soubesses! — dizia um olhar. — A alma dela é imaculada.

— Se tu visses! — dizia o outro. — O coração dele é sereno, forte e vermelho.

— É consolador, aquele peito onde há estrelas!...

— É purificador, aquele seio onde há bênçãos!

E olhavam ambos, silenciosos, extáticos, perfeitos. E a cidade vivia, as árvores rosnavam sob o balcão dos eleitores, a trompa de caça soava nas torres, os cantos dos peregrinos nas estradas, os santos liam nos seus nichos, os diabos escarneciam na grimpa das igrejas, as amendoeiras tinham flor, e o Reno cantigas de ceifeiras.

E eles olhavam-se, as folhagens aninhavam os sonhos, e Cristo aninhava as almas.

Ora, uma tarde, as ogivas estavam radiosas como mitras de arcebispos, o ar estava meigo, o sol descido, os santos de pedra estavam corados, ou dos reflexos da luz, ou dos desejos da vida. Maria, na varanda, fiava a sua estriga. Jusel, encostado ao pilar, fiava os seus desejos.

Então, no silêncio, ao longe, ouviram gemer a guitarra de Inspruck, que os pastores de Helyberg enroscam de hera, e uma voz robusta cantar:

Os teus olhos, bem-amada,
São duas noites cerradas.
Mas os lábios são de luz,
Lá se cantam alvoradas.

Os teus seios, minha graça,
São duas portas de cera.
Fora a minha boca um sol,
Como ele as derretera!

Os teus lábios, flor de carne,
São portas do paraíso:
E o banquinho de S. Pedro
É no teu dente do siso.

Queria ter uma camisa
D'um tecido bem fiado,
Feita de todos os ais
Que o teu peito já tem dado.

Quando nos formos casar,
Canta missa o rouxinol.
E o teu vestido de noiva
Será tecido de sol!

A bênção nos deitará
Algum antigo carvalho!
E por enfeites de boda
Teremos gotas de orvalho!

E, ao cimo da rua, apareceu um homem forte, duma palidez de mármore. Tinha os olhos negros como os dois sóis legendários do país do Mal. Negros eram os cabelos, poderosos e resplandecentes. Tinha presa ao peito do corpete uma flor vermelha de cacto.

Atrás vinha um pajem perfeito como uma das antigas estátuas, que fizeram na Grécia a lenda da beleza. Andava convulsivamente como se ferisse os pés no lajedo. Tinha os olhos inertes e fixos dos Apolos de mármore. Dos seus vestidos saía um cheiro a ambrósia. A testa era triste e serena como as dos que têm a saudade imortal duma pátria querida. Trazia na mão uma ânfora esculpida em Mileto, onde se sentia a suavidade dos néctares olímpicos.

O homem da palidez de mármore veio até junto da varanda, e, entre as súplicas gemidas da guitarra, disse sonoramente:

— A gentil moça, a linda Yseult da varanda, deixa que estes beiços de homem vão como dois peregrinos corados de sol, em doce romaria de amor, das suas mãos ao seu colo?

E olhando para Jusel, que desfolhava uma margarida, cantou lentamente, com grandes risadas frias e metálicas:

Quem depena um rouxinol
E rasga uma triste flor,
Mostra que dentro do peito
Só tem farrapos d'amor.

E ergueu para a varanda os seus olhos terríveis e desoladores, como blasfémias de luz.

Maria tinha levado a sua roca e só havia na varanda as aves, as flores e Jesus!

— A toutinegra voou — disse jovialmente.

E indo para Jusel:

— É que talvez sentisse a vizinhança do abutre. Que diz o Bacharel?

Jusel, com os olhos serenos, desfolhava a margarida.

— No meu tempo, senhor Suspiro, — disse o homem dos olhos negros, cruzando lentamente os braços — já havia aqui duas espadas, a fazer rebentar na sombra flores de faíscas. Mas os heróis vão-se, e os homens nascem cada vez mais da dor das mulheres. Vejam isto! É um coração com gibão e gorra. Mas coração branco, pardo, alvacento, de todas as cores, menos vermelho e sólido. Pois bem! Aquela rapariga tem uns cabelos louros que dizem bem com os meus cabelos pretos. As cintas delgadas querem os braços fortes. Os lábios, vermelhos de desejo, gostam das armas vermelhas de sangue. É minha a dama, senhor Bacharel!

Jusel tinha descido as suas grandes pálpebras elegíacas, e via as pétalas arrancadas da margarida caírem como desejos assassinados, desprendidos do seu peito.

O homem dos olhos resplandecentes tomou-lhe rijamente a mão:

— Bacharel Ternura — disse — há aqui perto um lugar onde os goivos nascem expressamente para os inocentes que morrem. Se tens alguns bens a deixar, recomendo-te este excelente Rabil. — Era o pajem. — É necessário proteger as aves da noite. Os abutres bocejam desde que findou

a guerra. Vou-lhes dar ossos tenros. Se queres deixar o coração à bem-amada, à moda dos trovadores, eu me encarrego de lho trazer, bem embalsamado em lama, na ponta da espada! Tu és formoso, amado, branco, delicado, perfeito. Vê-me isto, Rabil! É uma farsa bem-feita ao Compadre lá de cima dos sóis, dilacerar-lhe esta beleza! Se namoravas alguma estrela, eu lhe mandarei, por bom portador, os teus últimos adeuses. Enquanto aos sacramentos, são inúteis: eu me encarrego de te purificar pelo fogo. Rabil, toca na guitarra o rondó de defuntos: anuncia no Inferno o Bacharel Suspiro! A caminho, meus filhos! Ah! Mas em duelo secreto, armas honradas!

E batendo heròicamente nos copos da espada:

— Eu tenho aqui esta debilidade: onde está a tua força?

— Ali! — Respondeu Jusel, mostrando Cristo na varanda das plantas e das pombas, alumiado pelo sol que descia, branco entre a folhagem, agonizante entre as palpitações das asas.

— Ah! — disse cavamente o homem da flor de cacto. — A mim, Rabil! Lembras-te de Actéon, de Apolo, de Derceto, de Ínaco e de Marte?

— Eram os meus irmãos... — disse lentamente o pajem, hirto como uma figura de pedra.

— Pois bem, Rabil, para a frente, através da noite! Cheira-me aqui às terras de Jerusalém!

E sumiram-se debaixo das arcarias e das pilastras, sinistros, soluçando.

Na noite seguinte, havia pela Alemanha um grande luar purificador. Maria estava debruçada na varanda. Era a hora celeste, em que os jas-

mins concebem. Em baixo, o olhar de Jusel, que estava encostado ao pilar, suspirava para aquele corpo feminino e branco, como nos jardins a água, que sobe em repuxo, suspira murmurosamente para o azul.

Maria disse suspiradamente:

— Vem.

Jusel subiu à varanda, radioso. Sentaram-se ao pé da imagem. O ar estava tão sereno como na pátria das almas. Os dois corpos dobravam-se, um para o outro, como se estivessem aproximando os braços dum Deus.

As folhagens escuras, que envolviam o Cristo, estendiam-se sobre as duas cabeças louras com gestos de bênção. Havia na moleza das sombras um mistério nupcial. Jusel tinha as mãos dela presas como pássaros cativos, e dizia, com a voz humilde dos corações primitivos:

— Queria bem ver-te, ao pé de mim. Se soubesses! Tenho receios infinitos. És tão loura, tão branca! Tive um sonho que me assustou. Era num campo. Tu estavas de pé, imóvel: ouvia-se um coro que cantava dentro do teu coração! Em redor andava uma dança nebulosa de espíritos. E diziam uns: — Aquele coro é de mortos: são os amantes infelizes que choram no coração daquela mulher. — Outros diziam: — São as tristezas dos minnesingers errantes que ali soluçam. — Outros diziam: — Sim, aquele coro é de mortos: são os nossos deuses queridos que choram ali do exílio. — E então eu adiantei-me e disse: — Sim, sim, aquele coro é de mortos: são os desejos que ela teve por mim, que se lembram e que gemem. — Que sonho tão mau, tão mau!

— Porque estás tu — dizia ela — todos os dias encostado ao pilar, com as mãos quase postas?

— Estou a ler as cartas de luz que os teus olhos me escrevem.

Calaram-se. Eles eram, naquele momento, a alma florida da noite.

— Quais são os meus olhos? quais são os teus olhos? — dizia Jusel. — Nem eu sei!

E ficaram calados. Ela sentia os desejos, que se desprendiam dos olhos dele, virem, como pássaros feridos que gemem, cair no fundo da sua alma, sonorosamente.

E inclinando o corpo:

— Conheces meu pai? — disse ela.

— Não. Que importa?

— Ai, se tu soubesses!...

— Que importa? Estou aqui. Se ele te quer bem, há-de gostar deste meu amor, sempre aos teus pés como um cão. O que quero eu? Ter a tua alma presa, bem presa, como um pássaro cativo. Esta paixão toda deixa-te tão imaculada, que se morresses podias ser enterrada na transparência do azul. Os desejos são uma hera: queres que os arranque? Tu és o pretexto da minha alma. Se me não quisesses, deixava-me andar esfarrapado. Por eu entrar no teu coração, não tires nada dele, não? Tens lá a fé de Jesus, e a saudade de tua mãe: deixa estar: damo-nos todos bem, lá dentro, contemplando o interior do teu olhar, como um céu constelado. O que quero eu de ti? As tuas penas. Quando chorares, vem a mim. Farei a alma em farrapos para tu limpares os olhos. Queres tu? Casemo-nos no coração de Jesus! Dá-me essa agulheta, que te prende o cabelo. Será a nossa estola.

E com a ponta da agulheta, de pé, junto da imagem, afastando os ramos, transfigurado e celeste, gravou sobre o peito de Cristo as iniciais dos dois nomes enlaçados — J. e M.

— É o nosso noivado! — disse ele. — O céu atira-nos os astros, confeitos de luz. Cristo não se esquecerá deste amor que chora aos seus pés. As exalações divinas que saírem do seu peito aparecerão, lá em cima, com a forma das nossas letras. Deus saberá este segredo. Que importa? Eu já lho tinha dito, a ele, às estrelas, às plantas, aos pássaros, às florescências; porque, vês tu? as flores, as constelações, as pombas, tudo isto, toda esta efusão de bondade, de inocência, de graça, era simplesmente, ó adorada! um eterno bilhete de amor que eu te escrevia!

E ajoelhados, extáticos, calados, eles sentiam misturar-se ao seu coração, às suas confidências, aos seus desejos, toda a vaga e imensa bondade da religião da graça.

E as suas almas falavam, cheias de mistério:

— Vês tu? — dizia a alma dela. — Quando te vejo, parece que Deus diminui, e se contrai, e se vem aninhar todo no meu coração; quando penso em ti, parece-me que o teu coração se alarga, se estende, abrange o céu e os universos e encerra por toda a parte Deus!

— O meu coração — suspirava a alma dele — é uma concha. O teu amor é o mar. Muito tempo esta concha viverá afogada e perdida nesse mar. Mas, se tu me expulsares de ti, como numa concha abandonada se ouve ainda o rumor do mar, no meu coração abandonado se escutará sempre o sussurro do teu amor!

— Olha — dizia a alma dela — eu sou como um campo. Tenho árvores e relvas. O que há em mim de maternidade é árvore para te cobrir, o que há em mim de paixão é relva para tu pisares!

— Sabes tu? — dizia a alma dele. — No céu há uma floresta invisível de que apenas se vêem as pontas das raízes, que são as estrelas. Tu eras a toutinegra daqueles arvoredos. Os meus desejos feriram-te. Eu, há muito que te vejo vir caindo pelo ar, gemendo, resplandecente, se o sol te alumia, triste, se a chuva te molha. Há muito que te vejo vir descendo: quando cairás tu nos meus braços?...

E as duas almas, desprendidas dos corpos bem-amados, subiam deslumbradas, inefáveis, ternas: confundidas, tinham o céu por elemento, os seus risos eram os astros, a sua tristeza a noite, a sua esperança a madrugada, o seu amor a vida, e, sempre mais ternas e mais vastas, envolviam tudo o que do mundo sobe de justo, de perfeito, de casto, as orações, os prantos, os ideais, e estendiam-se por todo o céu, unidas e imensas — para Deus passar por cima!

E então, à porta da varanda, houve uma risada metálica, imensa e sonora. Eles ergueram-se resplandecentes, puros, vestidos de graça. À porta estava o pai de Maria, hirto, gordo, sinistro. Atrás, o homem de palidez de mármore balançava vaidosamente a pluma escarlate da gorra. O pajem ria, fazendo uma claridade na sombra.

O pai foi lentamente para Jusel e disse, com escárnio:

— Onde queres ser enforcado, vilão?

— Pai, pai! — gritou Maria aflita, com uma convulsão de lágrimas, enlaçando o corpo do velho. — Não. É meu marido, casamos as almas! Olhe, ali está. Veja. Ali, na imagem!...

— O quê?...

— Ali, no peito. Veja. Os nossos nomes enlaçados como numa escritura. Veja. É meu marido! Só me quer bem. Mas veja. Sobre o peito de Jesus, no lugar do coração. Mesmo sobre o coração! E ele, o doce Jesus, deixou que lhe fizessem mais esta ferida!

O velho olhava as letras enlaçadas como uns esponsais divinos que se tinham refugiado no seio de Cristo.

— Raspa, meu velho, que isso é marfim! — gritou o homem dos olhos negros.

O velho foi para a imagem com a faca do cinturão. Tremia. Ia arrancar as raízes daquele amor, até ao peito imaculado de Jesus!

E então a imagem, sob o justo e incorruptível olhar da luz, despregou uma das suas mãos feridas, e cobriu sobre o peito as letras desposadas.

— É ele, Rabil! — gritou o homem da flor de cacto.

O velho soluçava.

E então o homem pálido, que tocava na guitarra de Inspruck, onde os pastores de Helyberg enroscam heras, veio tristemente junto da imagem, enlaçou os braços dos namorados, como se vê nas velhas estampas alemãs, e disse ao pai:

— Abençoa-os, velho!

E saiu, batendo rijamente nos copos da espada.

— Mas quem é?... — disse o velho apavorado,

— Mais baixo! — disse o pajem da ânfora de Mileto. — É o Senhor Diabo!... Mil desejos, meus noivos!

Pelas horas da madrugada, na estrada de Vecker, onde as cerejeiras luzem, o homem dos grandes cabelos negros dizia ao pajem branco como os Apolos de mármore:

—Estou velho. Vai-se-me a vida. Sou o último dos que combateram nas estrelas. Os abutres já me apupam. É estranho: sinto nascer cá dentro, no peito, um rumor de perdão. Gostava daquela rapariga. Lindos cabelos louros, quem vos dera no tempo do céu! Já não estou para aventuras de amor! A bela Impéria diz que eu me vendi a Deus!

— A bela Impéria! — disse o pajem. — As mulheres! vaidades, vaidades! As mulheres belas foram-se com os deuses belos. Hoje os homens são místicos, frades, santos, namorados, trovadores! As mulheres são feias, avaras, magras, burguesas, vestidas de burel, cingidas de cilícios, com uma pouca de alma incómoda, e uma carne tão diáfana, que se vê através o lodo primitivo! Misérias! Ai Atenas! Corinto! Mileto! Tenedos! Abidos!

— Vou achando risível a obra dos Seis Dias! As estrelas tremem de medo e de dor. A Lua é um sol fulminado. Começa a escassear o sangue pelo mundo e a aparecer muito a tinta. Eu tenho gasto o mal. Fui pródigo. Se eu no fim da vida tinha de me entreter perdoando e consolando — para não morrer de tédio! Fica-te em paz,

mundo! Sê infame, lamacento, podre, vil e imundo — e sê, todavia, um astro no céu, impostor! E contudo o homem não mudou. É o mesmo. Não viste? Aquele, para amar, feriu com uma agulheta o peito da imagem. Como nos antigos tempos, o homem não começa a gozar um bem, sem primeiro rasgar a carne a um Deus! É esta a minha última aventura. Vou para o meio da natureza, para junto do livre mar, pôr-me sossegadamente a morrer.

— Também os diabos se vão! Adeus, Satã!

— Adeus, Ganimedes!

E o homem e o pajem separaram-se na noite.

A poucos passos o homem encontrou um cruzeiro de pedra.

— Estás também deserto!... — disse, olhando para a cruz. — Os infames pregaram-te e voltaram-te as costas! Foste maior que eu! Sofreste calado.

E sentando-se nos degraus do cruzeiro, enquanto vinha a madrugada, afinou a guitarra e cantou no silêncio:

Quem vos desfolhou, estrelas,
Dos arvoredos da luz?

E com uma grande risada melancólica:

Chegará o Outono ao diabo?
Virá o Inverno a Jesus?

UMA CARTA

(A Carlos Mayer)

MEU caro Mayer: — Naqueles tempos, segundo a fórmula do Evangelho, o romantismo estava nas nossas almas. Fazíamos devotamente oração diante do busto de Shakespeare.

Lembras-te do teu quarto da Rua do Forno (creio eu) no último andar, quase nas confidências humorísticas das estrelas? O busto de Shakespeare, que era o nosso calvário da arte, estava ali, ao pé duma medalha do Dante, e da *Inocência* de Greuze! Lembra-me também uma gravura do *Juízo Final* e dois esboços holandeses. Sobre a estante, por cima de Voltaire, de Diderot, de Rousseau, de Mirabeau e de alguns volumes da *Enciclopédia* — num quadro, a figura de Napoleão, sobre uns rochedos enfáticos, via os prantos do mar e o voo das gaivotas. Tinhas também uma colecção de minerais, e duas caveiras polidas e lavadas, que riam serenamente. O meu quarto, no Salvador, era mais austero. Na parede, havia pintada a carvão uma grande cruz. Em redor, estavam escritos versículos da Bíblia e dísticos

da *Imitação*. Mas, como eu andasse nesse tempo constipado, P., um pagão, fez raspar toda aquela decoração ascética, dizendo que o misticismo, proibindo o sol, o calor, os banhos tépidos, as flanelas, todos os cuidados corporais, me era nocivo, e que o ateísmo era para mim uma necessidade higiénica. T. aconselhou, então, que se forrassem as paredes com pele humana: um outro achou ostentosa a pele humana, e disse, beatìficamente, que, como mais modesta e mais duradoura, lhe parecia preferível a pele *catedrática*. Outro instou para que se forrasse o quarto com as folhas dos compêndios; eu opus-me àsperamente a isso, dando as mesmas dolorosas razões que daria um preso, se lhe quisessem forrar as paredes da enxovia com um tecido feito dos seus próprios remorsos! Tirou-se à sorte. Destinou a sorte que se forrassem as paredes com pele humana. Dispersámo-nos, lentos e tristes, para ir assassinar gente!

Reunia-se ali um concílio formidável.

O mais implacável era A. Que ideias e que camisas!

Foi ele que, um dia, na aula de direito canónico, profetizou, com gestos trágicos, a destruição de Babilónia! Vinha também S., todo armado; entrava ordinàriamente pela janela, galhardamente, como Almaviva, estendia sobre os tímidos a grande sombra protectora dos seus bigodes, e pela noite alta saía à caça dos lobos. Perseguia debalde um bando de lobos errantes, que, segundo ele, deviam ter acampado na humidade melodiosa do Salgueiral. Vinha também M., de sinistras ironias: um dia, no Buçaco, encontra um homem

de suíças apostólicas, corre para ele, e aperta-o entre as mãos robustas, com o gesto de quem esmaga um insecto. — O que faz?! — bradava o homem. — Estou a catá-lo; o senhor, entre esta floresta, faz-me o efeito duma pulga entre as barbas de Moisés!

E continuou a esmagá-lo.

No teu quarto celebrava-se a arte. Era o Hotel Rambouillet do romantismo coimbrão.

Ali, muitas vezes, sentado sobre a *Mecânica celeste* de Laplace, tu me mostraste, misteriosamente, um sistema solar que tinhas criado e que tinhas fechado dentro dum frasco. Os universos, eram glóbulos de água. Um dia um cão entornou aquele firmamento!

Que tardes! Da varanda via-se a serenidade virgiliana dos prados e do rio. Líamos: eu declamava Hamlet, tu tocavas na tua rabeca a mórbida *Lúcia!* Muitas vezes, entre um concílio revolucionário, tu lias em pé sobre a mesa, dramàticamente, os *Iambes* de Barbier — os *Iambes,* de que o clássico A. dizia gravemente terem um defeito: serem sublimes! Celebrávamos cerimónias dum culto desconhecido diante do busto de Shakespeare. Dávamos grandes batalhas! Combates cruéis! Ainda a seriedade estremece! Eram dois bandos. De um lado os pagãos, os clássicos, os positivistas; do outro os bárbaros, os românticos, os místicos.

As balas eram nomes: arremessávamos, de bando a bando, sanguinolentamente, os nomes dos grotescos de cada seita. Um romântico feria um clássico, gritando-lhe com gesto terrível: *Domingos dos Reis Quita!* O clássico cambaleava, mas

respondia vingativo: *Gilbert de Pixérécourt!* Deves-te lembrar que uma vez um clássico traiçoeiro atirou desapiedadamente ao peito de um adversário romântico este nome mortal: *Visconde d'Arlincourt!* O romântico levou dolorosamente a mão ao coração, e caiu inanimado.

Quando o levantamos não era um cadáver, mas era um convertido. Desertou para as fileiras clássicas, por não querer pertencer a um bando que tinha suspensa eternamente sobre si esta vergonha de Damocles: o Visconde d'Arlincourt! Lembras-te decerto que nós fomos os Sansões dos Filisteus clássicos: não os derrotámos com a mesma queixada, mas apunhalámo-los, um a um, com nomes de clássicos portugueses. Um dia debandaram, atordoados, enquanto que nós do topo da escada gritávamos sem quartel: *Sá de Miranda! Garção! Semedo! Quita! Sepúlveda!*

Já cansados, sem armas, atirávamos-lhes estes nomes como pedras.

Lembras-te dos ensaios dos *Amigos íntimos?* Havia uma palavra que eu não conseguia pronunciar bem: era — *solidariedade.* Na noite da representação, tomei o partido de a cantar, separando as sílabas como notas de música. Era na *casa dos adereços* do teatro, que nós discutíamos com T. a superioridade da arte grega. A pregar uma cortina, arredando bastidores, proclamávamos o *Moisés* e o *Pensieroso* com grave detrimento da Vénus de Milo — a grande Afrodite. Depois das representações, havia ceias semelhantes às bodas de Gamacho! Uma noite saímos todos, de mantos, com coroas de louro, simbolizando a geração dos Petrarcas, e cantando um coro lacrimoso.

Tinha havido na Rua de... uma reunião, e as famílias, ao sair, dispersavam com gritos de aves assustadas, ao ver aquela multidão de fantasmas coroados, que recitavam um soneto amoroso, oferecido a Deus em nome dos discípulos de Petrarca!

Aquela época foi uma pequena *Restauração*, tanta era a vida, a seiva espiritual, a vaga convulsão melodiosa da alma. Adorávamos o teatro. O teatro era a paixão, a luta, a dor, o coração arrancado, e gemendo, sangrando, rolando sobre uma cena resplandecente. O nosso teatro — era Shakespeare e Hugo, e os cómicos espanhóis, sombrios e magníficos, do século XVI.

Admitíamos também a sátira no teatro, mas a sátira sanguinolenta, Juvenal dialogado, a brutalidade sublime de Rabelais, o largo riso gaulês, toda a lama de Marcial, com todo o sangue de Tácito — para pintar a cara macia do egoísmo humano.

Tínhamos um hemiciclo de poetas. Colocados sob um ponto de vista exclusivo, só era admitido à nossa comunhão o que derivasse da força, do rugido da natureza, da palpitação selvagem da vida e da paixão.

Tínhamos, ao mesmo tempo, ocultamente, um idealismo doentio e dissolvente. O nosso grande compositor era Beethoven; e, todavia, eu, desgraçado de mim! adorava Mozart em segredo. E eu suspeito-te, amigo, de teres nesse tempo condescendido com Novalis e Luís Tieck.

Para nós e (com grandes pancadas contritas sobre o peito o digo) Portugal não tinha direito de cidade na religião da arte e da alma. Aceitá-

vamo-lo como país de acção. Um dos maiores poetas de Portugal, para nós, era Vasco da Gama! Tínhamos um sistema de nações-almas e nações-braços. Assim, para nós, a maior epopeia portuguesa era a exploração do mar. As suas rimas eram conquistas. As cenas dos seus dramas escorriam de sangue junto das muralhas de Dio.

Literàriamente, Portugal, na nossa opinião, era simplesmente o pretexto para o *Bosquejo Histórico* do sr. padre Figueiredo. Do passado, apenas acreditávamos em João de Barros e Camões. Garrett tinha-se separado de nós, tomando pelo atalho que leva a Deus, e legando à geração presente a pouca alma que ela ainda tem.

Os contemporâneos, ai! não os conhecíamos. Hoje eu, e creio que tu, conhecemos bem os nobres espíritos que se obstinam em pensar no meio deste deserto de almas, uns junto da história, outros junto do verso, alguns amparando a crítica, reanimando o drama e o romance.

Mas, naquela época de espontaneidade, só víamos o que era verdadeiramente e incontestàvelmente sol!

Discutíamos largamente a natureza, e eu lembro-me de te ouvir falar, diante daquela luz que cai desfeita em tristeza no *Penedo da Saudade*, acerca da formação das nebulosas, e, partindo daí, descrever o homem e Deus, até à procissão da véspera.

Havia entre nós todas as teorias e todas as seitas: havia republicanos bárbaros, e republicanos poéticos; havia místicos que praticavam as éclogas de Virgílio; havia materialistas sentimentais e melancólicos que proclamavam a matéria

com uma meiga languidez nos olhos, e falavam da força vital, quase de joelhos, com as mãos amorosamente postas; havia pagãos que lamentavam as suas penas de amor, castamente, sob a névoa luminosa dos astros. Tudo havia, e também a serena amizade incorruptível, o fecundo amor do dever, e a ingenuidade risonha de tudo o que desperta.

Diante da anatomia das ideias havia uma coragem magnífica, e na vida real eram todos contemplativos, melancólicos e tímidos. E tu sabes qual era o grande espírito, hoje longe de nós, que explicava Proudhon com a serena familiaridade dos sábios, e nas aulas, dizia, com voz tímida, referindo-se aos jurisconsultos antigos: «...O sr. Pegas... S. S.ª o digno Paiva e Pona... O nobre cavalheiro Cujácio..., etc.» Tremia diante daqueles comentadores, como diante de ídolos misteriosos; e imaginava abrandá-los, dando-lhes venerações.

Tal era aquele concílio. A força severa do espírito precisa destas precursoras explosões de vida. Hoje pouco resta desses camaradas. Separados ou distantes, todavia, sempre que um levanta o braço, reúnem todos em volta, como os huguenotes em redor do penacho de Henrique IV.

Todos se perderam. Uns estão bem longe, para além do mar. Outros sofrem os tédios da vida oficial. Outros vivem nas castas serenidades do lar. Outros apodrecem debaixo da erva, e o que nós amávamos neles — a alma — dissipou-se, e o que víamos — o corpo — anda em redor de nós, nas metempsicoses, no ar, nas plantas, e nas pedras; mas nós não compreendemos ainda

o seu silêncio, como eles já não percebem o nosso ruído!

Ora quem nesse tempo, me tivesse falado dos séculos clássicos de Augusto e de Péricles, fazia-me uma injúria pessoal; e hoje em presença desta doença desoladora dos espíritos, destas chagas luminosas e incuráveis que as almas têm, eu estou quase pronto a ir declarar, com a vela na mão, como os antigos convertidos, que o pensamento tem tido apenas três épocas: Péricles, Augusto e Luís XIV. É o ciclo dos três tiranos! E, embora se lastime que as ideias nasçam com os escravos, eu acho magnífico e verdadeiro que aquelas datas gloriosas sejam o jazigo de tudo quanto a alma tem criado. *Confiteor.* Salve, Aristóteles!

Mas o mal é que em volta daquelas épocas, que são cimos luminosos, em baixo, crepúsculos constelados, move-se uma população selvagem, disforme e revolucionária. Ali há o crime, a paixão, a luta, a dor, o sangue, o amor, o ciúme, a morte e a dúvida — todas as meias-tintas do mal! Quem desce daqueles cimos, que são glória, luz, e verdade, onde habitam as almas nobres de Horácio, de La Harpe, de Boileau, de Reis Quita, de Garção, de Caminha, e companhia, quem desce àqueles fundos perversos topa com figuras gigantescas e horríveis: Shakespeare, o humano; Dante, o sobrenatural! Rabelais, o escarnecedor; Isaías, o profeta; Juvenal, o vingador; Ésquilo, o fatal. Aquelas figuras devastam!

E é um encontro pior que o da Floresta Misteriosa, no começo da *Divina Comédia.* Adeus, as serenidades idílicas dos tempos de Péricles e de

Augusto! Adeus, as claras águas da alegria nos olhos! Adeus, as tépidas branduras, e os descansos arcádicos!

Aqueles poetas terríveis arrastam-nos, deslumbram-nos de ideal, esmagam-nos de paixão; dão-nos punhaladas de luz! Tudo arremessam sobre a pobre alma: o amor, a melancolia, a paixão, o ciúme, o misticismo, a ironia, o desespero, a dúvida. Além disso, não respeitam a felicidade corporal do egoísmo humano: atrevem-se a dar o terrível espectáculo da dor. O rei Lear mostra desapiedadamente os seus olhos arrancados, e o seu coração caído na lama, pisado pelos filhos, cuspido pelos lacaios, apupado pela populaça!

Aqueles poetas abrem na alma longes surpreendentes. Quem os lê sente entrar em si, bruscamente, o infinito!

Sofre, como os sacerdotes antigos sofriam com a presença de Deus!

E entretanto, os que se deixaram ficar na luz branca, em companhia dos espíritos inofensivos de Racine, de Horácio, de Virgílio, de todos os clássicos, vivem contente e sossegadamente na sua fé ordinária, na sua virtude, na sua sonolência higiénica!

É que esses inofensivos fazem um ruído que embala, põem um *abat-jour* ao ideal, trazem a paixão açaimada, e põem *caio* na face da dor.

Mas os que desceram às regiões românticas ficaram com a alma doente, febril, ansiada, nostálgica. Aí está como se explica toda esta geração moderna, contemplativa e doente! Porque — digamos a verdade — hoje a vida do pensamento é um vasto hospital de almas. E os gemidos, que

saem dos leitos, são os dramas, os poemas, os romances modernos. Hoje, incontestàvelmente, pensar é sofrer. A enfermeira, que se chama Democracia, consegue curar a poucos. Os poetas clássicos, esses, não obrigam a pensar: são a simplicidade, a frieza, a narrativa, a superfície, a afectação, a conversação — tudo menos a alma, com a sua tragicomédia de dores e de dúvidas!

Nós, meu amigo, somos uma geração desiludida por três revoluções, amolecida por uma invenção horrível — a música, tomada da dúvida religiosa, geração que vê esvaecer-se Cristo, a quem tanto tempo amou, e não vê chegar a liberdade, por quem há bastante tempo espera. Quais podem ser as obras desta geração? Criações febris, convulsões cerebrais, idealistas e doentias, todo um pesadelo moral. Por isso, temos tido toda a série de figuras melodramáticas, desde Fausto até Mr. de Camors.

Qual vale mais: esta doença magnífica, ou a saúde vulgar e inútil, que se goza no clima tépido que vai desde Racine até Scribe? Eu prefiro corajosamente o hospital, sobretudo, quando a primeira febre se chama Julieta e a última Margarida!

Os outros, os saudáveis, os doutrinários da arte, os petrificadores da paixão, os sacerdotes da tradição e do *magister dixit,* não pertencem à arte pura: pertencem aos arquivos. São documentos históricos. São momentos sociais vistos através da arte. Racine explica Luís XIV. E como na história livre e pura se não pode conceber Luís XIV, na arte pura e livre não se pode admitir Racine. Toda a nossa Arcádia explica os rei-

nos de D. João V, de D. José I e de D. Maria I. Por essa literatura se podem conhecer todos os sentimentos monárquicos do tempo, o espírito cortesão, a influência clerical, a sujeição de antecâmaras, as subtilezas morais, a serenidade enfática, a majestade teatral, toda essa soma de falsos sentimentos e de falsos costumes que era o antigo regime. E aquela literatura falsa, ridícula, sendo excelente como documento, é grotesca como arte.

Na arte só têm importância os que criam almas, e não os que reproduzem costumes.

A arte é a história da alma. Queremos ver o homem — não o homem dominado pela sociedade, entorpecido pelos costumes, deformado pelas instituições, transformado pela cidade, mas o homem livre, colocado na livre natureza, entre as livres paixões. A arte é simplesmente a representação dos caracteres tais quais eles seriam, abandonados à sua vontade inteligente e livre, sem as peias sociais. Aí está o que dá a Shakespeare a supremacia na arte. Foi o maior criador de almas. Revelou a natureza espontânea: soltou as paixões em liberdade e mostrou a sua livre acção. É aí que se pode estudar o homem. É o que faz também a grandeza de certos tipos capitais de Balzac, o *Barão Hulot, Goriot, Grandet.* Realizam o seu destino, longe da associação humana, sob a livre lógica das paixões.

No entanto, às vezes, os que reflectem o seu tempo — criam: e é quando não só revelam o carácter dum momento, um estado convencional e passageiro, mas traduzem e explicam toda a alma dum povo. É o que faz a grandeza de João

de Barros. Historiador, revelou o génio de Portugal, o espírito aventureiro misturado de exaltação religiosa, o heroísmo supersticioso. Camões, o filho da Renascença e das imitações latinas, não tem o espírito épico de João de Barros, que às vezes, numa página, constrói toda a antiga alma heróica da pátria.

Ùltimamente, o espiritualismo entrou na sua fase retórica; e os poetas modernos de França, Mallarmé, Dierx, Sully-Prudhomme, Catulle Mendés, Heredia, Ricardi, L'Isle-Adam, etc., fabricam maldições ao mundo e à matéria, com a mesma sábia reflexão e estudo com que os poetas de 1810 fabricavam madrigais. Uma certa escola, saída de Charles Baudelaire, afecta amores pelo mal: como os histriões medrosos põem vermelhão na face, para encobrir a palidez, eles tingem a alma de perversidade negra para encobrir o desfalecimento.

Há pouco falei de *Mr. de Camors*. Ainda um livro nostálgico. Ainda Manfredo e D. Juan sob uma forma remoçada e teatral.

Mr. de Camors é um místico. Tem todos os desfalecimentos de alma, todos os desmaios do desejo dos heróis poéticos de 1830.

Traz só de mais um aparato: o materialismo. Mascara-se de impassibilidade: mas quando? Justamente quando, pela posição política, pelo resplandecimento financeiro, pela força dos hábitos e das ligações, ele tem uma vida compassada e material — em que a alma adormece. E, como a alma adormece, calam-se os seus gemidos. Mas quando desperta, ou seja pelo amor, ou pela vergonha, ou pela paixão, ou pelo dever, ou pela paterni-

dade, ou pelo remorso, começa logo, a pobre alma, chorando aflita, torturando-se, e pedindo com as mãos postas às estrelas um refúgio sereno!

Aqui, em Portugal, também há uma grande doença. Falaria nisso agora, se não estivesse fatigado de escrever.

Mas a pior das doenças é a doença que afecta ares lânguidos; que compõe, ao morrer, a voluptuosidade do olhar; que quando já sente o frio da morte, suspira correctamente: Adeus!

O que significa esta carta desordenada, em que me deixei ir, contra os meus hábitos impassìvelmente silenciosos, a falar vagamente em literatura? Nada, senão que, num dia de tristeza e de frio, eu quis fazer uma romaria saudosa àqueles tempos distantes em que nós vivíamos numa noite de ideias e de desejos, alumiados pelos astros — Shakespeare, Dante, Rabelais, S. João, Goethe e Cervantes, e tendo sempre na alma aquela ternura luminosa que vinha duma aurora serena, clara, imensa, purificadora e consoladora — Jesus Cristo!

Teu

E. de Q.

O LUME

AGORA, de Inverno, no campo, as noites são ásperas e hostis. Toda a natureza está impassível e entorpecida, esperando a fermentação violenta das seivas. As árvores erguem os braços nus, miseráveis, e suplicantes. E as águas, que no Outono estavam quietas e pálidas, e que em Maio faziam claras murmurações, tão melódicas como o ritmo dum idílio latino, têm agora vozes vingativas e más. O vento é rouco e lento como um canto católico de ofícios: as chuvas caem de cima, como escárnios triunfantes e ruidosos.

Às vezes vem a Lua — não aquela imaculada Lua de cor de opala, donde se exala um nevoeiro magnético que faz a alma docemente doente, mas uma Lua metálica, fria e lívida, como a face dos corpos finados, nas legendas católicas.

Então o homem sente a sua pequenina e inútil alma afundar-se no tédio, silenciosamente, como um navio roto numa calmaria, e vai, por instinto, dar-se à intimidade consoladora da lareira, das brasas e do fogo. E, enquanto a força vital se dissolve numa sonolência fluida, ele sente aos seus

pés uma pequena voz, alegre, inquieta, clara, que lhe fala como num êxtase profano:

«Sou eu — diz a voz — eu, o teu velho camarada, o bom lume. Sou eu, o teu velho Deus misterioso. Eu que te quero bem, e que te dei o que há em ti de grande e justo — a família e o trabalho. A minha história é triste, luminosa e terrível, imunda e meiga. Eu fui o teu companheiro das noites da Índia, o consolador e o purificador; eu fui o Moloch das religiões da velha África, ensanguentado e trágico: e sou agora o escravo a quem tu mandas mover as máquinas.

«Sempre escondido e silencioso, ocupando a um canto o mais pequeno espaço da casa, eu venho todo jovial e radioso quando tu me chamas, e fico nas tuas horas negras de dor e de miséria, calado ao pé de ti, lambendo-te os pés como um cão. Na Índia, lembras-te? durante as noites primitivas, eu fui o teu bom *Agni* que te alumiava, que espantava os chacais e as onças, e protegia, como um templo, os teus amores religiosos e simples. Escondia-me nas pedras, e nos paus secos: assim, para onde tu fosses, ou solitário ou em bando, encontravas-me sempre aos pés, bom e humilde. Foi ao pé de mim que tu criaste a trindade humana da família.

«Era ao pé de mim que tu descansavas dos teus bárbaros trabalhos, no princípio, quando a vasta natureza te combatia. E eu era o amigo único, o aliado radioso. E eu tive a confidência dos teus primeiros beijos. E eu sabia as tuas dores e os teus medos.

«Tinhas em redor de ti a hostilidade dispersa: a grande floresta tenebrosa, que depois foi para ti berço, lenha, morada, navio, defesa e força, era então a tua sepultura iminente. Quando saías de ao pé de mim, da tua cabana ajoelhada ao sol, encontravas-te só, entre os seres implacáveis — o mar que te ladrava, a vegetação espinhosa que te mordia, a chuva que te paralisava, a neve que te dava sudários. Tudo, sob a pressão doentia do sol, era para ti força inimiga ou forma resplandecente do mal. E só quando voltavas, encontravas o teu bom lume que te enxugava, que te alumiava, que te dava o pão, a força ou a fé. Eu e a mulher, a minha companheira celeste e silenciosa, ficávamos em casa, esperando os teus cansaços. Ela fiava, limpava o chão da cabana, tirava a água fresca, e adormecia o filho no seio branco como num leito espiritual: eu estava quieto e atento, combatendo a sombra e a noite, vencendo a humidade traiçoeira, fazendo um docel de vida e de luz para o teu sono, dando à cabana a serenidade tépida, e às tuas fadigas um paraíso de sossego, de silêncio e de calor.

«Em volta de mim, criou-se a família. Eu era o purificador da tua natureza. Era o Deus presente e bom, que fecunda as almas, fortalece os braços, e ampara na hora das dores.

«Eu tenho ainda por ti aquele amor servil e adulador, que se glorifica quando abdica, que tem um êxtase quando se dá a uma humilhação. Quando te afastas, quando me deixas, fico triste, amorteço-me, toda esta grande alma de chama, que te quer tão bem, se definha, e apenas ficam as brasas, ainda quentes, ainda vermelhas, mas

já inertes, e cheias de negro — justamente como o corpo dum amor abandonado.

«Mas quando vens para mim, quando me estendes a mão, como para um afago, quando me revolves — desperto, revivo, canto salmos de luz, requebro-me como uma mulher que se abandona, tenho vivacidades que são gritos de fogo, cintilações que são beijos; e como numa rapariga, para quem o inconstante bem-amado volta, toda a tristeza se desfaz em rir, em mim, mais infeliz, que não tenho o riso, aurora sonora dos lábios, toda a minha dor e o meu abatimento se vai desfeito em fumo!

«Por ti tenho feito o mal. Fui eu que matei Giordano Bruno, João Huss, tantos santos, e tantos alucinados de Deus! Fui eu que queimei, nas cidades misteriosas de África, as crianças e as virgens no altar de Moloch.

«Por ti, eu que sou a paz, fui a devastação. Estou fatigado. Durante os tempos tenho sido o camarada, o amigo, o servo, o vigia, o cão, o confidente, o pão, o calor, a vida! Não queiras que eu seja o carrasco! Podia ir contigo, insensìvelmente — lareira, se era o teu amor que me assoprava, incêndio, se era a tua cólera — no tempo em que tu eras uma força inconsciente e fatal. Mas hoje és uma consciência. Contigo só me aliarei para ser fé, consolação e paz. Sendo paz e fé, é que eu te tenho consolado das servidões dolorosas.

«No tempo das catedrais, quando tu nada tinhas, nem o amor, nem o pão livre, nem a voz, nem o sono, nem a esperança, eu dei-te o que mais agrada ao escravo — o direito de mandar. Em volta de mim, a família ajoelhava à tua voz, re-

zava ao teu olhar, erguia a hóstia do amor ao teu coração. Eras servo e tinhas estas grandezas: era eu que tas dava. Como? Pela fé, pela paz, pela consolação, pela união. Para ti, eu tenho representado a essência humana. Eu tenho advogado a causa da vida.

«A minha irradiação lenta e amorosa dissipou o misticismo. Eu sou o bem. A família e o trabalho, a educação, esta trindade misteriosa da vida, tudo está em mim. Toda a felicidade humana canta, ama, ora, no círculo da minha luz. Tudo para além é sombra — sombra na parede, e sombra na alma. Procuras o ideal na religião e conquista, na arte; debalde! Trabalhas, adoeces, morres, apodreces: vida inútil! Os únicos momentos verdadeiros e sãos foram aqueles em que estiveste ao pé de mim, olhando castamente a mulher, ensinando a ler a criança. Então realizaste o ideal, o símbolo — Deus, que as religiões esboçam e as críticas dissipam.

«Lembras-te da Índia?

«Ali tinhas uma cabana, a tua mulher, branca e mais doce que a lã dos novilhos, e o filho, encarnação misteriosa do amor das almas, e a minha doce presença. Trabalhavas, aquecias-te, amavas, dormias. A alma vivia em ti no estado de pressentimento.

«Depois disso, tens tido uma vida legendária de lutas, de criações, de religiões, de conquistas, de descobertas, de ideais.

«O que aumentaste em ti? Nada: apenas a tristeza, o desfalecimento, a dor e o mal.

«Eras puro e são: estás mórbido e enfraquecido. Eras forte: estás raquítico. Eras sereno:

estás torturado. O teu bom riso é uma triste ironia: o teu largo olhar é uma áspera desconfiança.

«Tinhas por inimiga a natureza. Venceste-la? Não. Absorveste-la. E tudo o que ela tinha de terrível e de doloroso, tudo hoje tu tens: a independência desesperada do mar, o mistério doentio da floresta, o choro aflito das águas, a inquietação do vento, a barbaridade das feras, a escuridão supersticiosa dos astros, tudo hoje está em ti, com surdas irritações, com rebeliões formidáveis. Aí está. De cada vez que te apartaste de mim, do sossego de meu calor, voltaste trazendo uma chaga.

«Foste criar o misticismo: vieste com a nostalgia incurável. Quiseste criar os Direitos do Homem: trouxeste um mal Divino chamado Liberdade, que vai sempre fugindo de ti, e só às vezes se volta de repente, para te borrifar de sangue! Quiseste ir construir a adoração do corpo e da matéria exclusiva: trouxeste o elemento dissolvente da força e o egoísmo brutal. Não tens dado um passo de mais para o bem. As tuas obras aí estão imensas, acumuladas, contraditórias e inúteis. Tens uma complicação infinita de asas que te impede o voo.

«A mim, abandonaste-me.

«Eu não me apaguei. Durante as revoluções e as lutas, andei errante, miserável, sobrecarregado de infâmias, e para viver, vendendo-me ao carrasco!

«Mas conservei sempre a minha chama casta e familiar, para o dia em que quisesses vir, tristemente, enxugar-te ao meu calor do sangue dos teus irmãos.

«Vem para junto de mim. Eu sou completo. Correspondo a todos os teus instintos luminosos, ou sagrados, ou materiais, ou lascivos. Eu dou-te o pão, o calor, a fortaleza, dou-te as visões que são o poesia do movimento na alma, dou-te a sensualidade sonolenta que exala amor, dou-te a serenidade que dispõe para a contemplação, e a força que prepara para o trabalho. Eu sou a cura, inteligente e boa, do mal natural. Eu alumio-te nas vigílias dolorosas. Quando estás entorpecido na doença, eu pequenino e encolhido, tremo ao pé de ti. Quando morres e a tua alma vai partir, eu alumio-lhe o caminho de Deus. Eu cerco Cristo nos altares, para que tu o vejas bem. Quando andas no mar, eu sou junto das praias o grito de luz que te chama.

«E o que fazes tu em paga deste amor que se dá, que cria, e que purifica? Esmagas-me. Fazes-me o escravo das máquinas. A mim que embalava as almas, fazes-me mover os aços. Embalo que era amor, movimento que é força: os dois termos de tua vida — pureza e putrefacção! Eu que vivia, alumiava, criava em liberdade, estou encadeado e martirizado na tarefa brutal das indústrias. Fazes-me o motor da miséria. Nas fábricas, as criaturas doentias, as crianças estioladas, as mulheres definhadas e soluçantes são as minhas vítimas. Sou o colaborador dos martírios que lhes infliges. Tu, homem, tomas o fogo, o ser sagrado, por ajudante de execuções! Dás-me por salário a infâmia. Fazes de mim *explosão*. Obrigas-me a devastar na guerra!

«Eu sou a pureza, o trabalho, a família, a paixão casta: levas-me a ser o mal, a viuvez, o pranto

e a dor! Tenho um cortejo de ambulâncias e de macas, eu que era o firmamento dos berços! Não! maldita seja a árvore que consentir em ser forca, e o fogo que consentir em ser explosão.

«Não quero que na minha vegetação de luz haja um orvalho de sangue. Não quero que o vento, ao embalar-me, faça saltar os gritos e os choros que se tivessem aninhado em mim. Tu, homem, sê piedoso e justo. Eu alumio o mais que posso as igrejas, mas parece-me que tu não vês bem a Cristo. Não, deixa-me ser a pureza, a graça, a família, a intimidade casta e o bem. Peço-te, rojando-me como um mendigo. Oh! homem, oh! meu velho camarada das choupanas da Índia! não me faças ser explosão, morte e devastação, para que eu no dia de pureza e de castidade, quando estiver alumiando e aquecendo os beijos, as orações e os berços — não sinta entre as minhas chamas bailarem espectros!»

MEFISTÓFELES

No *Fausto,* de Charles Gounod, a figura dramática e sintética é Mefistófeles.

Em volta dele, Fausto canta artificialmente como um lírico histrião de óperas; Margarida sente as primeiras rebeliões nervosas do desejo; Siebel estremece com a nascente seiva do amor, como o antigo Querubim; a alma legendária do rei de Tule canta na sua torre que molha a espuma do mar; o povo celebra as quermesses, e os judeus dizem a música da avareza: mas só Mefistófeles vive! E a sua grande figura angulosa, nervosa, elástica, incisiva, atravessa, sinistra, o drama — os seus lirismos nostálgicos, as suas sensualidades tristes, os seus misticismos artificiais — glorificando a força brutal do dinheiro, escarnecendo as castidades expirantes, empurrando o Fausto espiritualista para a violência lasciva, combatendo a serena inspiração do Cristo, negociando em almas, e abatendo toda a penosa construção da honra, do dever, do perdão, do amor, da purificação — com o riso trágico do mal!

Aquela ópera é uma simples aventura do antigo Diabo.

Nela, o Fausto não é o sábio que penetrou a medicina, a física, a lógica, a dialéctica, a dogmática, a teologia, a metafísica, para quem os seis mil anos do passado são apenas o prefácio do saber humano, que procura o X terrível da equação dos astros, e que ao ruído que faz a sua alma buscando através da natureza o Deus fugitivo, o Mistério, só consegue despertar os dormentes do seu coração, os desejos, os beijos luminosos, e as languidezas silenciosas: não é o homem que enoja das vazias realidades da vida e da paixão, e que se recolhe num estoicismo trágico, tendo todavia, sempre, dentro do peito, o coro soluçante e rebelde dos desejos infinitos e das ásperas curiosidades, até que enfim, mais sereno e transfigurado, vai ao fundo do mundo antigo buscar o corpo sublime de Helena e tem dela, que é o ideal da forma antiga, um filho, Eufórion, que é o ideal do espírito moderno.

Não. Na ópera, Fausto é simplesmente um daqueles ambiciosos grotescos, que contratavam por escrito com o velho Diabo, nos claustros malditos, e lhe compravam a realização de um desejo, por uma pequena coisa desprezível, menos valiosa que o dinheiro e que os estofos, uma coisa inútil e estéril, que se lhe atirava desabridamente — e que era simplesmente a alma!

As legendas estão cheias destas negociações.

Cornélio Agripa vende a alma pelos segredos da filosofia; o abade de Tritheim pelo segredo da circulação do sangue: Falstaff vende a alma, numa sexta-feira santa, à noite, quando estavam fechadas as tabernas de Londres, por uma garrafa de Vinho de Espanha, e uma perna de capão.

Luís Gaufridi, pelo poder de exaltar nervosamente as mulheres. Um lacaio do Marais, pela felicidade aos dados. Ricardo Dugdale, um namorador do condado de Landshire, por uma lição de dança! Fausto vende desprendidamente a alma, pelo amor vulgar de uma rapariga clara e loura, que tinha um modo celeste de fiar, cantando!

O Diabo cumpria escrupulosamente o contrato: havia para estas negociações uma jurisprudência dogmática. Sujeitava-se mesmo a acompanhar o contratador, como uma inspiração visível, como um camarada de perigos, para lhe facilitar a ampla realização do desejo. Seguia Agripa sob a forma dum escudeiro, vestido de negro, com o nome de *Sujeito*. Seguia Fausto, vestido de escarlate, com o nome de Mefistófeles. Nada mais.

Margarida, não é, na ópera de Gounod, como em Goethe, o símbolo da alma alemã, simples, casta, sofredora, daquela alma alemã que, como na *Melancolia* de Alberto Dürer, quando a matéria, a tirania, a desesperança a oprimem, só sabe, resignadamente, dobrar as suas asas; aquela alma alemã que exala toda a sua imensa dor em frescas cantigas religiosamente humanas, que tem todas as simplicidades, todas as inteligências, todos os deveres que, quando olha para a terra é para amar, quando olha para o céu é para orar, quando olha para si é para morrer. Não. A Margarida da música sábia de Gounod, é uma alma lírica, nebulosa, nostálgica, sensual, para quem o amor é um magnetismo suave, a oração uma luta com o mal, a morte um libertamento romântico da vida — insuficiente e vazia. Este Fausto tem

na alma um lirismo teatral, esta Margarida um paraíso artificial.

Mas ele, o bom Mefistófeles, tem uma vida real e poderosa. É ele — a antiga criatura terrível e grotesca, vaidosa, infame e trágica. É o antigo Satanás das legendas. É ele — o mesmo a quem os Sevérios ouviram dizer que antes queria devorar uma alma, do que voltar, entre purificações, para os seus antigos camaradas, os astros, *sidera lucida!* É ele, o eterno inspirador dos heréticos e dos impostores, ele que ensinava os oráculos aos crocodilos de Arsinoé, e aos carvalhos proféticos de Dodona, e que dava a Manés, o homem ímpio, a ascética palidez dos monges, como dá a Fausto, velho e tépido, o resplandecente magnetismo do olhar. Ele, que segundo as tradições judaicas, inventou os enfeites e as jóias, para ferir os castos instintos da mulher — e que atirava os corais ao regaço das mulheres de Brabante, como mostra a Margarida a cor traiçoeira e hipócrita das pérolas. É ele o mesmo que em Babilónia tomava as atitudes hieráticas de um Deus, e fugia do olhar de Daniel — como na quermesse de Leipzig toma a voz sinistra e rouca do dinheiro, e cai torturado e cobarde, diante da serena aparição das cruzes das espadas. É ele o antigo Diabo que dava aos monges da Tebaida o mal da *acedia,* como dá à pobre Margarida o mal do amor. Tortura os monges do Ocidente; dá-lhes as chagas e as dores de Job, envolve-os nas visões magníficas do mal.

As virgens diáfanas fazem, no silêncio da noite, as mil orações da prostração: os monges passam os anos em jejuns dolorosos. Debalde!

Se se deitam na neve toma um calor vital e lascivo que os definha: se bebem a água fria e purificadora das fontes, a água dá-lhes ao corpo a palpitação dos vastos apetites. Se querem rezar no silêncio, ouvem os risos ambrosíacos dos Deuses sensuais, e o gemer desfalecido dos bandolins. Também a pobre Margarida, se queria fiar castamente, e chorar o velho rei de Tule, sentia a melodia da carne cantar-lhe baixo: «Vê como Fausto, o cavaleiro vestido de veludo, é branco, e belo, e são, e forte».

Os monges de Alexandria andavam de noite, pelos corredores solitários e sonoros, com as cruzes alçadas, cantando, para o afastar, os versículos do Evangelho, e regando com água santa as lajes do claustro: assim o gentil Siebel asperge, tristemente, as flores maculadas de Maio.

E ao mesmo tempo este Diabo terrível, que andava disperso nos elementos, de tal sorte que o vento era a sua tosse, ele que era o carrasco da inquisição, a fera dramática das almas, ele que redigiu a sentença de Cristo, que acendeu as fogueiras das feiticeiras, que celebrava o *sabbat*, onde à luz duma lâmpada sem óleo, pregava o sermão dos sete pecados, ele que tinha por filhos, Merlino, Roberto de Normandia, Átila e os Hunos, era ao mesmo tempo jovial, grotesco, bailarino, poeta, jogador e palhaço. Bebia gloriosamente o vinho das missas do Papa. Tinha uma taberna no inferno, onde se comiam, com molho de beata, as almas dos usurários. Dava serenatas às patrícias de Veneza. Fazia sonetos correctos e académicos às abadessas de Vecker. Vestia-se de veludos e de sedas, emprestava dinheiro aos

estudantes das universidades livres, e assinava-se *Belzebu, cozinheiro do Inferno*. Os trovadores cantavam esta legenda faceta das farsas de Satã.

Tomou tanta familiaridade com o homem, que Lutero sujou-o de tinta, e Rabelais deu-lhe piparotes. Na Alemanha, na noite de 30 de Abril, dava um sarau magnífico nas alturas de Borx-belg. Era a noite de Walpurgis. Havia a grande dança das nudezas. Nas noites claras as estrelas assistiam, com a impassibilidade de vestais.

Assim é a figura complexa de Mefistófeles. Durante a ópera de Gounod, esta individualidade sinistra deixa escorrer, sobre o drama dos amores e dos arrependimentos, o seu desprezo resplandecente e ruidoso, como aquelas figuras de Satã, que nas catedrais da Alemanha deixam cair do último coruchéu uma risada de pedra, que nos nichos, nas esculturas, nas rosáceas, nos fustes, nos baixos-relevos, em todas as figuras de santos, de virgens e de anjos — vai gelar as aspirações ideais e os sentimentos do Céu.

Toda aquela música da ópera, que envolve Mefistófeles, é a vaga melodia sombria do mal. Tem o escárnio, tem a violência, tem as trevas, a jovialidade e o medo. Range, ri, treme, devasta, insulta e vence.

MEMÓRIAS DUMA FORCA

Foi por um modo sobrenatural que eu tive conhecimento deste papel, onde uma pobre forca apodrecida e negra dizia alguma coisa da sua história. Esta forca intentava escrever as suas trágicas *Memórias*. Deviam ser profundos documentos sobre a vida. Árvore, ninguém sabia tão bem o mistério da natureza; forca, ninguém conhecia melhor o homem. Nenhum tão espontâneo e verdadeiro como o homem que se torce na ponta duma corda — a não ser aquele que lhe carrega sobre os ombros! Infelizmente, a pobre forca apodreceu e morreu.

Entre os apontamentos que deixou, os menos completos são estes que copio — resumo das suas dores, vaga aparência de gritos instintivos. Pudesse ela ter escrito a sua vida complexa, cheia de sangue e de melancolia! É tempo de sabermos, enfim, qual é a opinião que a vasta natureza, montes, árvores e águas, fazem do homem imperceptível. Talvez este sentimento me leve ainda algum dia a publicar papéis que guardo avaramente, e que são as *Memórias dum Átomo* e os *Apontamentos de Viagem duma Raiz de Cipreste*.

Diz assim o fragmento que eu copio — e que é simplesmente o prólogo das *Memórias:*

«Sou duma antiga família de carvalhos, raça austera e forte — que já na antiguidade deixava cair, dos seus ramos, pensamentos para Platão. Era uma família hospitaleira e histórica: dela tinham saído navios para a derrota tenebrosa das Índias, contos de lanças para os alucinados das Cruzadas, e vigas para os tectos simples e perfumados que abrigaram Savonarola, Spinoza e Lutero. Meu pai, esquecido das altas tradições sonoras e da sua heráldica vegetal, teve uma vida inerte, material e profana. Não respeitava as nobres morais antigas, nem a ideal tradição religiosa, nem os deveres da história. Era uma árvore materialista. Tinha sido pervertida pelos enciclopedistas da vegetação. Não tinha fé, nem alma, nem Deus! Tinha a religião do sol, da seiva e da água. Era o grande libertino da floresta pensativa. No Verão, enquanto sentia a fermentação violenta das seivas, cantava movendo-se ao sol, acolhia os grandes concertos de pássaros boémios, cuspia a chuva sobre o povo curvado e humilde das ervas e das plantas e, de noite, enlaçado pelas heras lascivas, ressonava sob o silêncio sideral. Quando vinha o Inverno, com a passividade animal dum mendigo, erguia, para a impassível ironia do azul, os seus braços magros e suplicantes!

«Por isso nós, os seus filhos, não fomos felizes na vida vegetal. Um dos meus irmãos foi levado para ser tablado de palhaços: ramo contemplativo e romântico, ia, todas as noites, ser pisado pela

chufa, pelo escárnio, pela farsa e pela fome! O outro ramo, cheio de vida, de sol, de poeira, áspero solitário da vida, lutador dos ventos e das neves, forte e trabalhador, foi arrancado dentre nós, para ir ser tábua de esquife! — Eu, o mais lastimável, vim a ser forca!

«Desde pequeno fui triste e compassivo. Tinha grandes intimidades na floresta. Eu só queria o bem, o riso, a dilatação salutar das fibras e das almas. O orvalho de que a noite me banhava, atirava-o a umas pobres violetas, que viviam por debaixo de nós, doces raparigas lutuosas, melancolias condensadas e vivas da grande alma silenciosa da vegetação. Agasalhava todos os pássaros na véspera dos temporais. Era eu quem asilava a chuva. Ela vinha, com os cabelos esguedelhados, perseguida, mordida, retalhada pelo vento! Eu abria-lhe as ramagens e as folhas, e escondia-a ali, ao calor da seiva. O vento passava, confundido e imbecil. Então a pobre chuva, que o via longe, assobiando lascivo, deixava-se escorregar silenciosamente pelo tronco, gota por gota, para o vento a não perceber; e ia, de rastos, por entre a erva, acolher-se à vasta mãe Água! Tive por esse tempo uma amizade com um rouxinol, que vinha conversar comigo durante as longas horas consteladas do silêncio. O pobre rouxinol tinha uma pena de amor! Tinha vivido num país distante, onde os noivados têm mais moles preguiças: lá se enamorara: comigo chorava em suspiros líricos. E tão mística pena era que me disseram que o triste, de dor e de desesperança, se deixara cair na água! Pobre rouxinol! Ninguém tão amante, tão viúvo e tão casto!

«Eu queria proteger todos os que vivem. E quando as raparigas do campo vinham para junto de mim chorar, eu erguia sempre as minhas ramagens, como dedos, para apontar à pobre alma aflita de lágrimas todos os caminhos do Céu!

«Nunca mais! Nunca mais, verde mocidade distante!

«Enfim, eu tinha de entrar na vida da realidade. Um dia, um daqueles homens metálicos que fazem o tráfico da vegetação, veio arrancar-me à árvore. Não sabia eu o que me queriam. Deitaram-me sobre um carro e, ao cair da noite, os bois começaram a caminhar, enquanto ao lado um homem cantava no silêncio da noite. Eu ia ferido e desfalecido. Via as estrelas com os seus olhares lancinantes e frios. Sentia-me separar da grande floresta. Ouvia o rumor gemente, indefinido e arrastado das árvores. Eram vozes amigas que me chamavam!

«Por cima de mim voavam aves imensas. Eu sentia-me desfalecer, num torpor vegetal, como se estivesse sendo dissipado na passividade das coisas. Adormeci. Ao amanhecer, íamos entrando numa cidade. As janelas olhavam-me com olhos ensanguentados e cheios dum sol irado. Eu só conhecia as cidades pelas histórias que delas contavam as andorinhas, nos serões sonoros de espessura. Mas como ia deitado e amarrado com cordas, apenas via os fumos e um ar opaco. Ouvia o rumor áspero e desafinado, onde havia soluços, risos, bocejos, e mais o surdo roçar da lama, e o tinido sombrio dos metais. Eu sentia enfim o cheiro mortal do homem! Fui arremessado para um pátio infecto, onde não havia o azul e o ar.

Comecei então a compreender que uma grande imundície cobre a alma do homem, porque ele se esconde tanto das vistas do sol!

«Uns homens vieram, que me deram desprezìvelmente com os pés. Eu estava num estado de torpor e de materialidade, que nem sentia as saudades da pátria vegetal. Ao outro dia, um homem veio para mim e deu-me golpes de machado. Não senti mais nada. Quando voltei a mim, ia outra vez amarrado no carro, e pela noite um homem aguilhoava os bois, cantando. Senti lentamente renascer a consciência e a vitalidade. Parecia-me que eu estava transformado numa outra vida orgânica. Não sentia a magnética fermentação da seiva, a energia vital dos filamentos e a superfície viva das cascas. Em redor do carro iam outros homens, a pé. Sob a brancura silenciosa e compassiva da Lua, tive uma saudade infinita dos campos, do cheiro dos fenos, das aves, das relvas, de toda a grande alma vivificadora de Deus, que se move entre a ramagem. Eu sentia que ia para uma vida real, de serviço e de trabalho. Mas qual? Tinha ouvido falar das árvores, que vão ser lenha, aquecem e criam, e, tomando entre a convivência do homem a nostalgia de Deus, lutam com os seus braços de chamas para se desprender da terra: essas dissipam-se na augusta transfiguração do fumo, vão ser nuvens, ter a intimidade das estrelas e do azul, viver na serenidade branca e altiva dos imortais, e sentir os passos de Deus!

«Eu tinha ouvido falar das que vão ser vigas da casa do homem: essas, felizes e privilegiadas, sentem na penumbra amorosa a doce força dos

beijos e dos risos; são amadas, vestidas, lavadas; encostam-se a elas os corpos dolorosos dos Cristos, são os pedestais da paixão humana, têm a alegria imensa e orgulhosa dos que protegem; e risos das crianças, ais namorados, confidências, suspiros, elegias da voz, tudo o que lhes faz lembrar as murmurações da água, o estremecimento das folhas, as cantigas dos ventos — toda essa graça escorre sobre elas, que já gozaram a luz da matéria, como uma imensa e bondosa luz da alma.

«Eu tinha ouvido falar também das árvores de bom destino, que vão ser mastro de navio, sentir o cheiro da maresia e ouvir as legendas do temporal, viajar, ver, lutar, viver, levadas pelas águas, através do infinito, entre as surpresas radiosas — como almas arrancadas do corpo que fazem pela primeira vez a viagem do céu!

«Que iria eu ser?... — Chegámos. Tive então a visão real do meu destino. Eu ia ser forca!

«Fiquei inerte, dissolvida na aflição. Ergueram-me. Deixaram-me só, tenebrosa, num campo. Tinha, enfim, entrado na realidade pungente da vida. O meu destino era matar. Os homens, cujas mãos andam sempre cheias de cadeias, de cordas e de pregos, tinham vindo aos carvalhos austeros buscar um cúmplice! Eu ia ser a eterna companheira das agonias. Presos a mim, iam balouçar-se os cadáveres, como outrora as verdes ramagens orvalhadas!

«Eu ia dar esses negros frutos: os mortos!

«O meu orvalho seria de sangue. Ia escutar para sempre, eu a companheira dos pássaros, doces tenores errantes, as agonias soluçantes, os gemidos de sufocação! As almas, ao partir, ras-

gar-se-iam nos meus pregos. Eu, a árvore do silêncio e do mistério religioso, eu, cheia de augusta alegria orvalhada e dos salmos sonoros da vida, eu, que Deus conhecia por boa consoladora, havia de mostrar-me às nuvens, ao vento, aos meus antigos camaradas puros e justos, eu, a árvore viva dos montes, de intimidade com a podridão, de camaradagem com o carrasco, sustentando alegremente um cadáver pelo pescoço, para os corvos o esfarraparem!

«E isto ia ser! Fiquei hirta e impassível como nas nossas florestas os lobos, quando se sentem morrer.

«Era a aflição. Eu via ao longe a cidade coberta de névoa.

«Veio o Sol. Em roda de mim começou a juntar-se o povo. Depois, através dum desfalecimento, senti o ruído de músicas tristes, o rumor pesado dos batalhões, e os cantos dolentes dos padres. Entre dois círios, vinha um homem lívido. Então, confusamente, como nas aparências inconsistentes do sonho, senti um estremecimento, uma grande vibração eléctrica, depois a melodia monstruosa e arrastada do canto católico dos mortos!

«Voltou-me a consciência.

«Estava só. O povo dispersava-se e descia para os povoados. Ninguém! A voz dos padres descia lentamente, como a última água duma maré. Era ao fim da tarde. Vi. Vi livremente. Vi! Dependurado de mim, hirto, esguio, com a cabeça caída e deslocada, estava o enforcado! Arrepiei-me!

«Eu sentia o frio e a lenta ascensão da podridão. Ia ficar ali, de noite, só, naquele descam-

pado sinistro, tendo nos braços aquele cadáver! Ninguém!

«O sol ia-se, o sol puro. Onde estava a alma daquele cadáver? Tinha passado já? Tinha-se dissipado na luz, nos vapores, nas vibrações? Eu sentia os passos da triste noite, que vinha. O vento empurrava o cadáver, a corda rangia.

«Eu tremia, numa febre vegetal, dilacerante e silenciosa. Não podia ficar ali só. O vento levar-me-ia, atirando-me, aos pedaços, para a antiga pátria das folhas. Não. O vento era brando: quase sòmente a respiração da sombra! Tinha vindo então o tempo em que a grande natureza, a natureza religiosa, era abandonada às feras humanas? Os carvalhos já não eram, pois, uma alma? Podiam, com justiça, vir o machado e as cordas buscar os ramos criados pela seiva, pela água e pelo sol, trabalho suado da natureza, forma resplandecente da intenção de Deus, e levá-los para as impiedades, para os tablados da forca onde apodrecem as almas, para os esquifes onde apodrecem os corpos? E as ramagens puras, que foram testemunhas das religiões, já não serviam senão para executar as penalidades humanas? Serviam só para sustentar as cordas, onde os saltimbancos bailam, e os condenados se torcem? Não podia ser.

«Pesava sobre a natureza uma fatalidade infame. As almas dos mortos, que sabem o segredo e compreendem a vegetação, achariam grotesco que as árvores, depois de terem sido colocadas por Deus na floresta com os braços estendidos, para abençoar a terra e a água, fossem arrastadas para as cidades, e obrigadas, pelo homem,

a estender o braço da forca para abençoar os carrascos!

«E depois de sustentarem os ramos de verdura — que são os fios misteriosos, mergulhados no azul, por onde Deus prende a terra — fossem sustentar as cordas da forca, que são as fitas infames, por onde o homem se prende à podridão! Não! se as raízes dos ciprestes contassem isto em casa dos mortos — faziam estalar de riso a sepultura!

«Assim falava eu na solidão. A noite vinha lenta e fatal. O cadáver balouçava-se ao vento. Comecei a sentir palpitações de asas. Voavam sombras por cima de mim. Eram os corvos. Pousaram. Eu sentia o roçar das suas penas imundas; afiavam os bicos no meu corpo; penduravam-se, ruidosos, cravando-me as garras.

«Um pousou no cadáver e pôs-se a roer-lhe a face! Solucei dentro de mim. Pedi a Deus que me apodrecesse sùbitamente. Era uma árvore das florestas a quem os ventos falavam! Servia agora para afiar os bicos dos corvos, e para que os homens dependurassem de mim os cadáveres, como vestidos velhos de carne, esfarrapados! Oh! meu Deus! — soluçava eu ainda — eu não quero ser relíquia de tortura: eu alimentava, não quero aniquilar: era a amiga do semeador, não quero ser a aliada do coveiro! Eu não posso e não sei ser a justiça. A vegetação tem uma augusta ignorância: a ignorância do sol, do orvalho e dos astros. Os bons, os angélicos, os maus são os mesmos corpos invioláveis, para a grande natureza sublime e compassiva. Ó meu Deus, liberta-me deste mal humano tão aguçado e tão

grande, que se traspassa a si, atravessa de lado a lado a natureza, e ainda te vai ferir, a ti, no Céu! Oh! Deus, o céu azul, todas as manhãs, me dava os orvalhos, o calor fecundo, a beleza imaterial e fluida da brancura, a transfiguração pela luz, toda a bondade, toda a graça, toda a saúde: — não queiras que, em compensação, eu lhe mostre, amanhã, ao seu primeiro olhar, este cadáver esfarrapado!

«Mas Deus dormia, entre os seus paraísos de luz. Vivi três anos nestas angústias.

«Enforquei um homem — um pensador, um político, filho do bem e da verdade, alma formosa cheia das formas do ideal, combatente da luz. Foi vencido, foi enforcado.

«Enforquei um homem que tinha amado uma mulher e tinha fugido com ela. O seu crime era o amor, que Platão chama *mistério,* e Jesus chamou *lei.* O código puniu a fatalidade magnética da atracção das almas, e corrigiu Deus com a forca!

«Enforquei também um ladrão. Este homem era também operário. Tinha mulher, filhos, irmãos e mãe. No Inverno não teve trabalho, nem lume, nem pão. Tomado dum desespero nervoso, roubou. Foi enforcado ao sol-posto. Os corvos não vieram. O corpo foi para a terra limpo, puro e são. Era um pobre corpo que tinha sucumbido por eu o apertar demais, como a alma tinha sucumbido por Deus a alargar e a encher.

«Enforquei vinte. Os corvos conheciam-me. A natureza via a minha dor íntima; não me desprezou: o sol alumiava-me com glorificação, as nuvens vinham arrastar por mim a sua mole

nudez, o vento falava-me e contava a vida da floresta, que eu tinha deixado, a vegetação saudava-me com meigas inclinações da folhagem: Deus mandava-me o orvalho, frescura que prometia o perdão natural.

«Envelheci. Vieram as rugas escuras. A grande vegetação, que me sentia esfriar, mandou-me os seus vestidos de hera. Os corvos não voltaram: não voltaram os carrascos. Sentia entrar em mim a antiga serenidade da natureza divina. As eflorescências, que tinham fugido de mim, deixando-me só no solo áspero, começaram a voltar, a nascer, em roda de mim, como amigas verdes e esperançosas. A natureza parecia consolar-me. Eu sentia chegar a podridão. Um dia de névoas e de ventos, deixei-me cair tristemente no chão, entre a relva e a humidade, e pus-me silenciosamente a morrer.

«Os musgos e as relvas cobriram-me, e eu comecei a sentir-me dissolver na matéria enorme, com uma doçura inefável.

«O corpo esfria-me: eu tenho a consciência da minha transformação lenta de podridão em terra. Vou, vou. Ó terra, adeus! Eu derramo-me já pelas raízes. Os átomos fogem para toda a vasta natureza, para a luz, para a verdura. Mal ouço o rumor humano. Ó antiga Cíbele, eu vou escorrer na circulação material do teu corpo! Vejo ainda indistintamente a aparência humana, como uma confusão de ideias, de desejos, de desalentos, entre os quais passam, diàfanamente, bailando, cadáveres! Mal te vejo, ó mal humano! No meio da vasta felicidade difusa do azul, tu és, apenas, como um fio de sangue! As eflorescências, como

vidas esfomeadas, começam a pastar-me! Não é verdade que ainda lá em baixo, no poente, os abutres fazem o inventário do corpo humano? Ó matéria, absorve-me! Adeus! para nunca mais, terra infame e augusta! Eu vejo já os astros correrem como lágrimas pela face do céu. Quem chora assim? Eu sinto-me desfeita na vida formidável da terra! Ó mundo escuro, de lama e de ouro, que és um astro no infinito, — adeus! adeus! — deixo-te herdeiro da minha corda podre!»

A MORTE DE JESUS

Por estranhos acasos encontrei este velho manuscrito copiado, num latim bárbaro, do antigo papiro primitivo. Não o traduzo textualmente: seria incompreensível, irritaria os nossos hábitos críticos, psicológicos! Transporto para a linguagem moderna, complexa, dúctil, sábia, o estreito dizer antigo.

Assim ordenado, este documento, que não encerra coisas novas, põe, todavia, em relevo muitos estados de espírito, muitas situações civis de uma pessoa excepcional, que tem notàvelmente merecido nestes últimos tempos a atenção da história e da crítica.

Jerusalém, Mediterranean Hotel, no Acra, 1 de Dezembro de 1869.

A MORTE DE JESUS [1]

Dies irae, dies illa...

I

O MEU nome é Eliziel, e fui capitão da polícia do templo: estou velho e inclinado para a sepultura: e antes de me deitarem para a eternidade, sob uma pedra lisa em Josafá, ou nas mortuárias de Siloeh, quero contar o que sei e o que vi dum homem excelente, que na minha mocidade esteve, pelos acasos providenciais da simpatia, ìntimamente ligado à minha vida. Nestes últimos tempos, sobretudo, a sua imagem vive activa e poderosa no meu cérebro; e quando, pelo findar da tarde, a esta luz magoada que então habita no céu da Judeia, eu me vou sentar junto ao branco túmulo de Raquel, olhando as muralhas

---

[1] Este trabalho de Eça de Queiroz, escrito por ocasião da sua viagem ao Egipto e à Palestina em 1869, foi publicado em 1870 na *Revolução de Setembro*, ficando, todavia, incompleto. — *(N. dos E.)*.

de Jerusalém e a velha Sião, cheia de claridade, e as ruínas de David, é nele que penso — e nesses tempos distantes em que eu tinha a força, a barba escura, o andar ágil e firme, e a esperança fácil.

Eu sou o mais velho da geração desse homem: aqui vivo, afastado da cruel Jerusalém, em Betlém, junto desse povo que tem uma água, tão fresca e consoladora, que David a lamentava no desterro.

Os outros onde estão? Onde estais vós, Tomás, Mateus, Simão, Pedro, João? Onde estais vós? Judas de Karioth sei que morreu obscuro e sossegado no campo de Haceldama; Pôncio Pilatos está em Espanha, retirado e pobre, ele o velho amigo de Tibério. Antipas, Herodíade, andam na aflição dos desterros; Hanão morreu, mas a sua memória e a sua doutrina ainda governam o templo. Onde estão os mais: Nicodemus, José, Maria, as santas mulheres, Cleofas, Gamaliel, o sábio doutor? Uns estão no vale de Josafá, outros no vale de Hinon, todos esquecidos. Tanto a memória do homem é como a onda fugitiva e pérfida!

É por isso, para que se não perca a lembrança daquele homem justo e bom, que eu procuro dizer com simplicidade e verdade tudo quanto vi e compreendi da sua vida, tão breve pelos dias, tão longa pelas dores.

Quando o conheci em Jerusalém, pela festa da Páscoa, era eu moço. A minha vida passava-se toda no templo. O templo, reconstrução de Herodes o Grande, estava então novo e resplandecente: ainda se trabalhava nos pórticos exteriores. Ali era o centro de Jerusalém: ali se orava, se celebrava, se tratavam as questões civis, se julgavam os condenados, se estabeleciam as escolas rabíni-

cas da lei, se discutiam os éditos de Roma, o procedimento dos legados imperiais e dos procuradores, se curavam os doentes, se tramavam as sedições. Os romanos não podiam entrar no templo: no átrio da primeira galeria havia inscrições, em grego e em latim, que vedavam aos gentios, aos pagãos e aos samaritanos penetrar além. No entanto, nós víamos sempre os romanos nos terraços da torre Antónia, que domina o recinto do templo, observarem, rirem, dormirem ao sol, ou pela tarde jogarem a barra, exercitarem-se em lutas.

A mim, como oficial da polícia do templo, competia-me abrir, fechar as portas, impedir que se entrasse no santuário com bastões ou armas, que se sujassem as lajes dos terraços com lama, que se passasse com fardos, ou que viessem orar junto às colunas do santuário os que estavam tocados de impureza.

Eu era escrupuloso e atento, e desgostava-me (e muitas vezes o disse) que o serviço do culto autorizasse factos indignos da santidade da lei e da consagração do lugar, porque, no recinto do templo, vinham estabelecer-se toda a sorte de vendedores e de bazares: vinham ali vender os animais para os sacrifícios, os estofos, os véus, as faixas de Tiro; trocava-se a moeda; negociava-se o azeite: e, como o templo era o centro vital de Jerusalém, havia ali toda a semelhança de uma feira: pregões, fardos, arcas; e mais parecia o mercado pagão de Cesareia, do que o interior da casa de Deus.

Outra coisa me irritava ali, singularmente: eram os fariseus, os escribas, e os doutores da lei;

não os estimo: entre eles só vi cerimónias, ódios, disputas estéreis. Nunca compreendi o orgulho dos doutores, nem mesmo o seu desprezo pela sabedoria grega: meu pai cultivava as letras helénicas, e tinha-me dado conhecimento daquela ciência, incorrendo assim na ira dos doutores fariseus, que envolvem na mesma maldição o que cria porcos, e o que ensina a seu filho a ciência grega. Meu pai tinha viajado no Egipto, em Alexandria, e aí se tinha ligado com um sábio, Filon, judeu pela mãe, grego pela alma, de quem os mestres das sinagogas diziam o maior mal.

Desde então, tinha-se tomado de afeição pela ciência grega, e, velho, entretinha-se a fazer passar ao meu espírito as grandes doutrinas daquelas gentes. Ora o ódio dos escribas pela ciência helénica indignava-me. Demais, eles são repulsivos e grosseiros.

Os fariseus, especialmente, são ásperos, desdenhosos, maus, respeitando mais as minuciosidades do culto, do que o espírito da lei. Em tudo cheios de artifício e de vaidade: se entram na sinagoga, querem o melhor lugar, o mais largo, e todos os vêem batendo no peito sob a amplidão do manto: se vão pela rua ou pelo campo, prostram-se ruidosamente a orar, se vêem o olhar do homem: se dão uma esmola, contam-na como virtude, apregoam-na como exemplo: e sempre argumentando, vociferando, enchendo o santuário de disputas e de invectivas! Se, numa ceia, algum dos convivas faz a ablução sobre a testa, com a mão toda, em lugar de a fazer só com dois dedos, amaldiçoam-no, clamam pelas iras de Jeová e levantam-se escandalizados: nunca ninguém os vê con-

solar uma viúva, ou ajudar um velho a andar: os pobres, os abandonados, são para eles como os que estão tocados da peste: caminham com os olhos fechados para não verem as mulheres, e com os pés nus para se ferirem nas pedras; mas, por baixo do seu zelo, são cheios de apetites, como um homem sanguíneo!

Quanto é melhor que estes o alto sacerdócio, que é todo da seita dos saduceus e dos boetozins! Há aí mais sinceridade, e mais humanidade: são homens pacatos e faustosos, que intrigam com Roma, não têm zelos nem devoções irritantes, amam o sossego, as lindas casas de campo junto a Sião ou para além de Bezeta, os moles estofos de Sídon, ou as belas mulheres de Idumeia.

Mas o que, na vida do templo, me indignava superiormente, era o vê-lo tornado um lugar de comércio, de venda e de troca de moeda. E foi por estes odiosos mercadores do templo, que além disso me tornavam a polícia difícil e fatigante, que eu conheci o homem inefável, por quem os meus olhos ainda se humedecem.

Um dia, entrava eu na galeria de Salomão, que é a que tem três ordens de colunas, o tecto de cedro lavrado, e olho para o monte das Oliveiras. Era na festa da Páscoa, quando ela se enche com a multidão dos peregrinos. Um soldado da milícia do templo tinha-me dito que, contra os avisos, dois mercadores de pombas e de carneiros tenros tinham-se vindo encruzar nas suas esteiras junto das colunatas, com as reses enfeitadas de escarlate, e os cestos de aves brancas. Eu ia, cheio de cólera, para os condenar, quando vi em redor uma confusa gente dominada pelo forte

ruído duma voz: defronte dos mercadores, havia um homem de pé, que lhes falava. Era alto, magro, fraco: tinha os cabelos louros, pendentes, separados ao meio, cabelos de homem de Galileia: mesmo, percebi logo, pelo acento e pela pronúncia, que ele era galileu: naquele momento o seu rosto era irritado e severo: tinha o gesto largo ao modo dos que pregam nas sinagogas, tinhas as feições inflamadas, os olhos cheios duma luz indignada: a sua estatura, erguida pela cólera, enobrecida pela justiça das suas palavras, cheia do seu pensamento, fazia-o parecer mais que um homem.

Os mercadores, assustados, recolhiam os cestos, dobravam as esteiras, arrastavam as reses: as pombas esvoaçavam.

— Ide! — disse-lhes ele então — vós fazeis da casa da oração uma caverna de ladrões.

E com a mão violenta empurrou-os largamente, para além das colunas. Eles iam, tomados de temor. Os homens em redor tinham uma aprovação simpática para o da Galileia: alguns riam: havia crianças assustadas que gritavam. Eu olhava, admirado.

— Quem é este? — perguntei a João, um galileu, que estava junto dele, e que eu conhecia de o ter encontrado no átrio da casa de Hanão.

— Não o conheces tu? É Jesus de Nazaré, profeta da Galileia!

II

DURANTE a minha vida do templo eu tinha visto muitos videntes, muitos profetas: vinham da Galileia, da Judeia, de todo o país que vai até Jopé. Não direi o que penso da intenção profética e da crença messiânica. Só direi que os profetas que, no meu tempo, vieram e eram lapidados às portas de Jerusalém, eram bons; eram uma voz colectiva, a esperança, a consolação e o alívio.

O povo era profundamente infeliz: os saduceus afogados nos seus repousos, os fariseus perdidos nas suas devoções, os escribas e doutores absorvidos nas suas escolas, não viam o estado das almas. Além de tudo, estavam longe do povo, numa separação desdenhosa e enfática. Eu estava profundamente ligado ao povo pela raça e pelo instinto. Já na vida estreita e toda comum de Jerusalém, já nas conversações dos átrios do templo, já nas minhas demoras em Bethel, em Efraim, em Galileia, eu via, compreendia, sabia o povo. Infeliz, desprezado, eternamente escravo, esmagado pelo tributo da dominação e pelo dízimo, refugiava-se, maltratado da terra, na esperança dum libertador, dum Messias. O Judeu é dado a preocupações divinas e a sua verdadeira pátria é em Deus.

Uma série de homens fortes e piedosos eram os intérpretes deste desejo ideal, eram a voz daquela melancolia, e eram os amigos do pobre, os ásperos juízes do rico, os consoladores austeros.

O povo, sufocado pela sua paixão interior, sentia-se aliviado e consolado, quando um profeta falava. Os profetas confirmavam a vinda do Messias, diziam-lhe a figura e as acções, a piedade e a paixão, esfarrapavam os seus vestidos, iam viver no deserto: daí a exaltação tornava-se um estado natural e humano, as almas cresciam em desejo e vontade. De sorte que todos os anos apareciam videntes e inspirados, que o sanedrim mandava lapidar à Porta Esterquilinária. Mas lamentavam-no, porque o povo segue sempre todo o movimento que seja original, amigo do pobre, anunciador da boa nova: Schammaï, Hillel, Jesus de Sirach, que tiveram altos pensamentos de pureza e de justiça, viveram ignorados da Judeia e da Galileia, porque não pregavam em nome da esperança religiosa, não tinham a paixão messiânica. Eram espíritos sábios e justos, e não videntes possuídos de fé.

Ora, nesse tempo, a esperança do Messias era activa. Clamavam por ele a Deus, jejuavam, oravam, para não morrerem antes da vinda dele; tinham desalentos, esperavam àvidamente os sinais místicos, e as almas falavam baixo, porque vinha o Senhor!

Eu mesmo tinha visto muitos profetas, muitos mestres inovadores; não conhecia João Baptista, que vivia no deserto do Jordão, mas sabia que ele também pregava um renascimento, e que, tendo escandalizado a olímpica Herodíade se definhava numa prisão de Antipas.

No entanto nunca nenhum desses homens me dera uma sensação feliz, como esse Jesus de Nazaré. Os seus olhos cheios de infinito, a sua voz

poderosa e serena, a justiça das suas palavras, deixaram-me numa vaga e imprevista perturbação, como, quando se olha para o céu, que se supõe escuro, e de repente se vê uma estrela imortalmente luminosa.

Nessa tarde, como eu caminhasse pela encosta de Sião, para o lado do horto de Salomão, com Simeon, escriba do templo, perguntei-lhe se conhecia Jesus de Nazaré, que pregava na Galileia. Simeon disse-me, com um riso:

— Que sabes tu que possa vir de bom de Genesareth?

Realmente toda a Galileia é muito desprezada pelos de Jerusalém. Fomos conversando nesta apreciação; Simeon dizia-me que os galileus eram fracos, femininos, imbecis; que eram ignorantes e pouco ortodoxos; que o sangue estava neles muito misturado; que tinham muito do samaritanismo; que a sua pronúncia era viciosa; que eram grotescos a falar, insuficientes a pensar; e que *idiotismo galileu* era um provérbio de Jerusalém. Eu respondia que a gente de Galileia me parecia simples e delicada; que quem vive numa natureza tão humana, tão cheia de águas, tão auxiliada das sombras, não podia deixar de ter qualidades finas e harmoniosas; que os galileus eram trabalhadores e sóbrios; e que Isaías tinha dito: — «ó terra de Zabulon e terra de Neftali, caminho do mar, Galileia dos gentios, o povo que caminhava na sombra viu uma grande luz!»

— Ora, Simeon — dizia eu — estas palavras de Isaías indicam que na Galileia pode nascer um profeta!

íamos assim largamente conversando, quando chegámos ao horto de Salomão: a natural beleza, as árvores, as vinhas, a perspectiva suave e recolhida dos vales de Jerusalém, a silenciosa espessura, a fresca serenidade, os bandos de pombos que vêm beber aos velhos reservatórios de Salomão, fazem daquele lugar um retiro bom para espíritos sábios, para aqueles que têm no coração uma ideia, ou que são habitados por uma esperança: ali se reúnem assim muitos de Jerusalém! Naquele dia andava ali, absorvido, grave e vagaroso, o sábio Gamaliel. Gamaliel era o maior do templo: se os outros eram o poder, a intriga, a riqueza, a tradição—ele era a ciência; se os outros eram a lei — ele era a justiça. Eu, preocupado pelo Nazareno, perguntei a Gamaliel se conhecia aquele homem severo:

— Pelo que sei dele — disse Gamaliel — penso que é um justo.

Guardei com amor esta palavra: ela correspondia à atracção suave e piedosa que eu sentia pelo severo mestre da Galileia. Ao voltar a Jerusalém, pensava nele: via-o irritado e augusto: imaginei-o cheio da cólera do justo e da rebelião do oprimido: o que ele pregava decerto era a condenação do rico e a humilhação do fariseu. Era o que tu precisavas, Jerusalém, dizia eu, era um profeta amado e seguido, que fosse a alma duma infinita desgraça que se vinga, que erguesse o povo, aniquilasse os sacerdócios corrompidos, expulsasse o romano, que reconstituísse nas almas a velha Israel, nas instituições a velha Judeia, que fosse o homem forte e puro, e o continuador dos Macabeus. Produzira a Galileia esta alma

terrível? Ou será Elias ressuscitado dentre os mortos? Assim pensava, encaminhando-me pela noite pesada para a casa de Hanão.

Hanão era o grande sacerdote, ainda que na realidade e nas coisas do templo o fosse seu genro Caifás; mas ele era o espírito, a direcção, o conselho, a iniciativa de toda a vida sacerdotal do templo. Era velho, sabedor das tradições, astuto; possuía enormes riquezas, conspirava contra Roma, era concentrado e soberbo.

Num dos largos pátios cobertos de sua casa, em Bezeta, era costume reunirem-se em volta dum grande fogo, quando o frio entristecia Jerusalém, os oficiais do templo: às vezes vinham escribas, doutores, sacerdotes afáveis. Aquele grupo, sempre igual, era como uma consciência um pouco mordente do templo. Às vezes, quando não estava algum austero doutor fariseu, pedia-se a um soldado expedicionário que entrasse para junto do lume, dava-se-lhe do vinho de Sídon e das colinas do Líbano, e pedia-se-lhe que cantasse alguma das cantigas latinas do bairro de Suburra. Alguns velhos sacerdotes riam nas suas barbas brancas. Nessa noite, quando eu atravessava o átrio de Hanão, cruzei-me com aquele galileu, João, que eu tinha visto junto a Jesus de Nazaré, na galeria de Salomão. Ele costumava vir ali ver uma velha guardadora dos cães, que era de Cafarnaum, na Galileia. Chamei-o, tomei-lhe as mãos, falei-lhe afàvelmente em Jesus de Nazaré: eu, enfim, compreendia bem aquele que, por um imprevisto interesse, pela elevação da sua palavra, pela beleza do seu aspecto, habitava já no meu peito, como um amigo da antiga mocidade.

III

João disse-me vagamente todo o passado de Jesus, em palavras simples, mas penetradas de fé e de desejo.

Eu reconstruí então, em espírito, a vida obscura de Jesus; vi-o, pela intuição, em Nazaré, educado por aquela doce paisagem da Galileia, sob a influência do Carmelo, das serras do Tabor e das terras patriarcais.

Eu tinha ali viajado, e muitas vezes me tinha sentado num rochedo, nas alturas de Nazaré. Se algum lugar há no mundo em que o homem sinta a estreiteza da vida civil, a instabilidade dos interesses, o contingente e fugitivo das afeições e dos desejos, é ali, naquele vasto e sossegado horizonte, em que parece que o céu exerce mais profundamente a sua atracção infinita sobre a alma cativa.

Que pomares, que prados, que humanas águas, que aldeias delicadamente adormecidas entre as figueiras e as vinhas!

E eu via Jesus, imaginando, esperando, naquele húmido paraíso da Galileia e nas suas montanhas queridas, de belas formas amorosas!

Vi-o com os seus primeiros amigos, já possuído da ideia do seu Deus, entrando a falar nas sinagogas, correndo as aldeias, ajudando as pescas, dormindo nos largos terraços sob a luz das estrelas tão belas, tão expressivas como na velha Caldeia; chamando os que encontrava para que o amassem, acariciando os fracos, e dando-se a si e

ao Deus interior que o habitava, em alimento às almas infelizes.

Os de Jerusalém, que nunca saíram das suas estreitas e duras ruas, e apenas têm visto da natureza as suas colinas calvas e os seus vales cheios de mortos, riem quando se lhes fala na natureza do norte, na fecundidade da Samaria e da Galileia e na excelência daquela gente.

Pois, se Jerusalém tem de ser erguida das suas choradas humilhações, será por alguém vindo do lado das aldeias e dos lagos da Galileia! Esta Jerusalém áspera, seca, toda de pedra e de indiferença, só fará espíritos estreitos, fariseus argumentadores, escribas e lapidadores de homens. O sangue de Judas Galannite, de Hillel, do filho de Sirac, de Gamaliel, de todos os homens justos do nosso tempo, é parente da seiva das árvores da Galileia. Uma elevação ideal sai daquelas sombras e do rumor daquelas águas. Jerusalém será a lei, a autoridade, a sabedoria, a habilidade, a astúcia; mas a Galileia será a virtude e o sacrifício.

Ali não há cidadãos: há as pequenas aldeias sírias que eu amo, onde as mulheres têm o seio pacífico, os homens a força serena, e até os pequenos burros têm um olhar doce, em que parece habitar uma resignação humana. Tudo é fecundo, bem cultivado: a abundância impede a hostilidade ao imposto, a avareza, a economia áspera, qualidades de Jerusalém. Ah! lâminas douradas do templo, túmulos gregos, dos Herodes, com relevos de folhagens, como eu vos dera por um dos pequenos regatos azulados, que dormem e sonham, na espessura amada das searas de Chorazin! Porque

não conheço melhor alegria, do que andar pelas estradas da Galileia: vêem-se os casais escurecidos pela sombra das figueiras, das vinhas, os pomares de nogueiras, de romanzeiras estreladas de vermelho: vai-se numa fresca espessura povoada de aves gloriosas! Quando se está fatigado, senta-se a gente diante duma porta, à sombra dum cedro, bebe-se o vinho de Safed, olham-se as formas lânguidas das montanhas, conversa-se com as mulheres que vêm da fonte, todas frescas, cantando os cantos do tempo de Salomão! E não se encontram fariseus, nem escribas, nem saduceus, nem herodianos!

Era ali que Jesus vivia, falando pelos campos, pelos casais e nas sinagogas: ali devia ser escutado: não tinha sábios da lei para o contradizer e para o injuriar, e podia-se penetrar do encanto de dizer a verdade aos simples!

O que João me contava da doce vida do lago de Tiberíade, enchia-me duma afeição inefável pelo doce mestre. Eu conheço bem o lago de Tiberíade, todo o país de Genezareth: muitas alvoradas andei pelas suas aldeias e pelos caminhos das suas vilas! Ai! Magdala, Chorazin, Betsaida, margens do lago, lugares que eu choro, hoje velho, seco, pálido de saudades pela força do meu peito e pela altura da minha esperança! Ó arvoredos sonoros de Genezareth, todos cortados de água, onde os meus pés faziam erguer as rolas! Ó caminho estreito do rochedo, cheio de musgos! Ó rio salgado, que nasces ao pé do lago e logo cais, e que eu tantas vezes comparei ao meu ser fugitivo! Ó margem do lago, cheia de tamarindos, onde a água, tão azul como os olhos das mulheres

de Tiro, vem terminar sem ondas, sem aflições, nas ervas verde-negras! Ó Galileia, se as ideias moças que trago mortas dentro do meu peito, as pudesse sepultar fora de mim, escolheria a tua relva, ó terra de Neftali!

Jesus e os seus amigos viviam ao pé do lago, da vida de pescadores; aquele clima é tão doce, tão afável, que o homem pouco pensa no seu corpo: assim, de dia pescavam, de noite dormiam na areia, sob as estrelas, ao rumor da água. Jesus pescava, ou falava numa barca, no sossegado embalar da água, aos seus companheiros de rede: assentava-se às vezes sobre as colinas, que são duma viva liberdade de ar e de luz, e cercado dos simples pescadores, de mulheres, de crianças, pregava-se a si, ensinava o seu coração, falava das esperanças do reino de Deus. Ele amava tudo o que era delicado, as mulheres, as crianças, os lírios, as aves: a sua palavra era, assim, tão suave como os olhos das crianças, tão pacífica como o caminhar dos regatos: ele pedia apenas que o amassem, e não tinha razões inflamadas de profeta. Ele era o centro de todo o amor na verde Galileia: dava a esperança às almas: dizia a vinda do Senhor, o fim das lágrimas, as glórias do pobre.

— O céu é dos simples — dizia ele. — Os que choram serão consolados; os miseráveis possuirão a terra. Tendes fome e sede de justiça Vinde a mim: sereis saciados. Sede pacíficos, sede puros. Se vos perseguirem no reino da terra, abrir-se-vos-á o reino do Céu. Segui-me, segui-me!...

E seguiam-no; abandonavam os campos, as hortas, os barcos, os casais: as crianças ama-

vam-no: as mulheres iam presas da luz imortal dos seus olhos. Todos queriam errar com ele pelo país de Genezareth, comendo os frutos casuais dos pomares, bebendo como as reses no fio dos regatos.

Ele explicava Deus de um modo novo: ninguém o conhecia melhor: ele era a consciência viva de Deus. O seu Deus não era Jeová, amigo de Israel, inimigo dos homens: não era o ser solitário, tenebroso, irritável: o seu Deus era o pai, o consolador, o purificador, o eternamente sereno, o eternamente justo.

O Mestre pregava a fraternidade entre os homens, o perdão, a caridade, a humildade, a grandeza, a poderosa virtude do sacrifício.

— Se vos ferirem, oferecei-vos; se vos odiarem, amai; se vos perseguirem, orai! Que mérito há em amar os que nos amam?

Uma coisa que singularmente me tocava no ensino que João me repetia, era a condenação dos usos do templo, dos zelos devotos dos fariseus: com efeito para que são tantas purificações, tantos cilícios, tantos usos de piedade? Para que hão-de os fariseus trazer nas suas túnicas as tiras de papiro, que são o sinal da devoção, e para que dão a esmola, de pé, nas escadarias do templo, gritando, e elevando a moeda?

— Quando tu deres a esmola — dizia o Mestre de Nazaré — que a tua mão esquerda não saiba o que faz a direita.

E esta palavra enchia-me o coração. E alegrava-me o saber que ele não era como os mais profetas, não se retirava para o deserto, não se emagrecia em jejuns, não rasgava os seus vesti-

dos, não se feria nas rochas agudas: vivia como um simples e como um pobre, e se procurara às vezes os lugares retirados, e amava as montanhas, é que aí estava mais na fraternidade dos seus, e no coração de Deus.

João falava-me das mulheres que o seguiam, e eram Joana, mulher de Khouza, Salomé, Maria de Cleófas e Maria de Magdala, que eu conhecia do Acra, em Jerusalém. Maria de Magdala, aí e em Tiberíade, tinha tido uma vida apaixonada e impura: uma exaltação inexplicável era a essência daquele ser; tinha espasmos, contracções, entusiasmos perturbados: julgava acalmar a impetuosidade da sua natureza febril pelo amor dos homens; ligava-se com os doutores notáveis de então, penetrava em discussões e explicações da lei, depois andava cercada de fariseus e envolta em devoções; mas tinha o amor dos estofos, e todos os dias chorava. Era uma alma inquieta que buscava alguma coisa: tudo o que fazia era com paixão: a cultura das plantas raras, a criação das moreias em reservatórios, a composição de aromáticos, o estudo das ervas, tudo tratava, ardente e enfastiada. Doente, pobre, foi para Magdala. Aí viu Jesus, pregando. Seguiu-o. Adorava a doutrina do Mestre, e amava a sua figura delicada e bela. Tinha, porém, fortes impaciências, erguia discórdias com os discípulos, retirava-se para o deserto. Mas voltava, porque a sua dedicação suave pelo Mestre era maior, e domava a sua tenebrosa e confusa natureza.

Gostava de derramar perfumes no corpo de Jesus, e de lhe coser à túnica franjas de Tiro.

Jesus de resto, aceitava na sua companhia as mulheres transviadas, os publicanos, todos os pecadores.

Tal era Jesus, segundo João. Eu estava cheio de admiração. Demais (dizia eu) aquele homem que eu vi no templo, com as indignações de Isaías, é, pois, suave como o céu de Galileia!? Realmente, uma raça tão humana, tão simples, tão abundante, tão pacífica, poderia dar um profeta tão irritado?

— O Mestre é a própria doçura — dizia-me João.

Donde vinha então aquela cólera, aquele gesto de Messias vingador?

— Desde quando é ele assim? — perguntava eu a João.

— Dizes bem. O Rabi mudou desde que chegou a Jerusalém.

IV

Era já manhã e ainda João me contava estas coisas pacíficas, enquanto eu seguia para o templo. Ia perturbado, sem centro moral. Ora me vinham desejos de ir à Galileia seguir os passos de Jesus de Nazaré, ora o meu velho orgulho estreito de homem do templo me suscitava hostilidades ou desdéns.

O templo abria-se, chegavam os fariseus, os devotos; os doutores aproximavam-se nos seus burros, os sacerdotes nas suas liteiras; encruzavam-se nas suas esteiras os mercadores; tirava-se

a água das piscinas, acendiam-se os purificadores, desdobravam-se os velários; os pregões anunciavam os debates civis, as vendas dos campos; começavam a instalar-se as escolas rabínicas; o ouro tinia nas bancas dos cambiadores; havia risadas; ouvia-se o balar das reses.

Quando eu estava vigiando os serviços, veio a mim, todo alegre, um velho camarada do templo, Josué, que andava há muito pelas vilas de Galileia para a organização dos soforins nas sinagogas. Era homem conhecedor das tradições e cheio de experiência da vida sacerdotal. Perguntei-lhe se conhecia da sua peregrinação Jesus de Nazaré, filho de Maria de Caná, e os seus companheiros. Ele era douto, sincero, atento; devia saber explicar-me, melhor do que o simples, o exaltado João, a essência do Rabi da Galileia.

Disse-me, com efeito, que vira Jesus na sinagoga de Chorazin; que conhecia a sua vida e a sua doutrina, e que era um homem destinado, mais tarde ou mais cedo, a ser lapidado às portas de Betel; que pregava toda a sorte de impiedades; que combatia a lei, a tradição e os textos; que falava contràriamente à velha sabedoria judaica, sendo ignorante e moço; que não respeitava nem os ricos, nem os sacerdotes, nem os fariseus; que queria distribuir as riquezas pelos pobres; que vivia em companhia de mendigos e de mulheres perversas; que dormia ao acaso pelos hortos; que não tinha casa nem campo; que se associava com o publicano e até com o pagão; que não fazia as abluções, nem sacrificava; e que era um vagabundo dos montes da Galileia, sem autoridade entre os doutos e entre os ricos.

Eu ouvia calado, estas palavras, que eram todo o espírito dos fariseus e dos doutores. E, quando saí do templo, corri ao átrio de Hanão.

Jesus de Nazaré era-me já simpático e íntimo, pelo sentimento e pela razão. Mas o que era aquele homem? Era um simples visionário? Era um contemplador, cheio de melancolia que dão as espessuras de Galileia, e tomado dum desdém divino? Era um espírito cheio de sabedoria? Era um continuador de Judas Galanite? Vinha ele pregar contra o imposto e contra o dízimo? Era ele hostil a César, e cheio de tradição dos Macabeus? Era um simples? Era um crente? Era um especulador frio das esperanças messiânicas? Vinha ele atacar o espírito do templo?

Encontrei João, conversando no átrio lajeado com um homem da milícia sacerdotal. Chamei-o para uma longa galeria escura, vagamente estrelada de lâmpadas.

— João — disse eu — diz o que vem fazer a Jerusalém o sábio de Nazaré?

João olhou-me:

— Vem à festa da Páscoa — disse ele, lento.

— João — insisti — pelo Messias, e pela liberdade do Baptista, prisioneiro de Antipas, diz-me a que vem Jesus, a Jerusalém e ao templo?

— Pregar — disse João.

Compreendi, ràpidamente, todos os resultados daquela luta original.

— Vai! — lhe disse eu exaltado — diz-lhe que parta, que volte para o lago de Tiberíade! Que viva nas suas montanhas, com o seu Deus, com os que o amam, sossegado, no repouso dos campos. Que vá, que evite as portas de Jerusalém! Diz-

-lhe que não venha nunca encostar-se como profeta à coluna do templo! Que volte para a Galileia, que se lembre das pedras que estão à Porta Esterquilinária e que são para lapidar os profetas!

João tinha o espanto nos olhos, na voz.

— Eliziel! Eliziel!

— Que volte, para a Galileia!

E subi ràpidamente pela escadaria de granito verde, que levava aos interiores de Hanão.

O velho sacerdote, debilitado, caduco, dobrado, comia deitado sobre largas peles, arroz e mel. Ao pé, uma escrava síria, de Damasco, cantava. Jesus Bar-Abbás, defronte, fazia momices.

V

No outro dia, casualmente, tive ordem de Caifás para ir à Galileia, em serviço das sinagogas: a concentração dos sacerdotes rituais em Jerusalém, obriga assim os oficiais do templo a sucessivas peregrinações; porque as sinagogas estão dominadas pelos escribas e pelos soforins, e, por isso, agitadas em perpétuas intrigas.

Mas esta viagem agradava-me, porque me levava a Betsaida, a Chorazin, a todo o país que fora até aí o centro amado de Jesus.

Em toda a região do lago achei muitos espíritos, ou mais simples, ou mais lúcidos, ou mais amantes, singularmente ocupados na simpatia e na razão pela pessoa, pela doutrina do Rabi de Nazaré.

Falavam-me longamente da sua doutrina nas sinagogas, das suas palavras nas colinas: e a figura moral de Jesus acentuava-se, definia-se progressivamente no meu espírito.

Diziam-me que a voz do Mestre era doce, untuosa, que só o seu som cativante fazia esquecer as mulheres da roca, os homens da agulha da rede: falava devagar; entre silêncios, as altas verdades, as palavras profundas apareciam de repente, como uma centelha sai de um diamante, tocado de uma luz inesperada. Contava parábolas, histórias; repetia com paciência, sorrindo: uns estavam deitados, preguiçosos, atentos, outros remendavam as velas, alguns sentados aos seus pés olhavam pasmados a água. Ele falava, sossegado, ou afagava uma criança, ou, contando as parábolas, consertava a sua rede.

Vivia como um simples, junto da vida, sem ter as curiosidades da vida. Tinha um desdém elevado pelas coisas exteriores.

— Não vos inquieteis pelo alimento, ou pelo vestuário — dizia ele. — Olhai as aves do céu: não semeiam, nem ceifam, e o pai dos céus é quem as alimenta; e não sois vós mais que as aves que esvoaçam nos campos?

— Para que haveis de cuidar dos vossos vestidos? Vede os lírios: não trabalham, nem fiam: pois eu vos digo que Salomão, em toda a sua glória, não estava vestido como nenhum deles na sua simples candura. E o que Deus faz pelas ervas dos campos que florescem hoje, amanhã secam, não o fará por vós, homens de pouca fé?!

Por isso, os discípulos seguiam-no assim, enlevados naquelas ambições ideais, sem roupas, sem

provisões, sem dinheiro. Naquele pensamento, o dinheiro era considerado como um fardo, um inimigo, um traidor, que assim como se toma da ferrugem, dá à alma a esterilidade.

— Vendei o que possuís — dizia ele — dai o dinheiro em esmolas!

Realmente de que servem na Galileia as riquezas?

Ali só há a verde natureza: o dinheiro não dá mais infinito ao azul, mais repouso à água; o pobre, o mendigo, é o rei misterioso daquela glória da folhagem e da luz: para ele se vestem as açucenas de branco, para ele resplandecem os regatos.

Jesus glorificava o pobre: naquele evangelho da Galileia, o rico é considerado o inimigo, o pagão, o cruel, o inquieto: ele tem os largos vestidos fáceis, macios; ele come sobre leitos cobertos de peles; ele enterra os braços nus nas moedas do cofre: o pobre come escassamente as ervas mal cozidas dos hortos; remenda, à candeia, a sua túnica; traz apertada à cintura, tendo sobre ela uma pedra, a moeda de cobre que é a sua fortuna. Bem: Deus tomará conta do vestuário do pobre, e da brancura do lírio; ele velará para que ao homem não falte o pão e à rola o grão; ele fará no Céu, ao pobre, um saco, um tesouro de boas obras, de glória, sem temor da ferrugem e dos ladrões.

O rico irá para a Geena, para o fogo inextinguível: um cuidado o emagreceu na vida, uma chama o consumirá na existência extra-humana. O pobre estará junto de Deus, e a sua face será imortal e altiva.

— Porque, em verdade, vos digo — ensinava o Mestre — que é mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.

Assim falava ele à beira do lago, e, desprendendo os homens dos fatais cuidados do mundo, era o criador da paz e o consolador da vida. Os tédios da existência ordinária, a discórdia dos interesses, as humilhações da vaidade, as invejas, as avarezas, a melancolia da miséria, a apatia da necessidade, as aflições da obscuridade, as desconsolações da doença, todos estes antigos demónios desapareciam e a velha cabeça humana, obscura, cativa, pesada, podia enfim sentir, esperar, repousar encostada ao mais profundo seio humano, que o pão da terra tem alimentado.

A alma tinha enfim um lugar, o *seu* lugar, o seu espaço, que era o *reino de Deus*. O reino de Deus era o reino das crianças, dos simples, dos deserdados da vida, dos que sofrem, e até do samaritano, e até do pagão e do publicano, e até do que habita Sídon. Ah! Vós não quereis esperar nas minhas palavras, amar no meu peito, vós, os fariseus, os saduceus, os escribas, os ricos, os sacerdotes, os príncipes! vinde vós, pois, os humildes, os repelidos, os lapidados, os enfermos, os culpados, todos os que eles repelem, todos os que eles amaldiçoam! Desgraçados de vós, ó ricos, que estais saciados, porque tereis fome! Desgraçados de vós que rides, porque vos desfareis em lágrimas!

Boas palavras que eu amo, eu, que conheço as ricas existências sacerdotais! Os nossos profetas já tinham, contra o rico ímpio e duro, cóleras ter-

ríveis em vingança do pobre, que é doce e piedoso. Ora o Rabi feria assim violentamente todo o judaísmo sacerdotal do templo, porque fazia, dos que ele despreza e domina, os preferidos, os bem-amados, os amigos de Deus! Que significa, na verdade, que o fariseu não queira comer com o samaritano e com o pobre recebedor do imposto? Que quer dizer que os levitas vão lavar à piscina os seus vestidos, se à entrada do santuário tocaram num mendigo ou num publicano?

Mas Jesus, na imortal ascensão a que obrigava as almas para o ideal divino, já não sòmente chamava a si o deserdado, mas chamava o culpado.

— O culpado é infeliz — dizia: — merece, por isso, mais que o justo, o calor do meu seio. O filho pródigo merece mais amor do que o filho cuidadoso, porque é triste na sua alma, e todo em lágrimas.

— Havia uma mulher aqui — dizia-me o homem bom de Chorazin, que me explicava estas coisas imortais — que era repelida, mal vista, amaldiçoada; as mães honestas não a queriam ver: só os escribas da sinagoga se aproximavam dela, mas de noite, sob as figueiras do cemitério, porque de dia, se a viam, tapavam a cara com a túnica, e resmungavam maldições. Esta mulher ouviu Jesus, sentiu-se inesperadamente perdoada, viu-se solta da fatalidade por aquela palavra piedosa, e pela fé purificou-se. É Maria de Cleófas. Segue Jesus, serve-o: quanto mais se humilha, mais o ama, e quanto mais se sente amante, mais se sente perdoada.

Os pobres galileus, que nunca tinham ouvido uma tão doce e elevada palavra, julgavam-se já

no Paraíso imortal. Ele ia seguido dos seus, confundido com todas as alegrias, aparecendo nas bodas e nas noites de noivados, misturando-se às danças, com a sua lâmpada na mão; caminhava pelos campos a pé, dizendo as boas palavras, ou montado num pequeno burro, que os discípulos cobriam com as túnicas; às vezes ajudava a ceifar, ou, assentando-se ao pé da fonte, falava às mulheres, escutava os cantares; entrava nos casais, nos hortos; as crianças vinham, vinham as mulheres: — «Rabi, Rabi, diz-nos a boa-nova: és tu o Messias?» — Limpavam-lhe os pés, iam buscar os melhores frutos, os vinhos dourados, os legumes que nadam em azeite; as mães mostravam-lhe os filhos de peito que, com as suas pequeninas mãos vermelhas e gordas, lhe puxavam as barbas: ele ria, agasalhava-os; quando ele passava atiravam-lhe ramagens, desejavam-lhe o bom caminho. Os doentes vinham tocar as suas mãos, as viúvas limpavam as suas lágrimas: ele falava de Deus, endireitava as canas de milho caídas no caminho. Vinham das aldeias e diziam-lhe:

— Mestre, tu és bom.

— Bom só é Deus — dizia ele, sorrindo.

— Mestre, que havemos de fazer para entrar no Paraíso?

— Amai os outros, dai aos pobres, segui-me.

E seguiam-no todos, enlevados naquele sonho ideal, o mais belo, o mais doce, o mais acima da terra que até hoje tem feito o homem.

Então o céu amigo e compassivo tocou na lacrimosa terra; então, pela primeira vez, o olhar do pobre foi seguro e confiado; pela primeira vez o estreito sorriso do velho conteve a esperança!

VI

MAL sei dizer o que o meu pobre espírito, educado na antiga lição do cativeiro, sentia ao suave calor humano e feliz daquelas palavras.

Voltei a Jerusalém: passei sobre o Tabor, donde se vê a larga planície de Esdrelon, amada dos heróis, o branco Hermon, Endor, e as montanhas de Galaad; descansei em Djenea, a cidade dos Levitas, toda escondida entre oliveiras e palmeiras depois em Detem, onde José foi vendido por seus irmãos; depois na velha Betúlia, pátria da forte Judite: vi Shomeron, que foi uma das mais belas cidades de Israel, hoje caída, coberta com muralhas e bastiões de Herodes: Siquém, junto da qual Abraão ergueu a sua tenda, debaixo dos carvalhos de Moriah: Siloeh, onde se fez a partilha do território entre as tribos, e onde pousou pela primeira vez o tabernáculo, depois da conquista de Canaã.

Depois desviei-me para os lados de Jericó, que estava então cheio de seivas e de rosas: junto ao Jordão andavam ainda alguns discípulos de João, cheios de saudade e de desejo: atravessei as lúgubres colinas de Judá, asilo de profetas, túmulo dos heróis: uma madrugada entrei, só, em Jerusalém.

Nesse dia logo, subi ao templo. Junto dos pórticos exteriores, onde trabalhavam ainda cinzeladores de Cesareia, pedreiros de Samaria, vi, entre homens da Galileia, a alta figura de Jesus de Na-

zaré. Estavam parados, esperando: um homem de Karioth, chamado Judas, curvado diante dum cambiador de moeda, trocava dracmas, atento. Parei, comovido, a olhar profundamente o Rabi. Ele estava triste: os braços caídos, sem vontade, sem gesto; a cabeça desanimada. Tinha, nas feições finas, delicadas, pessoais, uma abstracção, uma transcendente serenidade. Os olhos cheios de infinito, que pareciam olhar dum lugar inacessível, a testa larga, expressiva como a imobilidade dum céu, assemelhavam-se, superficialmente, como o corpo se assemelha à sombra — aos olhos, à testa de Hillel, de Jesus de Sirac e dum outro, que era como eles dado às contemplações, à abstracção, ao ideal. A boca tinha uma forma tão pura, tão leve, uma mobilidade tão penetrada de graça, que parecia que dela só deviam soltar-se ironias aladas: mas o forte contorno dos lábios, a sua linha que era como um arco em descanso, tinham uma gravidade, uma beleza austera, que denunciavam a origem das palavras elevadas, e faziam sentir o profeta. Parecia-me ver-lhe, na parte inferior do rosto, uma firmeza, uma expressão de energia, que o tornavam um pouco semelhante a Judas Galannite, o poderoso agitador, em quem a acção era como um sangue vivo. De resto, um ar simples.

Ele olhava os trabalhos dos pórticos, com um desdém sereno. Nos galileus sentia-se o constrangimento, o isolamento.

Entrei no santuário: nas câmaras dos serviços, dois escribas argumentavam junto da arca do tesouro, com exclamações abundantes. Interroguei-os; disseram-me que o Rabi de Galileia

muitas vezes pregara no templo; que curara alguns doentes dos que se lamentam nas galerias da piscina probática; que argumentara com os escribas, e que, em casa de Hanão, na sala do banho, Gamaliel dissera do Rabi:

— Ele é bom e justo; mas não diz coisas novas.

Argumentava-se muito sobre aquela palavra contida e desdenhosa do sábio Gamaliel, entre os privados de Hanão.

— Mas Gamaliel—dizia soberbamente o escriba — é um homem alheio a nós; entretém relações com essa gente da escola de Alexandria; viaja demoradamente em Siquém onde estão os heréticos, e em Cesareia onde estão os romanos, e dá-se à cultura helénica, desprezando a lei.

— Homem — disse eu — em que despreza Gamaliel a lei, estudando e sabendo as letras gregas?

O escriba riu finamente, como em triunfo:

— Pois não diz o texto: — e a sua voz era compassada e enfática — «Estudarás a lei de noite e de dia, e se assim não fizeres desagradarás ao Eterno?» Ora — e traçava amplamente a capa, tossindo, vitorioso — ora Gamaliel só não desagradará ao Eterno, se estudar a sabedoria grega num tempo, que não seja nem a noite nem o dia.

O outro escriba, que era Eliel, de Efraim, aprovou ruidosamente, batendo no peito. E sob a sombra pesada do velário saudaram-se, risonhos.

Saí das câmaras levíticas, à hora sétima, quando há nos terraços do templo uma vida poderosa. Uns argumentavam, ou estudavam a lei, com

as folhas de metal diante de si, em movimentos rítmicos; outros vinham comprar ofertas de pombas e cordeiros: alguns consultavam sobre questões agrárias; muitos vinham trocar moedas; os serventes do templo passavam com as reses a levá-las às piscinas; tocavam as trompas que anunciavam a hora dos sacrifícios; os doentes cantavam os salmos; as mulheres levíticas lavavam as vestes brancas nos tanques exteriores, espertavam as fogueiras purificadoras, ou giravam em volta das primeiras colunas, batendo em discos de metal.

Eu entrei na galeria de Salomão, toda sonora de vozes. Jesus, cercado de galileus, tinha ensinado. Alguns gritavam: «Hosana, ao filho de David!» porque os pobres, os doentes e as crianças, vendo que ele era entre os homens o melhor, o mais terno, o mais consolador, chamavam-lhe o filho de David; os escribas riam, bocejavam desdenhosos. Alguns fariseus, tomados de exaltação, queriam a convocação do sanedrim. Um velho herodiano, com gestos desolados, lamentava a decadência da escola profética de Israel.

— É um ignorante — diziam, com desprezo, vastos doutores.

Ásperos, zelosos, com a cabeça envolvida na ponta do manto, as barbas eriçadas, insultavam-no. O povo, com o ruído dum arvoredo, falava do Mestre: alguns velhos diziam: — Sim, sim, irmãos, este é um profeta!

— É o Cristo! É o Messias! — clamavam grandes vozes.

Muitos iam, correndo, prostrar-se diante da porta da Arca, bradando:

— Graças, Senhor, o Messias chegou!

Os sacerdotes interrogavam, inquietos. Os homens espalhavam-se pelo templo, gritando:

— É o Messias, é o profeta da Galileia!

Os escribas andavam entre a multidão, explicando, convencendo:

— Que dizeis? Vós não conheceis a lei!

— A lei diz que o Messias virá, e que Elias ressuscitará!

— Calai-vos! — bradavam os escribas. — Sois também galileu? Não sabeis que a escritura diz que o Messias há-de ser da geração de David? E não sabeis vós que este é o filho do carpinteiro José, e duma mulher da aldeia de Caná? Não vo-lo têm dito todos os que vêm de Nazaré?

— É verdade, é verdade — diziam alguns.

— E não sabeis — continuavam — que os textos dizem que o Messias nascerá em Betlém, e onde nasceu este? Em Nazaré, bem o sabeis.

Uma voz, receosa mas irritada, disse:

— Pois ele nasceu em Betlém!

— Em Nazaré! — bradaram alguns escribas.

— Sim, sim, em Nazaré — disse a gente.

— É, pois, o Cristo?! Ide, homens amaldiçoados, que andais afastados da escritura!...

Os do povo calavam-se, mas desciam ràpidamente as largas escadarias areadas, porque se dizia que Jesus estava curando e ensinando no Tyrepeon.

VII

Fui apressado ao Tyrepeon: Jesus tinha saído a porta dos Rebanhos, atravessado o Cédron, subido a Betânia.

Quando eu voltava para Bezeta, veio a mim um homem muito conhecido em Jerusalém, que era Jesus Bar-Abbás. Era uma figura descarnada, torta, arqueada, cheia de cicatrizes, imunda, rindo sempre, em farrapos. Era uma espécie de truão de Jerusalém. Tinha gracejos, farsas, deslocações: espancavam-no, ele ria, estendia uma ponta da túnica para aparar os dracmas. Encontrava-se com a sua lâmpada em todos os noivados, gritando em todos os enterros, com uma pedra em todas as sedições, em todos os suplícios com uma cântara de *posca,* para vender aos soldados. Tinha todos os desastres da miséria, do vício, e era servil. Os soldados expedicionários espancavam-no, às vezes prendiam-no, mas o povo cobria-o com uma protecção avara. Era casado. Tinha uma voz vibrante, forte para cantar os salmos e imitava os profetas, pregando. Cheirava miseràvelmente a alho.

Jesus Bar-Abbás pediu-me um dracma, e disse-me que nessa noite Simeon, um rico do sanedrim, tinha uma ceia para os oficiais do templo e sacerdotes, fora das muralhas, em Betfagé.

Simeon amava as festas, tinha vivido em Roma, era soberbo; contava com o orgulho que fora amigo do gladiador Esterius.

Bar-Abbás fazia rir Simeon: comia com os seus servos, dormia nos seus átrios.

Nessa noite fui a casa de Hanão. Nos pátios, João aquecia-se ao lume, junto da velha de Cafarnaum.

Caifás e Gamaliel estavam com Hanão. Gamaliel dizia versos gregos: Hanão, repousado, com os olhos cerrados, grave, escutava; Caifás, aquilino, duro, áspero, tinha uma atitude desdenhosa. Dois escribas, encruzados no chão, comiam.

Quando o serão ia remoto, repentinamente Caifás mandou-me a casa de Simeon. O sanedrim devia reunir-se ao outro dia pela hora oitava: tinha havido exigências do legado imperial sobre os vasos do templo.

Um escravo negro de Hanão seguia-me com uma lanterna; a noite era negra, quente, mole: ouviam-se apenas uivar os cães.

Em Betfagé, os servos de Simeon conduziram-me ao pomar onde era a ceia, sobre um velário feito à moda grega, suspenso às ramagens dos cedros. O chão estava coberto de areia vermelha, luzidia. Largas lâmpadas resplandeciam. Flores de Damasco, rosas de Jericó, jasmins de Chorazin, e as plantas fortes de Galaad, pendentes dos vasos negros de Perea como serpentes verdes, penetravam o ar da mole vitalidade que dão os aromas. No chão estavam ânforas, grossos cântaros envoltos em palha, jarros cinzelados. Os escravos frígios, com os longos cabelos reluzentes de óleo, giravam apressados.

Havia ali membros do sanedrim, escribas, sacerdotes, herodianos, saduceus, fariseus. Todos eram zelosos devotos, amplos em sacrifícios;

alguns costumavam cobrir-se de cinza. Estavam todos deitados em estrados, cobertos com lãs de Babilónia. Alguns eram gordos, fortes, vermelhos. Quase todos tinham a fisionomia áspera, adunca, eriçada de barbas. Reluziam cabeças calvas.

O vinho dourado, o vinho de Safed, um falerno de Cesareia, dava uma ampla respiração aos peitos, uma feliz cintilação aos agudos olhos negros. Havia largas risadas. Fariseus austeros, que se ferem nas pedras dos caminhos, curvados sobre os discos de aço brunido, devoravam com um ruído devoto. Outros tinham olhares ansiosos, e desapercebidamente, esvaziavam as largas taças de bronze. Alguns, decrépitos, desdentados, tinham sobre a barba fios de molho. Velhas mãos trémulas e lívidas levantavam as ânforas.

Alguns, estendidos sobre leitos como animais que ruminam, tinham as túnicas soltas, os braços nus. Cabeças enérgicas, duras, mostravam uma expressão irritada, fixa, vazia; os velhos tinham largos risos cínicos. Uns dormiam, outros cantavam. Um velho curvado, frouxo, rouco, lembrava as mulheres e os fariseus. Entre esta multidão sacerdotal havia um romano. Era Publius Sextus, lugar-tenente do legado imperial; falava com palavras abundantes, largos gestos. Era pálido, com uma pequena cabeça enérgica e voluntária; era devasso, servil, falso, luxuoso, e vinha de Cáprea. Era ali escutado como um profeta na antiga Israel; falava da via Ápia, das festas de Roma.

Eu escutava, encostado a uma árvore, na escuridão, concentrado e triste:

— Só em Roma se vive — dizia ele. — Isto é pior que o bairro das Esquílias. Não é por vós,

Simeon, que tendes a escola do vosso amigo Ventidius, homem que sabe comer; mas, na verdade, que nos recebem aqui como Evandro recebeu Hércules, com farinha cozida e uma esteira espartana!

— Mas vós outros, os romanos, sois glutões e amigos do vinho! — disse Nathaul, um escriba, homem invejoso, com lábios carnais.

Mas Publius falava duma ceia em casa de Ático, antes de vir a óstia embarcar com o legado da Síria.

— Quereis saber? — perguntava.

— Dizei, dizei — gritavam curiosamente pela mesa.

O chão era de mosaicos gregos. Entre as colunas havia largos panos tecidos de aço, pesados à moda de Cartago. Um vapor de água tépida penetrava os músculos, enlanguescia. Tínhamos esfregado os braços, o peito, com pedaços de pele de tigre humedecida de óleo. Os membros estavam ágeis, fáceis para as danças, para as escravas! Do tecto caíam folhas de rosas húmidas!

Todos tinham olhos cintilantes; estendiam-se para escutar; alguns estavam de pé, junto de Publius.

— O trinchador — dizia ele — o trinchador, meus amigos, era o próprio Tripherius! Tínhamos lebre, gazela, faisão de Lichtia, cabras da Getúlia, javalis, cordeiros de Tibur, que nunca tinham comido erva, e tartarugas delicadamente preparadas em molhos da Campânia, na própria concha, polida, transparente! Moreias do lago Lustrino, lagostas nadando no azeite de Venafre! As taças eram de âmbar. Que dizeis vós?

Os austeros doutores, os graves herodianos, os fariseus, cevados, oleosos, com os beiços luzidios de molhos, a boca riscada de vinho, tinham um olhar ávido, guloso, ímpio, para as palavras de Publius.

Bar-Abbás, entre os escravos, tinha os olhos humedecidos pelo desejo. Todos admiravam.

O romano dizia o fim da ceia e as gaditanas que entravam, envoltas em tecidos diáfanos, correndo em coreias, em volta dos triclínios, e aspergiam a cabeça dos saciados, com lilases molhados em falerno! — E falava das mulheres romanas do bairro de Suburra; e com uma voz branda, curvando-se:

— Que estas mulheres sírias — dizia — têm uns olhos escuros, que valem centenares de sestércios!

Os outros riam. Falavam baixo, jovialmente, contavam, lembravam, desejavam.

— Estas mulheres são castas e cuidadosas, as romanas são devassas, e tudo ali terminará, como em Sodoma e Nínive!

Quem assim falava era um fariseu, Essen, homem magro, lívido, cavado de jejuns, com uns olhos tenebrosos, cheio de barba. Não comia, e parecia constrangido, isolado. Tinha vindo para amaldiçoar, para lembrar a morte e o terror de Jeová!

— Devassas, dignas do fogo — para vós, devotos e zelosos! Mas belezas impecáveis, imortais, para quem pode desapertar a rede de ouro, em que elas prendem o seio! São os seus costumes que as tornam desejadas, que as fazem mais apetitosas que todas as farinhas molhadas em leite que elas põem na face, e que todos os unguentos de Poppea.

Publius falava, inflamado, descomposto: tinha gestos lascivos; bradava os nomes das damas romanas:

— Vede Laupella, uma patrícia! E Medulina! E Hillia, que se namorou do actor Urbius, e Hippra que fugiu com o gladiador Sérgio, e Hipulla, que em plenos jogos megalésios, diante do povo romano e das legiões, cuspiu na estátua do Pudor!

Uma larga risada sacudia os peitos. Bradavam:

— Contai, contai!

Enchiam as ânforas; arrepelavam os escravos. De bruços, sobre a mesa, com a cabeça apoiada nos braços, esperavam voltados para Publius, com olhos perturbados. Os velhos abriam largamente uma boca escura, sem dentes. Os olhos reluziam. Havia gritos. Um escriba da arca do tesouro gaguejava uma cantiga siciliana, com voz áspera, arrastada. O círculo de cabeças ávidas, duras, curiosas, destacava violentamente no escuro. Publius exclamava, com palavras tumultuosas: tinha a túnica clara manchada de vinho; tinha os braços nus, brancos, femininos: e com largos gestos:

— E Túcia! E Túcia! — gritava. — Eu vi-a um dia no teatro, quando o actor Bactylo fazia com toda a sorte de lascívias o papel de Leda, torcer-se no seu lugar, arrancar a rede dos seus seios, e com os olhos mortalmente lânguidos chamar a altas vozes: — Bactylo, Bactylo, vem!

Largas risadas. Alguns gritavam, imitando o romano: — Bactylo, Bactylo!

Os velhos torciam-se nos seus triclínios, tomados de riso, de escândalo. Alguns escribas grita-

vam: — *Viva Roma!* Os fariseus tinham olhos terríveis, uma atenção ávida. Um cortava violentamente o pau do estrado, mordendo os lábios!

Publius pedia falerno, folhas de louro, insultava a indolência dos escravos, queria lançar fogo ao velário e dizia:

— Quem conhece Cessénia? Ninguém conhece Cessénia? Cessénia tinha de dote seis milhões de sestércios. Casou com Sertório, o pobre, com a condição de poder escrever diante do marido os bilhetes aos amantes, e poder ir deitar-se uma vez cada mês, para quem entrar, no leito alugado de um lupanar de Suburra!

Os escribas riam, esvaziavam as taças, desafogavam o pescoço das túnicas pesadas, lançavam para longe as folhas de metal presas à cintura, onde está escrita a lei. Um, ébrio, com os olhos riscados de sangue, pedia o culto de Baal.

Alguns sacerdotes tinham adormecido sobre os triclínios, curvados, enroscados, imóveis. Os fariseus torciam os braços, falavam de Tiro.

Publius clamava:

— Pois que há de melhor que ver uma patrícia, de longo penteado e saia curta, depois de estar cheia de ostras e lagostas irritantes, beber dum trago numa enorme taça o falerno consular, e vir, resvalando sobre o mosaico húmido de vinho, cair sobre o nosso peito, gritando em grego: *minha alma, minha vida, ai!*

E Publius arqueava lascivamente os braços, deixando pender a cabeça, a garganta túmida de suspiros, arquejando!

Os escribas, os fariseus estavam cheios de delírio e de vinho. Riam animalmente. Soltavam gran-

des gritos. Alguns rolavam-se no chão: mordiam as almofadas dos triclínios. Derramavam o vinho sobre os vestidos, abraçavam os escravos, quebravam as taças exaltados. Um jogava a luta com uma árvore, depois envolvia-a, beijava-a. Cantavam em grande voz os cantos do tempo de Salomão, dando-lhe expressões lascivas. Feriam a cabeça contra os grandes jarros cinzelados. Corriam, inflamados, como num mistério sagrado. Alguns gabavam-se de devassidões ocultas. Falavam de dinheiro, de banquetes, de mulheres, de prostituições sagradas no fundo dos bosques!

Publius gritava:

— Não sabeis, fariseus, não sabeis a aventura de Lentullus?

— Não, não!—bradavam alguns penetrados da alegria, do escândalo, de curiosidades inflamadas.

— Lentullus casa com uma virgem patrícia, neta de cônsules: nove meses depois prepara, segundo o costume, para o filho que vai nascer, o berço de tartaruga, coberto de estofos e de ramos de loureiro, e expõe-no às boas palavras dos que passam. Mas toda a nobreza da via Ápia rompe em risadas. O filho de Lentullus era a imagem viva do bufão Eurílo, e tinha, como ele, três verrugas no queixo.

A risada fazia o ar sonoro. Publius, de pé, manchado, com a túnica rota, descomposto, gritava:

— Ouvi, ouvi!

Escutavam com um riso inquieto.

E Publius enfático:

— Os actores — dizia — os gladiadores, os bufões, os tocadores de flauta, os truões, são os

pais de todas as crianças que nascem na nobreza romana!

Um velho fariseu, elevando sacerdotalmente uma ânfora, gritou com uma voz terrível:

— Vivam os truões!

A multidão sacerdotal bradava, uivava, cantava, rojava-se pelo chão. Era bestial e imundo.

Bar-Abbás, espancado, cambaleava, blasfemando, jovial.

O vinho começava a domá-los: alguns escorregavam, caíam, agitavam-se como agonizantes, e perdiam os espíritos num sono petrificado. Outros penetravam na espessura do pomar, buscando as frescuras da erva e da água. Uns falavam como num delírio grotesco. Dois escribas argumentavam, frenéticos, hostis. Um forte e vasto fariseu, de bruços sobre a mesa, o olhar fixo, bestial, roía monòtonamente uma flor.

Simeon ressonava no seu estrado. Publius no chão húmido. Os escravos deitavam peles sobre os dormentes. Os lampadários extinguiam-se. Vinha um frio húmido. Cantavam os galos.

Eu atravessei o pomar, subi a um terraço.

Uma claridade assustada, abatida, aparecia. Eu via ainda reluzirem lâmpadas nos pequenos bazares, que estão sob os cedros do monte das Oliveiras. Ouvia-se o rumor grave do Cédron; por vezes o grito dum chacal. Via Betânia; ali Jesus dormia sereno, puro, impecável.

Voltei aos pórticos da casa, pela rua areada do pomar. Ali havia um rumor; os escravos, agitados, falavam. Alguns da milícia do templo tinham encontrado, no pórtico de David, nas lajes, uma mulher nos braços dum homem. Era uma

adúltera; a milícia trazia-a a casa de Simeon, que naquela semana fazia a condenação dos desacatos ao templo, em nome do sanedrim. A milícia tinha sido diligente, apressada, minuciosa, porque a miserável, era mulher de Bar-Abbás, e todos queriam ver as contorções joviais, o desgosto grotesco do truão! Mas Bar-Abbás estava prostrado, imóvel, enroscado no chão.

Fui ao lugar do velário; os doutores, os fariseus acordavam; era já manhã azul; todos se erguiam, fatigados, sombrios, calados, hostis; aconchegavam-se nos mantos, lívidos, tomados do frio; procuravam os cintos das túnicas, amarravam as franjas, apanhavam, limpavam as lâminas da lei; sacudiam-se, penetrados do orvalho. Queriam água clara, fria; os escravos traziam largas conchas de jaspe; bebiam, mergulhando a cabeça, enchiam as taças; alguns iam estirar-se, de rastos, junto de um regato, e bebiam com a cabeça entre as ervas. Simeon, absorto, sonolento, bocejava:

— Vinde — dizia-lhe eu — tendes serviço; vieram uns da polícia, com uma miserável mulher.

Simeon, trémulo de frio, febril, encolhido no manto, caminhava, arrastando os coturnos, para o seu pátio civil. Fariseus, doutores, membros do sanedrim, seguiam-no. O pátio era largo, em colunas. Uma lâmpada esmorecia. O cão acorrentado rosnava.

Os da milícia falavam, riam, partiam um pão escuro, bebiam em cântaros. A mulher, caída sobre o chão, rota, sonolenta, imbecil, soluçava. A túnica, aberta, deixava ver a forma impecável do seio.

Simeon interrogava.

— Vem presa — dizia eu, com uma voz forte, que dominava, no silêncio; — acharam-na à porta do templo, no pórtico de David. Vede-a. Estava em acto de adultério.

— Oh! — disseram todos indignados.

E fariseus, escribas, sacerdotes, recuavam, escondiam a cabeça nos mantos, estendiam a mão espalmada, esconjurando:

— Lapidada, lapidada! — disseram irritados.

Alguns cuspiam-lhe sobre o seio. E saíam apressados, erguendo os mantos, para que não tocassem o chão, impuro pelo contacto da mulher adúltera.

Essen afastou-se, e falou junto ao ouvido de Simeon.

— Sim, sim — disse Simeon, e voltando-se para os da milícia: — Esta mulher que seja aqui guardada até à hora sexta.

Eu saí. Os soldados romanos abriam, com estrondo metálico, as portas de Jerusalém. A multidão apressava-se: vinham os vendedores de legumes dos hortos de Betfagé, da Betânia: os camponeses de Betel traziam os sacos de trigo: passavam solenemente as fileiras de camelos. Um beduíno de Idumeia conduzia rebanhos: as reses balavam. Do alto da torre Antónia vinha um som de trompas: entravam velhos mercadores sentados em seus burros: um vidente clamava!

VIII

Eu ia triste: o amanhecer, a aparição espiritual da aurora, enche de melancolia, depois das noites tomadas de vinho, fartas de carne. Demais, nunca os tenebrosos devotos me tinham despertado, pelo seu artifício, tão altivos desprezos.

Mal dormi, durante o resto da madrugada: à hora quarta, encaminhei-me, obscuro e inconsolado, para os meus monótonos ofícios do templo. Alguns dos fariseus, dos escribas, que se tinham rojado nas relvas de Simeon, já argumentavam, ajustavam reses para os sacrifícios.

O dia estava nublado, hostil ao homem. Eu afogava-me na melancolia: pensava nos prados da Galileia, nas águas do lago, nas espessas folhagens: Jerusalém, cidade de pedra escura e de negra intriga, pesava-me. Sentia-me desligado da vida sacerdotal. E dizia: Se eu fosse um pobre cultivador das vinhas de Safed, um semeador das planícies de Saron!

A multidão provincial enchia o templo: havia o ruído dum mercado: a minha irritação crescia: percebia em volta de mim uma influência material, dura, mesquinha, sufocante! Ia-me encostar à balaustrada da galeria de Salomão, olhava as verduras, as hortas, os cedros do monte das Oliveiras: mas tinha de entrar nos santuários, de roçar pelos fariseus, escribas, por aquelas hierarquias sacerdotais que me amargavam. As colunas enormes e brancas, as portas esculpidas em bronze

irritavam-me: invejava a erva que cresce junto às pedras dos mortos.

Aquela vida sem fé, sem dignidade, era-me tão odiosa como me seria odioso o meu corpo se ele se petrificasse, deixando-me a alma livre. Para qualquer lado que olhasse daquela organização sacerdotal, só via uma hipocrisia ou uma especulação, ou uma vaidade, ou uma humilhação: os sacerdotes que se prostram à entrada do santuário, no seu êxtase enfastiado; os argumentadores vãos, artificiais, vazios; os doentes que cantam os salmos, mendigam, riem, fazem a ostentação ruidosa das suas chagas, tudo me dava um tédio obscuro e atormentado. Sentia em mim cóleras de bárbaro: agradava-me a ideia de desprezar com um açoute aquele sacerdócio aviltado que vive do templo, lhe compreende a vaidade e lhe aceita o lucro. Quantas vezes eu percebi o sorriso imperceptível dos sacerdotes sacrificadores, diante da piedade simples e crente de pobres galileus e de provinciais ingénuos!

Invejava quase o romano, o grego, o mercador de Tiro, que não são de Jerusalém, nem do templo, que não habitam neste espaço duro, entre o Acra e o Moriah, cativos e gementes!

Que temos nós em Jerusalém de bom, de justo? — perguntava a mim mesmo.

— Temos uma pátria? Não! — E olhava a torre Antónia, onde os expedicionários, com grande ruído, atiravam à barra.

— Temos uma religião, uma fé? Não — E via os sacrificadores vestindo os pertuais, para degolar as pombas da raça sagrada, enfastiados, bocejando das noites mal dormidas na encosta de Sião

ou na rua do Alto Mercado, no leito das cortesãs de Cesareia!

— Temos nós uma ciência, uma lei elevada, forte, justa? Não! — E olhava aqueles estéreis, consumidos doutores, clamando contra uma palavra, e argumentando se os papiros devem ser enrolados, ou dobrados para agradar ao Senhor!

Até a brancura do templo, aquelas escadarias novas polidas, aqueles frisos pálidos e nítidos, me faziam o efeito do quer que fosse que não tem alma, nem passado, nem legenda! Eu sentia que o ideal já não habitava Jerusalém!

Ambicionava ter a palavra de Isaías, a ciência de Gamaliel, a popularidade de Judas Galanite, e à frente das multidões do norte, Galileus e Samaritanos, gente espontânea e forte, derrubar tudo na escura cidade, desde o pórtico onde ora o fariseu, até à ameia donde escarnece o Romano. Estes pensamentos enchiam-me — ou resultados da noite perturbada, ou sugestões dum estado elevado de consciência, ou, enfim, efeitos da reacção que em toda a alma honesta aparece um dia, contra o que ela julga o erro ou a vaidade.

— Ah! Jesus de Nazaré — pensava eu — é o único homem que nos poderia salvar, ou como um Messias, ou como um Macabeu, ou como um simples, que tem a fé e a justiça! Mas terá ele a acção?

Aqueles braços, consumidos de se erguerem em vão para o seu ideal, terão o vigor de sustentar a velha espada da pátria Judeia? Será ele o homem humano, forte, duro? Ou o seu corpo é apenas o cárcere duma alma melancólica e transcendente?

O Rabi de Nazaré tem popularidade na Galileia; as suas máximas largas, onde cabem o pecador e o pagão, chamar-lhe-ão a Samaria; a Perea é um país de profetas; o povo de Jerusalém sofre todos os dias a vexação de Roma; todo o país cultivado, que vai até Jopé, é infeliz, porque o tributo devora a seara. Poderá Jesus de Nazaré fazer este movimento popular?

Porque a ideia duma pátria perseguia-me, como uma voz que pede socorro.

— Porque não?! — dizia eu. — Surpreendi já nos seus olhos uma vontade dura: porque há-de ele ser apenas abstracção, ou símbolo?

E pensava em falar a Jesus de Nazaré. Estas ideias aliviaram-me, como inesperadas consolações.

O dia azulava-se, enchia-se de sol imortal. Eu sentia, junto aos pórticos, onde esperam as reses dos sacrifícios, o profundo mugir dos bois: tinha a sensação de natureza verde, de tempos repousados, contentes.

O templo estava cheio do rumor da multidão civil. Eu descia a larga escadaria para o pátio da balaustrada. Vi Jesus de Nazaré junto do pórtico onde estão as inscrições latinas e gregas de entrada defesa, cercado de galileus, de povo. Os de Jerusalém começavam a atender às palavras de Jesus: ainda que penetrados da educação farisaica, e limitados num espírito estreito e hostil, achavam verdade, doçura, nas parábolas do Rabi da Galileia: era o povo do baixo mercado, dos arredores de Betânia, de Betfagé, do Monte das Oliveiras. Os mercadores, os ricos, mesmo os mais afastados dos zelos farisaicos, tinham

para a palavra do Mestre o riso áspero, o desdém, ou a indiferença.

O Rabi de Nazaré estava triste. Sentia-se decerto isolado, sufocado, naquele mundo hostil, argumentador. Jerusalém devia pesar à alma delicada e aspiradora do Mestre. Lamentava decerto os seus campos da Galileia, as solidões consteladas, os pomares de Chorazin. Naquela alma passava-se uma luta dolorosa entre a fé, a convicção que o retinha em Jerusalém, e os seus instintos todos suaves, idílicos, que, com vozes amantes, o estavam levando para os prados da Galileia! A sua vida até aí tinha sido larga, fácil como a sua túnica, toda penetrada do amor, da luz paradisíaca do reino de Deus.

Em Jerusalém a sua vida seria de luta, de intriga, de hostilidade, de desdém. E onde tinha tomado o doce Mestre do lago a energia, a resistente fibra, para esses dias amargos? Nos embalos da água, no ar doce das montanhas da Galileia, na leitura serena da sinagoga de Magdala, no amor humilde dos seus companheiros? O homem muito amado pode ser forte? A felicidade simpática, as intimidades femininas, a piedade dos velhos, podem dar a dureza, a altivez, a atitude indomável? Não, não: em presença daquelas poderosas hierarquias sacerdotais, da hostilidade minuciosa dos escribas, das oposições farisaicas, da impassibilidade inimiga de Jerusalém, a sua alma acostumada a ser amada, rogada, devia fechar-se àsperamente no seu ideal, como em uma concha. O receio da morte era, nele, decerto maior do que a repugnância que devia fazer à sua alma virginal o escárnio, a argumentação vingativa, o opróbrio.

Viver sempre na Galileia, pregar o seu coração, dar-se em amor e em verdade aos infelizes mal-amados e transviados, ter a eterna serenidade do seu idílio social, que doce futuro, terno, purificado, coberto de luz!

E estava ele bem certo de convencer as almas, de converter as hostilidades? Como seria compreendida a sua palavra de amor, de igualdade, de perdão, de pobreza, neste mundo todo egoísta, avaro, hierárquico, político? Não ia ser repelido por um imenso desdém? Ele só pela sua palavra etérea, pela promessa do reino de Deus, como lutaria com estes sacerdotes que têm liteiras, milícias, escravos frígios, colunas de mármore grandes como torres, e um templo edificado como uma eternidade? E os seus olhos voltavam-se com amargura para as edificações de Herodes, o grande!

Os galileus tomaram, nas suas feições e perfil, da melancolia do Mestre: eles, pobres camponeses ignorantes, sentiam-se esmagados no meio de tantos mármores do templo, de tanta ciência de doutores, de tantas forças civis!

Jesus ia, com passos casuais, pelos terraços do templo: os seus olhos tinham um vago inefável: os discípulos mostravam-lhe ou um sacrificador revestido, resplandecente, ou as altas colunas incrustadas de jaspe, ou as lâminas de ouro do santuário: ele olhava, infinitamente triste, com um desdém abatido.

Eu estudava junto dele o movimento provável, lógico, das suas ideias: mas um grande rumor encheu o templo.

Jesus de Nazaré estava nos altos terraços, donde se domina todo o baixo recinto do templo.

Pelos pátios, pelas escadarias, aproximava-se uma multidão cheia de vozes, de gritos penetrantes.

Adiante, entre alguns da milícia sacerdotal, armados de paus, couraçados de peles de búfalo, vinha uma mulher, arrastada; escribas, fariseus, herodianos, inflamados de zelo, cheios das vinganças da lei, vinham em volta, com largos gestos de cólera, ásperas imprecações. Os negros olhos irritados reluziam. A mulher a todo o passo caía, abatia-se, duramente espancada: tinha fortes cabelos negros desmanchados, os pés riscados de sangue, a túnica despedaçada, o rosto levemente aquilino, tomado de aflição.

A multidão dura clamava: todos corriam, curiosos: vinham os vendedores de pombas, os cambiadores de ouro: os escribas saíam do santuário: vinham os pregoeiros, os demandistas, os que passeiam na rua com fardos, ou conduzindo gados; os doentes da piscina arrastavam-se, os coxos corriam com grandes deslocações nas suas muletas.

Todos interrogavam, queriam penetrar até aos soldados, aos fariseus: havia uma curiosidade bárbara: alguns subiam às balaustradas, e estendendo o manto sobre a cabeça, contra o pesado sol, olhavam àvidamente: as aves de sacrifício, assustadas, esvoaçavam, as reses balavam. Os sacerdotes revestidos à porta do santuário, sobre a tripeça de bronze, olhavam, interrogavam. A multidão enchia as escadarias e os pátios.

O Rabi de Nazaré estava no terraço, imóvel, sereno, cercado dos seus galileus: defronte dele havia um espaço batido do sol: os soldados pararam ali, e a mulher caiu sobre a pedra, sufocada,

abandonada, torcendo os braços. Era alta, escultural, de fortes cabelos, com uma semelhança pagã.

Então, num grande silêncio, um escriba, que vinha, caminhou para Jesus, e com a voz austera, altiva, disse:

— Rabi, sabemos que és justo e verdadeiro; aqui está uma mulher que foi achada em adultério nos pórticos do templo.

— Lapidada! lapidada! — prorrompeu a multidão.

Erguiam-se braços com paus; apareciam rostos inflamados; sentiam-se os gritos agudos, arrastados, das mulheres.

Jesus tinha o olhar abstracto; aos seus pés a mulher soluçava; os soldados riam.

O escriba falava, com gestos abundantes:

— Rabi — dizia — a lei de Moisés, a nossa lei, diz que a mulher adúltera deve ser lapidada; mas tu que a comentas, explica a lei; o que pensas tu, Rabi?

Jesus olhou o escriba serenamente.

— O Rabi de Nazaré perdoa sempre esses pecados — gritou alguém entre a multidão.

Sentiram-se risos. Um velho, áspero, adunco, gritava:

— Ele vive com as mulheres possessas; ele vive com os publicanos!

E um fariseu bradou:

— É o Salomão das mulheres perdidas.

Toda a multidão riu largamente, mas o escriba mostrava o plilectério onde anda escrita a lei, e exclamava:

— Ouve bem, Rabi, a lei de Moisés manda-a lapidar.

O povo cruel dizia num clamor:

— Lapidada, que seja lapidada!

Alguns fariseus gritavam:

— E o Rabi, e o Rabi de Nazaré!

Os sacerdotes, escandalizados, faziam ver os centuriões da milícia templária. A multidão era espessa; os mendigos apregoavam *posca;* os vendedores de Betfagé mostravam pombas enfeitadas de escarlate; os doentes da piscina iam entre a gente, mostrando as chagas, dizendo os salmos, pedindo dracmas; da torre Antónia algumas cabeças de legionários espreitavam.

Então uma voz aguda, vibrante, amarga, gritou:

— Essa é a mulher de Jesus Bar-Abbás.

Uma risada sonora, pesada, tomou o povo: os soldados apertavam as costelas; os sacerdotes, junto às portas da ara, riam nas suas longas barbas, fazendo oscilar as pesadas mitras cravejadas. Entretanto, os fariseus iam entre os homens, contentes de riso, dizendo:

— Esse Rabi de Galileia quer que seja perdoada; é um homem impuro, que despreza a lei.

Alguns queriam levar o Mestre perante o sanedrim.

Mas na multidão havia uma oscilação; sentiam-se gritos, risadas joviais, vozes; o povo afastava-se; e dentre a sua escura espessura vinha empurrado, repelido, atirado, um homem.

E vozes alegres bradavam:

— Aí vai Jesus Bar-Abbás, aí vai!

O homem esfarrapado, absorto, assustado, veio estacar, olhando, nessa áspera inquietação, como um boi espantado, junto de Jesus.

Era Bar-Abbás.

Viu a mulher soluçando, caída sobre as largas lajes.

E olhava, com os olhos vibrantes, voltava-se, recuava; e tomando, com ambas as mãos, violentamente, uma ponta da túnica, estendeu-a para a multidão, gritando:

— Quem dá para o luto?

O povo ria; bradava:

— Lapidai-a, lapidai-a!

Bar-Abbás dizia:

— Lapidai-a, dai-me para o luto!

E ria, com grandes contorções, com visagens. A mulher chorava.

Havia um clamor; o povo pedia a lapidação; os fariseus, os escribas diziam que o Rabi queria o perdão, o desprezo da lei.

— Fala, Rabi, fala! — gritavam-lhe dentre a multidão.

Mas Jesus olhava sereno, calado.

Então um escriba, erguendo os braços, convulso, com a voz mordente, colérica, bradou:

— Sim, sim, povo de Jerusalém! O Rabi de Galileia despreza a lei, quer o perdão da mulher adúltera.

Ergueu-se um clamor inimigo; alguns, zelosos, erguiam paus, pediam a morte.

Mas João, exaltado, tomando o braço ao escriba, bradou-lhe poderoso, irritado:

— Quem te disse que o Rabi de Nazaré perdoa à mulher adúltera? Ele manda lapidá-la.

Havia um silêncio. E Jesus, adiantando-se, em toda a nobreza da sua estatura, para a multidão, com um olhar inflamado de luz, disse:

— Sim, lapidai-a! E aquele de vós outros que se julgar sem pecado, que lhe atire a primeira pedra!

A sua voz era forte, côncava, misteriosa: — assustava.

A imensa multidão estava calada, absorta: alguns rumores elevaram-se: os fariseus, os escribas afastaram-se, rosnando. Alguns velhos choravam: vozes diziam: — É o Messias, é o Messias! Todos se dispersavam. Os largos pátios reluziam ao sol, quase desertos.

Eu afastei os soldados, soltei a mulher: os fariseus, em grupos irritados, comentavam, à porta do santuário, entre os centuriões da milícia templária.

Eu que tantas vezes assistira às lapidações de adúlteras, estava concentrado, absorto: aquela palavra, caída no meio da minha educação judaica, perturbava toda a organização do mundo interior que nos habita. Alegrava-me em ver, com uma palavra simples e genial, a hipocrisia duma raça ferida na sua essência: tinha admirações inesperadas pelo espírito harmonioso do Mestre da Galileia.

— Sim, sim — dizia eu — Jesus de Nazaré, pelo seu génio simples e justo, pela delicadeza penetrante da sua palavra, pelo seu ensino sobre a riqueza, sobre os pobres, sobre o perdão, sobre o culto, e pela influência poderosa do seu ser sobre os homens, está destinado, talvez, a ser a regeneração de Israel. Se ele tem apenas o espírito, eu terei por ele a força. Ai de mim! Ignorado, fraco, tímido, mais especulativo que activo, como poderia eu ser o homem decisivo duma insurreição?!

Mas o tédio da vida presente, uma mocidade ávida de acção, o desdém irreconciliável pelo templo e pela sua gente, o prestígio que em mim tinha a vida do agitador Judas Galanite, tudo isso e o desejo de me aproximar do Mestre da Galileia me levou a procurar João, de Cafarnaum, e a pedir-lhe, simplesmente, ràpidamente, que me levasse a Jesus de Nazaré. João disse-me que à noite estivesse junto à Porta dos Rebanhos; viria um homem que me diria esta palavra: *Shalon,* que era a saudação usada do Rabi, que o seguisse, e pela noite alta falaria a Jesus.

Uma trémula inquietação me tomou até ao anoitecer: o contacto com aquele homem, a gravidade das ideias que eu lhe levava, o perigo, tudo me tornava mais perfeito de sentidos, mais abundante de palavras, mais pronto de fé.

IX

À HORA terceira da noite, eu descia por entre os pomares, que têm a sua raiz na encosta, onde assenta o bairro de Bezeta: era num horto, junto ao monte das Oliveiras, que eu ia ver Jesus de Nazaré.

A noite estava cheia dum luar vivo, profundo: havia sombras suaves sob as largas ramagens: um silêncio doce ocupava a terra. Ouvi apenas um canto, triste, arrastado: alguma pobre mulher embalava o filho, chorava o marido levado para as legiões de Roma.

O homem que me guiava, abriu uma porta, estreita, de vime: entrei num espaço coberto por folhagem de cedro: sentia-se frescura de água, cheiro de plantas.

A Lua alumiava, defronte, um espaço aberto, areado, com um banco de pedra: aí, com os braços cruzados no regaço, a cabeça apoiada ao muro, o olhar afogado no espaço alumiado, estava Jesus.

Ergueu-se lentamente, e disse:

— Paz.

— Paz e alegria, Rabi! — disse eu. — Velavas?

— Velo sempre. Bem-aventurado o que vela! Ele é como o servo diligente, que espera acordado o seu senhor que foi para as bodas: e mal o sente chegar, corre logo a abrir.

Jesus calou-se, perdendo o olhar no inefável espaço luminoso.

Eu aproximei-me, e com uma voz profunda, convencida, disse:

— Creio em ti, Mestre!

Jesus olhava, enlevado, transcendente.

Havia um silêncio; eu estava constrangido, e dizia para o chamar às nossas comuns imaginações:

— Rabi, o que é necessário, segundo pensas, para alcançar, feliz, a vida eterna?

Jesus pousou em mim, demoradamente, os seus olhos severos.

— Serves o templo — disse — serves a lei, e não conheces a lei; a lei que diz?

— A lei — disse eu — ensina que amemos a Deus sobre tudo, e aos outros como a nós.

— E eu digo como a lei.

E olhava-me, penetrantemente: falava como num sonho, ou a alguém invisível.

— Não se pode servir bem a dois amos: um deles se há-de desprezar, outro servir. Não se adora no mesmo coração a Deus e a Moloch.

Compreendi que o Rabi não tinha confiança em mim: que me julgava um emissário do templo para lhe escutar a doutrina, e dar testemunho contra ele.

Respondi com uma dignidade dura:

— Tens para mim palavras desconfiadas, Rabi. Chama João. Ele sabe que creio em ti, e que não vou dar-vos testemunhos, que o Sanedrim põe por trás das portas dos blasfemadores da lei. O meu corpo serve e vive no templo, mas muitas vezes o meu espírito tem andado contigo, em desejo e em verdade, no teu lago de Tiberíade. Chama João.

O Rabi considerava-me atento.

— O homem — disse ele — dá testemunho do homem: só Deus conhece os corações.

— Pois bem: tu, que, segundo dizem, és hoje o maior vidente de Israel, tu julga, ou condena minha alma.

Dizia isto grave, firme, áspero. Jesus de Nazaré, com o rosto esclarecido, disse-me docemente:

— A fé salva.

E depois dum momento:

— E quem dizem então os de Jerusalém que eu sou?

— Uns, Mestre, dizem que és Elias ou o Baptista ressuscitado; outros que és o Messias; os fariseus pensam que és um blasfemador ambi-

cioso, ou um simples sincero; a maior parte ignora-te: esta é a verdade.

— E tu quem dizes que eu sou?

— Eu digo que és um homem justo e uma elevada consciência das coisas divinas. Digo que és um homem mandado providencialmente, num tempo humilhado e vil, para erguer as almas, desmascarar as hipocrisias, vingar a pátria! Penso que se tens de ter uma acção no mundo, essa deve ser insurgir-te contra a aristocracia do templo, contra este espírito estreito de Jerusalém, contra este culto pagão das tradições, contra o fariseu e contra o romano, ser o consolador e ser o vingador!

— Homem, em que espírito estás?! Eu vim a salvar as almas, e não a perdê-las.

— E é perdê-las, torná-las justas? É perdê-las o combater este sacerdócio rico e indiferente, este culto ensanguentado e hipócrita? É perdê-las o quebrar-lhes este destino que as traz escravas, sempre choradas e sempre perdidas, e agora sob o arbítrio dos favoritos imbecis de Tibério?

— Essas coisas pequenas não me pertencem: são do mundo.

— Perdoa, Rabi: mas a que vieste então? E tu quem dizes que és, te pergunto eu agora? Queres ficar eternamente pregando e contemplando no lago de Tiberíade, e andar errante pelos casais? E pensas que isso influirá sobre os homens, tanto sequer como uma folha seca? Pensas fazer uma revolução na Judeia, acariciando as cabeças louras das crianças de Chorazin, e contando parábolas, entre os campos, aos simples e às mulheres? Compreendo que a tua ambição não seja maior,

é que te baste a felicidade de um sonho na fraternidade dos simples. Mas então para que vieste a Jerusalém? Para que pregas no templo? Se tu não és uma iniciativa revolucionária, o que és então? Que és tu, se não és uma forte intensidade de vontade? As máximas que tu pregas são de Hillel, são de Gamaliel, são de Jesus de Sirach: sei que há coisas novas no teu ensino, mas o que nelas há de grande é a tua força de convicção, e a tua fé, e a tua profunda virtude, e o teu amor do sacrifício, e a tua infinita vontade. De que te servem então estas qualidades, para que as guardas? Não és tu Judeu? Não é tua mãe de Caná? Não podia teu pai ser levado legionário para Roma? De que nos servem essas parábolas, essas ironias, essas respostas excelentes, se elas não vão ferir a riqueza do saduceu, a hipocrisia do escriba, a vexação do romano? Queres abster-te da acção? Imaginas que as prédicas do templo e o ensino sobre as montanhas, só pela sua verdade abstracta, podem combater, vencer um mundo completo, organizado, civil, rico, amado? Imaginas que se pode repetir o milagre das trompas de Jericó! Crês tu que um mundo inteiro, tribunais, templos, ofícios, mercados, sacerdócios, escolas, tudo fortemente ligado, se dissipe como uma visão, porque um homem simpático se ergue num caminho e diz: — Amai-vos uns aos outros, e sereis amados do vosso Pai celeste! — Não! tal não será, Rabi!

— Pela vossa incredulidade! que se tivésseis a fé, tanta — eu sei? — como um grão de mostarda, e dissésseis àquele monte: passa-te daí! o monte passaria! Oh! geração incrédula, geração incrédula, até quando estarei entre ti?

O Rabi dava largos passos, atormentado, doloroso.

— Rabi, Rabi, escuta-me! Eu tenho a tua fé, amo o teu reino de Deus. Mas o teu Deus consola muito em cima, e nós sofremos e choramos muito baixo na terra.

Jesus estava tomado de incerteza, de amargura. Eu dizia:

— Escuta, Rabi: consinto que, só pela tua palavra, tu possas realizar o teu reino de Deus. Mas então deixa esses galileus simples, liga-te aos homens que têm a força, a ciência e o segredo das coisas humanas: nós seremos a acção, sê tu o nosso Messias. Na Judeia, nada se faz sem um profeta! Como tens tu pensado realizar o teu reino de Deus? Pela doçura e pela paciência, ou pela força e pela revolta? Não podes hesitar, se pensas. Queres fazer um renascimento, com os galileus que te cercam, com os publicanos infelizes, com os doentes que curas, com os miseráveis que consolas, com as mulheres que te amam, com as crianças que te sorriem?

— Deus esconde muitas coisas aos sábios, que revela às crianças.

— Para que pregas então no templo, contra os fariseus e os príncipes?

— Deixa pelo espírito dos simples e crianças operar-se a regeneração!

— Na verdade, Rabi, diz-me: entendes tu que no mundo nada vale, e que só o teu ideal pode dar felicidade e sossego? Professas tu o desdém?

— Só o desdém dá a paz.

— Dá a inércia, o sacrifício e as virtudes passivas. E se amanhã tu pudesses começar a ver

realizado no mundo esse reino dos pobres, dos simples, dos pequenos? Se pelo menos visses uma terra bem preparada para a tua palavra? Se visses tudo transformado, por uma acção enérgica, revolucionária, pela nossa acção?

Jesus caminhava, inquieto: o seu olhar vibrava. As minhas palavras davam-lhe inesperadas perturbações.

Nós víamos o templo luzir na branca polidez da pedra sob o luar: eu dizia-lhe, profundo:

— Olha, vê o templo: hoje ali tudo é intriga, artifício, aparato, riqueza, sangue, hipocrisia, vaidade: amanhã seria o lugar mais santo da terra.

Jesus cobria o templo com um vasto olhar, cheio da fulguração do seu desejo. Eu tinha-lhe tomado as mãos, dizia-lhe baixo, junto à face:

—Ouve: em Jerusalém há descontentes: alguns membros do sanedrim estão irritados com a família de Elanan, com Beotos; Gamaliel não ama o templo; o baixo povo do mercado detesta fariseus e escribas; é nosso; a Galileia é nossa; a Perea é nossa; mandar-se-ão emissários a Jopé; toda a Judeia se erguerá: — tu serás o profeta. Queres? O teu sonho do lago de Tiberíade será então vivo, real, palpável, existente sob as nuvens! — Queres?

A noite era imortalmente bela: havia uma bondade no ar: o mundo parecia-me possuído de um elemento diverso.

Eu falava confusamente, ora contra os fariseus, ora contra os romanos: e não conhecia nem a força de Roma, nem o poder sacerdotal, nem a inércia dum povo egoísta. Uma grande tentação cativou o espírito do Mestre. Eu dizia-lhe, tomando-lhe as mãos:

— Rabi, Rabi, depois do fariseu, será a vez do romano! Tu serás o maior da Judeia: terás glorificado o pobre, terás humilhado o rico, terás aniquilado o hipócrita, terás expulso o romano: serás pela justiça igual a Ezequiel, pela força igual aos Macabeus: serás como David, terás a Palestina desde o Jordão até ao mar, e serás o rei de Israel.

Eu falava exaltado: mostrava-lhe Jerusalém e dizia-lhe:

— Terás a Palestina até ao mar, serás o rei de Israel!

Mas Jesus, erguendo a mão, mostrando-me com um gesto elevado e transcendente o céu cheio da Lua serena, o inefável silêncio, a pura beleza do infinito, o profundo mistério onde Deus habita, disse-me:

— Vai-te: o meu reino não é deste mundo!...

Olhei longamente o Rabi, lamentei o seu desdém, sorri da sua palavra: e calado, concentrado, saí pelo caminho de Betfagé.

Uma claridade aparecia: os galos cantavam. No outro dia, pela hora da tarde, Jesus, seguido dos seus, subiu para a Galileia.

. . . . . .

. . . . . .

FIM

ÍNDICE

	Págs.
Introdução	5
Notas marginais	55
Macbeth	69
A Ladainha da Dor	81
Entre a neve	99
Os mortos	111
A Península	119
O «Miautonomah»	129
Misticismo humorístico	139
O Milhafre	147
Lisboa	157
O Senhor Diabo	169
Uma carta	185
O lume	199
Mefistófeles	207
Memórias duma forca	213
A morte de Jesus	229

UMASS Dartmouth
3 2922 00384 648 9

DUE DATE

	201-6503		Printed in USA

PQ 9261 .E3 P7 1912
Queir os, E ca de, 1845-
1900.
Prosas b arbaras

OBRAS DO GRANDE
POETA LÍRICO

GUERRA JUNQUEIRO

A MORTE DE D. JOÃO

A MUSA EM FÉRIAS

OS SIMPLES

A VELHICE DO PADRE ETERNO, com um prefácio inédito do autor, edição ilustrada

PATRIA

FINIS PATRIAE

POESIAS DISPERSAS

PROSAS DISPERSAS

HORAS DE COMBATE

PROMETEU LIBERTADO

VIBRAÇÕES LÍRICAS, 1 volume contendo **O Século, Oração ao Pão, Oração à Luz, Caminho do Céu e Prometeu Libertado**

HORAS DE LUTA, 1 volume contendo **Um Prefácio de Mayer Garção, Vitória da França, O Crime, Finis Patriae, Marcha do Ódio, Discursos e Manifestos, Execução de uma Quadrilha**

CONTOS PARA A INFANCIA

ANTOLOGIA PARA A JUVENTUDE